

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CLAUDIA ADRIANA SOUZA SANTOS

**O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM HINOS DE
FOLIAS DE REIS – MONTES CLAROS/MG**

Uberlândia
2016

CLAUDIA ADRIANA SOUZA SANTOS

**O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM HINOS DE
FOLIAS DE REIS – MONTES CAROS/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: (i) Teoria, descrição e análise linguística.

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S237a Santos, Claudia Adriana Souza, 1975-
2016 O alçamento das vogais pretônicas em hinos de folias de reis -
Montes Claros /MG [recurso eletrônico] / Claudia Adriana Souza
Santos. - 2016.

Orientador: José Sueli de Magalhães.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.977>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Língua portuguesa - Variação.
4. Folia de reis - Montes Claros (MG). I. Magalhães, José Sueli de
(Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Gerlaine Araújo Silva - CRB-6/1408

Cláudia Adriana Souza Santos

**O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM HINOS DE
FOLIAS DE REIS – MONTES CLAROS/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Uberlândia, 28 de julho de 2016.

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães
Orientador (UFU)

Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Vieira Coelho
Examinadora (UNIMONTES)

Prof^a. Dra^a. Adriana Cristina Cristianini
Examinadora (UFU)

Suplentes

Prof^a. Dr^a. Eliana Dias
Examinadora (UFU)

Prof^a. Dr^a. Juliana Bertucci Barbos
Examinadora (UFTM)

*Dedico este estudo
à minha mãe, Dona Waldeci, e à minha filha, Elisa.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, que me deu forças para perseverar diante de tantas dificuldades.

À minha mãe Waldeci e ao meu pai Zuza (*in memoriam*), porto seguro da minha vida. Obrigada por me fazerem o que sou e pelos ensinamentos que só a lembrança pode alcançar.

À minha filha Elisa e ao meu esposo Edilson por terem aguentado com amor tantas ausências.

Obrigada, Tia Fá, minha querida irmã, por sempre ter me incitado a querer mais e a acreditar em mim.

Aos meus irmãos, sobrinhas, cunhadas, por tornarem mais leve a minha vida e por enchê-la de alegria independentemente das circunstâncias.

Ao meu professor e orientador José Sueli de Magalhães, pela extrema paciência, por todos os direcionamentos, meus eternos agradecimentos. Que honra foi para mim conhecê-lo!

A minha amiga Claudia Braga, pela amizade, pelo companheirismo, pela força, por ter se aventurado nessa empreitada comigo desde o início.

A Solange Afonso Mota, Diretora da Escola Municipal Dominginhos Pereira, pelo apoio e por acreditar que eu seria capaz. Obrigada por tudo!

Às colegas Imaculadae Michele que sempre se colocaram a disposição quando precisei e, acima disso, pela amizade.

Às colegas e amigas Celijôse e Janine, professoras exemplares e competentes, pela força, companheirismo, união, por formarmos um grupo de trabalho tão íntegro e dedicado.

Ao PPGEL pelas informações e direcionamentos.

Ao GEFONO, pelas leituras e estudos que abriram meu entendimento.

Às Professoras Adriana Cristina Cristianini e Talita de Cássia Marine pelas valiosas contribuições por ocasião da qualificação de minha pesquisa.

Aos colegas Giselly, Guilherme, Luan, Luana, Otávio, por dividirem o tempo e a aprendizagem comigo.

De modo especial, à Fernanda Alvarenga Rezende, pela disponibilidade e atenção, pelo apoio, pelas aulas sobre o *GoldVarb X* e por ter me ajudado na análise de dados. Eterna gratidão a você.

A Anízia que cuidou de minha família, especialmente da minha filha, durante todo o curso com tanta dedicação e carinho.

A Raquel Mendonça, Gerente de Preservação e Promoção do Patrimônio Cultural de Montes Claros, pela atenção e por ter intermediado os nossos contatos e acesso aos Hinos de Folias de Reis.

Ao Senhor Alcides Dias Machado, pela gentileza de disponibilizar-me os CDs com os Hinos.

A Igor Jorge Kimo, por ter disponibilizado material tão importante para o meu trabalho.

“Nunca se negou que as línguas mudam. O eventual aparecimento de um (...) traço qualquer pode trazer consigo o germe de uma mudança (...), desencadeando-se um processo de expansão (...), seguindo, de uma forma ou de outra, a destinação dos seres vivos”.

Bisol (1981, p. 21)

RESUMO

O principal objetivo deste estudo foi descrever e analisar o alçamento variável das vogais médias /e/ e /o/ na posição pretônica presentes nos Hinos de Folias de Reis de Montes Claros/Minas Gerais, em palavras como d/e/sp/e/dida ~d[i]sp[i]dida e ass/o/ciação ~ass[u]ciação, e buscar identificar os condicionamentos que favorecem a ocorrência do fenômeno que provoca o alçamento entre as vogais /e/ ~ /i/ e /o/ ~ /u/. Este trabalho foi norteado metodologicamente pelos preceitos da Teoria da Variação, proposta por Labov ([1970]2008). Os estudos com dados de fala de Bisol (1981), Viegas (1987), Celia (2004), Viana (2008), Silva (2009), Tondineli (2010), Felice (2012), e com dados de escrita de Magalhães (2013) e Bençal (2014) fundamentam esta dissertação. As variáveis linguísticas consideradas na análise foram: Contexto precedente Modo de Articulação, Contexto precedente Ponto de Articulação, Contexto seguinte Modo de Articulação, Contexto seguinte Ponto de Articulação, Altura da vogal da sílaba tônica, Qualidade da vogal tônica, Distância da sílaba tônica, Tipo de Sílaba, Item lexical. Após a transcrição ortográfica dos hinos, selecionamos e codificamos todos os dados referentes à manutenção e ao alçamento das vogais médias altas /e/ e /o/ na posição pretônica para, enfim, submetê-los ao pacote de programas *GoldVarbX*. As rodadas no programa estatístico resultaram em um total de 354 ocorrências de /e/ e de /o/ na sílaba pretônica, sendo 44 com a realização de [i] e 53 com a realização de [u] nessa posição de sílaba. Os resultados que obtivemos mostraram que, nos Hinos de Folias de Reis de Montes Claros/MG, o alçamento das vogais /e/ e /o/, em posição pretônica, não se dá prioritariamente pela regra de harmonia vocálica, uma vez que os dados apontam para um indício de difusão lexical.

PALAVRAS-CHAVE: alçamento; vogais médias pretônicas; variação, folias de reis.

ABSTRACT

The main objective of this study was to describe and analyze the variable raising of the mid vowels / e / and / o / in pre-stressed position present in the hymns of the Reis Revelry (Folia de Reis) from Montes Claros / MG, in words as d/e/sp/e/dida ~ d[i]sp[i]dida and ass/o/ciação ~ ass[u]ciação, and seek to identify the conditionings that favor the occurrence of the phenomenon that causes the raising among the vowels /e/ ~ /i/ and /o/ ~ /u/. This work was methodologically guided by the Variation Theory precepts proposed by Labov ([1970] 2008). Studies with speech data by Bisol (1981), Viegas (1987), Celia (2004), Viana (2008), Silva (2009), Tondineli (2010), Felice (2012), and writing data by Magalhães (2013) and Bençal (2014) support this dissertation. The linguistic variables considered in the analysis were: previous Context Articulation Mode, previous Context Articulation Point, following Context Articulation Mode, following Context Articulation Point, the stressed syllable vowel Height, stressed vowel Quality, stressed syllable Distance, Type of Syllable, Lexical item. After the orthographic transcription of the hymns, we selected and coded all data relating to the maintenance and to the raising of the mid high vowels /e/ and /o/ in pre-stressed position to finally submit them to GoldVarb X software package. The rounds in the statistical program resulted in a total of 354 occurrences of /e/ and /o/ in pre-stressed syllable, 44 with the performance of [i] and 53 with performance of [u] in this syllable position. The results we obtained showed that in the Reis Revelry from Montes Claros/MG, the raising of the vowels / e / and / o / in pre-stressed position is not priority given by the vowel harmony rule, since the data point out to an evidence of lexical diffusion.

KEYWORDS: raising; pre-stressed medium vowels; variation, reis revelries.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sistema vocálico tônico oral do Português Brasileiro	20
Figura 2 – Sistema vocálico tônico seguido de nasal	21
Figura 3 – Sistema vocálico em posição átona	21
Figura 4 – Sistema de vogais átonas postônicas não-finais	23
Figura 5 – Sistema de vogais átonas postônicas finais	23
Figura 6 – Sistema vocálico do PB	22
Figura 7 - Microrregião de Montes Claros	70
Figura 8 - Casa da sede da Fazenda dos Montes Claros	71
Figura 9 – Ligações rodoviárias no Norte de Minas	72
Figura 10 – Subcentros de Montes Claros	74
Figura 11 – Isófona de [ɛ] e de [ɔ] em Minas Gerais	75

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –Estatística total do Alçamento da Pretônica /e/	89
Gráfico 2 –Estatística total do Alçamento da Pretônica /o/	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Alçamento do /e/	49
Quadro 2 –Alçamento do /o/	50
Quadro 3 – Resumo de estudos sobre as Vogais Pretônicas no PB	51
Quadro 4 – Resumo das variáveis.....	83
Quadro 5 – Transcrição ortográfica	84
Quadro 6 – Comparativo dos resultados	102
Quadro 7 – Comparativo: dados de Montes Claros	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Amostra de dados para alçamento e para manutenção das vogais médias pretônicas /e/ e /o/	90
Tabela 2 – Quantificação de dados de pesquisas	91
Tabela 3 – Tipo de sílaba	93
Tabela 4 – Distância do início da palavra	94
Tabela 5 – Qualidade da vogal tônica.....	95
Tabela 6 – Item lexical	96
Tabela 7 – Contexto precedente – Modo de articulação	98
Tabela 8 – Contexto precedente – Ponto de articulação	98
Tabela 9 – Contexto precedente – Modo de articulação	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1.1 O Sistema Vocálico do Português Brasileiro	20
1.1.1 As vogais pretônicas do PB e processos fonológicos que atuam sobre elas	24
1.1.1.1 Alçamento da Vogal Pretônica.....	25
1.1.1.2 Harmonização Vocálica	27
1.2. Neogramáticos versus Difusionistas.....	28
2. O MODELO TEÓRICO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	31
2.1 Princípios variacionistas	32
3. O FENÔMENO EM ESTUDO	36
3.1 As vogais pretônicas do PB sob a perspectiva sincrônica.....	36
3.1.1 (Bisol, 1981) - Harmonização vocálica: uma regra variável	36
3.1.2 (Viegas, 1987) - Alçamento das vogais médias pretônicas: uma análise sociolinguística.....	38
3.1.3 (Celia, 2004) – As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia/ES40	
3.1.4 (Viana, 2008) – As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística.....	43
3.1.5 (Silva, 2009) - As pretônicas no falar teresinense.....	44
3.1.6 (Tondineli, 2010) - A variação fonética das vogais pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG	46
3.1.7. (Felice, 2012) – Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense.....	48
3.1.8 Resumo dos estudos sobre as Vogais Pretônicas do PB.....	51
3.2 O alçamento das vogais médias sob perspectiva diacrônica	52
3.2.1. Alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX.....	53
4. METODOLOGIA.....	60
4.1 Ternos de Folias de Reis	60
4.1.1 Origem	60
4.1.2 Nome e Formação	62
4.1.3 Apresentações	64
4.1.4 Montes Claros: Celeiro de Folias.....	65

4.1.5 Ternos de Folia de Reis: Mestre Joaquim Poló e Semelhança dos Três Reis Magos	67
4.2. Breve histórico de Montes Claros - MG.....	69
4.3 A coleta e a seleção dos dados	76
4.4 Seleção das Variáveis.....	77
4.4.1 Variável dependente.....	78
4.4.2 Variáveis independentes.....	78
4.4.2.1 Variáveis independentes linguísticas	79
4.4.2.1.1 Contexto precedente à vogal pretônica	79
4.4.2.1.2 Contexto seguinte à vogal pretônica	79
4.4.2.1.3 Altura da vogal tônica	80
4.4.2.1.4 Qualidade da vogal tônica	80
4.4.2.1.5 Distância da sílaba tônica.....	81
4.4.2.1.6 Distância do início da palavra	81
4.4.2.1.7 Tipo de sílaba pretônica	81
4.4.2.1.8 Item Lexical	82
s 83	
4.4.3 Codificação dos dados.....	84
4.5. O programa estatístico <i>GoldVarbX</i>.....	86
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	88
5.1 Análise estatística da regra variável de alçamento na vogal /e/	92
5.1.1. Tipo de Sílaba	93
5.1.2. Distância do início da palavra	94
5.1.3. Qualidade da vogal tônica.....	95
5.1.4. Item lexical.....	96
5.1.5 Contexto precedente – Modo de articulação.....	97
5.2 Análise estatística da regra variável de alçamento na vogal /o/.....	99
5.2.1 Contexto precedente – Modo de Articulação	100
5.3 Conclusão sobre o alçamento das vogais /e/ e /o/ nos Hinos de Folia de Reis – Montes Claros/MG.....	101
5.4 Quadro Comparativo: dados de Montes Claros	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS.....	113

INTRODUÇÃO

O advento da ciência linguística possibilitou o estudo da estrutura e o funcionamento das línguas naturais, assim como o conhecimento e a compreensão sociocultural da comunidade na qual ela está inserida, ou seja, a língua só existe por causa das pessoas que a falam.

É a língua, desse modo, que faz a unidade da linguagem e, para encontrar a esfera correspondente à língua no conjunto da linguagem, deve-se observar o circuito da fala, o ato individual, o mecanismo psicofísico, que permite ao falante exprimir a língua como expressão do pensamento.

As línguas são fundamentalmente dinâmicas e, nos termos de Martelotta (2011, p. 27), “no quadro de dinamicidade das línguas [...] há uma grande quantidade de variação no uso de uma língua”, apresentando variações de diversas naturezas, sejam elas fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, semântico-lexicais, discursivas e pragmáticas, visto que os falantes fazem escolhas por sons, vocábulos, estruturas. Tais realizações não dependem apenas de critérios linguísticos, são também resultados da combinação de fatores geográficos, sociais, histórico-temporais, que levam em consideração sexo, faixa etária, dentre outros.

A partir daí, entende-se a língua como organismo vivo, submetida à variação, exposta à mudança. Uma concepção naturalista da linguagem, fundamentada nas teorias evolucionistas de Charles Darwin e na compreensão da língua como um organismo vivo, que nasce, se desenvolve e morre, foi estabelecida pelos neogramáticos que conferiram a evolução histórica das línguas a determinadas leis fonéticas, regulares e imutáveis, a partir das quais seria possível restaurar as formas originais de que haviam surgido. Não obstante as evidentes limitações dessa abordagem fonética, o método e as técnicas dos neogramáticos influenciaram os linguistas que vieram depois.

Notadamente, as teorias desenvolvidas nas correntes linguísticas durante a primeira metade do século XX também foram importantes, a exemplo do alemão Wilhelm Von Humboldt, precursor do estruturalismo linguístico de Ferdinand de Saussure e para quem, conforme Silva (2008, p. 20), “a língua, organismo vivo e manifestação do espírito, era uma atividade e não um ato”. Essa concepção estruturalista compreendeu a língua como um conjunto orgânico constituído por uma forma exterior (sons), estruturada e dotada de sentido por uma forma interior, próprio de cada língua.

Em favor disso, o sistema linguístico submetido à variação, exposto à mudança, leva-nos a pensar na heterogeneidade da língua, visto que cada comunidade assume um comportamento peculiar, o que promove a variação linguística específica dos falantes dessa comunidade. No Português Brasileiro, por exemplo, as vogais pretônicas podem marcar a variação dialetal, promovendo a caracterização de uma comunidade linguística.

Por conseguinte, a linguagem com foco nos elementos da cultura popular tem sido objeto de estudos diversos, principalmente daqueles de natureza sociolinguística, por mostrarem como a língua se relaciona em diferentes contextos socioculturais, tornando possível, assim, explicar e justificar fatos que apenas a linguística não daria conta, visto que “Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo” (BARBOSA, 1981, p.158. citado por FERREIRA, SOUSA e BELO, 2013).

Os fatores que levam as palavras a mudarem são diversos e, ademais, não podemos fazer uma escolha entre a mudança e a estabilidade da língua. Na verdade, “somos empurrados a construir uma linguagem já que vivemos em sociedade e precisamos fazer comunicação com quem está em nossa volta” (FERREIRA, SOUSA e BELO, 2013), porque somos dotados de necessidades comunicativas. É importante entender, então, a língua em sua pluralidade, em vista de suas peculiaridades histórica, geográfica ou social, determinadas nos estudos como variedade.

No que se refere, por exemplo, ao sistema vocálico do Português Brasileiro, esse caráter variável, peculiar à alternância na articulação da fala, promove mapeamentos alternantes nas posições pretônica, tônica, postônica e átona final, resultando em um sistema vocálico submetido a um processo que se configura, conforme os estudos de Camara Jr. (2014)¹, em um sistema de sete vogais na posição tônica, reduzido para cinco vogais na posição pretônica, quatro na posição pós-tônica não final e três na posição átona final.

Desse modo, para compreender o processo de variação das vogais médias pretônicas, faz-se pertinente buscar outros estudos realizados sobre o tema, bem como, primeiramente, remontar o histórico da evolução do sistema vocálico do Português Brasileiro, discorrer sobre o subsistema pretônico e analisar pesquisas já realizadas sobre o alicamento das vogais médias pretônicas.

¹ Para este trabalho consultamos a 46ª edição da obra **Estrutura da Língua Portuguesa**, cuja primeira edição foi publicada em 1970.

Tendo como norte uma das principais características das línguas naturais, que é a variação, e a evidente manifestação variável do sistema pretônico das vogais do português, esta pesquisa pretende, diferentemente daquelas cujos olhares são exclusivamente para a fala, focar-se no alçamento das vogais médias pretônicas, a partir de levantamento de dados de canções denominadas **ternos de reis**. FERREIRA, SOUSA e BELO (2013) já haviam se proposto a “descrever algumas peculiaridades no falar (...) que se evidenciam nas cantigas de Reisados”. Contudo nesta pesquisa, tendo como *corpus*² músicas cantadas pelos Ternos de Folias de Reis do Município de Montes Claros – MG, procuraremos verificar em que medida o alçamento vocálico é perceptível nas canções em se comparando com o já observado na fala e na escrita.

A escolha desse fenômeno próprio das pretônicas surgiu da observação das cantigas populares, que inicialmente era apenas intuitiva, e de leituras de trabalhos sobre o tema como Bisol (1981), Viegas (1987), Guimarães (2006), Dias (2008), Viana (2008), Silva (2009) Tondinelli (2010), Felice (2012) e Rezende (2013), assim como Magalhães (2013) e Bençal (2014).

O objetivo principal deste trabalho de pesquisa é **investigar o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ pretônicas a partir dos hinos de Folias de Reis e os processos fonológicos que atuam sobre elas**. Como objetivos específicos, pretendemos:

- verificar os fatores linguísticos que condicionam o alçamento ou a manutenção das vogais /e/ e /o/;
- descrever o comportamento das vogais pretônicas com relação ao sistema vocálico pretônico que prevalece na região de Montes Claros por meio de comparação de processos identificados e dados levantados em pesquisas já realizadas.

Nesse sentido, a partir dos objetivos traçados e com base em inúmeras leituras realizadas, propusemos as seguintes hipóteses, as quais buscaremos confirmar ou refutar por meio de resultados da pesquisa:

- há nas cantorias dos Ternos de Reis uma transferência das pronúncias do falante para a música;
- as cantorias de Folias de Reis representam um reflexo do falar norte-mineiro;
- há maior número de ocorrências de alçamento do /e/ do que do /o/ em posição pretônica;

² Termos específicos, alguns exemplos e estrangeirismos foram destacados em itálico e negrito.

- a regra variável de Harmonia Vocálica aplica-se na maior parte das ocorrências de alçamento das vogais médias pretônicas e o gatilho motivador é uma vogal alta na sílaba tônica imediatamente seguinte;
- os contextos de alçamentos das vogais pretônicas /e/ e /o/ são distintos, salvos os alçamentos explicados pela regra de Harmonia Vocálica;
- as pretônicas mais próximas da sílaba tônica e as mais próximas do início da palavra são mais suscetíveis favoráveis ao alçamento.

Considerar, então, esses cantos conhecidos como Hinos de Ternos de Folias de Reis, ou seja, cantos entoados nos reisados, a partir do levantamento de fenômenos aplicados às vogais médias pretônicas para traçar o modo como os falares estão imbricados nas atividades culturais, leva-nos a entender as marcas linguísticas da fala presentes nas cantorias de reisado e, igualmente, apresentar um desenho do falar norte-mineiro a partir de fenômenos dos falares transferidos para as canções populares.

Este trabalho é constituído, para tanto, de cinco capítulos.

No Capítulo 1, apresentamos a Fundamentação Teórica que embasa a pesquisa, no qual explanamos sobre o Sistema Vocálico do Português Brasileiro, das perspectivas Neogramáticas *versus* Difusionistas.

Em seguida, o capítulo 2 apresenta o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista consolidada pelas pesquisas de William Labov (2008)³.

No capítulo 3, apresentamos uma revisão de trabalhos que investigaram o comportamento da vogal média pretônica do Português Brasileiro: Bisol (1981), Viegas (1987), Celia (2004), Viana (2008), Silva (2009), Tondineli (2010), Felice (2012), e um quadro-resumo desses trabalhos, assim como retomamos também resenhas de trabalhos que apresentam um estudo histórico das vogais pretônicas em textos escritos: Magalhães (2013) e Bençal (2014).

No Capítulo 4 é apresentada a Metodologia, com explanação sobre os Ternos de Folias de Reis, breve histórico da cidade de Montes Claros/MG, descrição da coleta, seleção e codificação dos dados e as etapas do programa estatístico *Goldvarb X*.

No capítulo 5, procedemos às análises dos dados conforme seleção das variáveis apontadas pelo programa estatístico, assim como realizamos análise comparativa com os dados de Tondineli (2010) e retomamos os pontos de vista Neogramático *versus* Difusionista.

³ Esse é o ano de tradução da obra original *Sociolinguistic Patterns*, publicada em 1972, para o português.

Após as considerações finais, listamos as referências que alicerçaram a presente pesquisa.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O Sistema Vocálico do Português Brasileiro

O ponto de partida para a descrição do sistema vocálico do Português Brasileiro (doravante PB) é o estudo estruturalista de Camara Jr. (2014) que apresenta um sistema de sete vogais orais a partir da posição tônica. Segundo o autor, “são sete fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones” (2014, p. 39) e que “A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez os traços distintivos vocálicos, pois, para o autor, [...] a classificação das vogais como fonemas tem de partir da posição tônica. Daí se deduz as vogais distintivas portuguesas” (ibidem, 2014, p. 40-41).

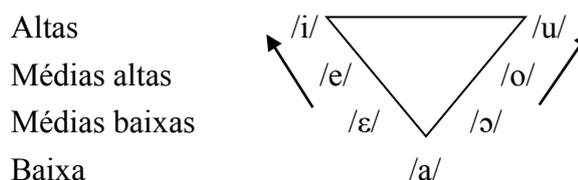


Figura 1 – Sistema vocálico tônico oral do Português Brasileiro.
Fonte: Adaptado de CAMARA JR. (2014, p. 41).

Conforme essa representação de Camara Jr. (2014), as vogais do PB formam um sistema triangular e podem ser baixas, médias baixas, médias altas e altas. Assim, na posição tônica é que encontramos o caráter distintivo das vogais e o que permite tal descrição, como em ‘*m[o]lho / m[ɔ]lho, s[e]co / s[ɛ]co, t[i]do / t[u]do, m[a]la / m[ɔ]la*⁴.

Mattos e Silva (2006, p. 52) considera que esse sistema vocálico tônico de sete vogais foi herdado do latim vulgar para o português arcaico e “persiste na maioria dos dialetos contemporâneos da língua portuguesa”, o que nos leva a concordar que o sistema vocálico do português em posição acentuada é mais conservador em relação às posições átonas.

No entanto, há alteração nesse sistema quando a sílaba tônica é seguida de consoante nasal na mesma sílaba. A oposição entre as vogais desaparece, o que favorece a neutralização das posições médias com eliminação das vogais médias baixas, ocorrendo

⁴ As representações entre colchetes referem-se à transcrição fonética e indicam que se trata de um fone, ou seja, estão relacionadas à fala.

apenas as médias altas e a redução do sistema a cinco vogais. Por exemplo: *'s[i]nto*, *d[e]nte*, *c[a]mpo*, *p[o]nte*, *ch[u]mbo*⁵.

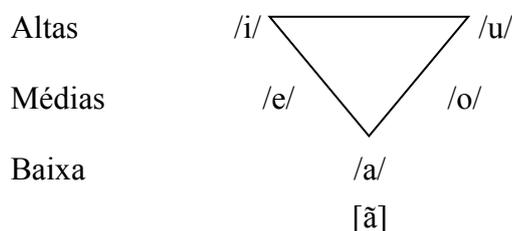


Figura 2 – Sistema vocálico tônico seguido de nasal.
Fonte: Adaptado de CAMARA JR. (2014. p. 41).

Assim, a partir da figura 2, como em *d[e]nte* e *p[o]nte*, não se pode ter **d[ε]nte* e **p[ɔ]nte*, ou seja, o PB não permite vogais médias baixas seguidas de nasal em posição tônica.

Essa consoante nasal de travamento é descrita pelo autor como um arquifonema /N/, representando a neutralização da nasal em posição de ataque silábico, que mantém o traço comum da nasalidade, sendo articulada dependendo da consoante seguinte (labial /m/- campo, dental /n/ - canto, palatal, velar/ ɲ/ - canga).

Já em posição átona, o sistema triangular de Camara Jr. (2014) passa a contar igualmente ao sistema de vogais tônicas seguidas de nasal, com cinco vogais, visto que também ocorre a neutralização das vogais médias altas e médias baixas.

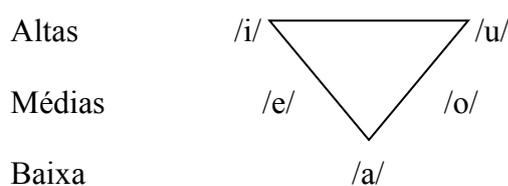


Figura 3 – Sistema vocálico em posição átona.
Fonte: Adaptado de CAMARA JR. (2014. p. 41).

O sistema pretônico, então, conserva a triangulação proposta por Camara Jr. (2014), para o qual são cinco vogais em posição pretônica. As vogais médias baixas são neutralizadas em favor das vogais médias altas. Assim, toma-se como paradigma a distinção /ò/ - /ô/ em posição tônica, prevalecendo a vogal média alta em posição

⁵ As representações entre barras referem-se à transcrição fonológica. As barras indicam que se trata de um fonema, ou seja, não é o que produzimos na fala, é o que está internalizado, é uma construção mental que está relacionada com a língua.

pretônica. Por exemplo, “entre forma (com /ò/ tônico) e forma (com /ô/ tônico) [...] o adjetivo derivado do primeiro desses substantivos (forma com /ò/ tônico) é *formoso* em que se tem /for/ por causa da posição átona (pretônica) da sílaba” (CAMARA JR., 2014, p. 45)⁶, ou seja, “a vogal pretônica mantém-se firme em vocábulos derivados, paradigmaticamente associados aos vocábulos primitivos em que ela é tônica” (ibidem, CAMARA JR., 2014, p. 45).

Dessa forma, entende-se por neutralização “[...] a perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica. Ex.: caf[ε] – caf[e]teira, b[ε]lo – b[e]leza, s[ɔ]l – s[o]lço, em que [...] o traço distintivo que separa em duas unidades /e/ e /ε/, assim como /o/ e /ɔ/, é perdido na posição pretônica” (BATISTI, VIEIRA, 2014, p. 167).

Mesmo considerando esse sistema pretônico de cinco vogais, no que tange à ausência das vogais abertas /ε/ e /ɔ/ em posição pretônica, Mattos e Silva (2006, p. 61) levanta o questionamento: “haveria variação fonética entre vogais médias abertas e médias fechadas do tipo [e] / [ε], [o] / [ɔ]?”. A questão encontra hipótese em Teyssier (1994, p. 43) que considera o sistema vocálico em posição pretônica para o português arcaico, já em fase final, em meados de 1500, constituído de oito vogais. Para Teyssier (1994), as vogais médias abertas tratam-se da contração de antigos hiatos do português. No entanto, Fonte (2010, p. 87) esclarece que esse sistema considerado por Teyssier não é válido para o português arcaico do século XIII e que os estudos analisados por ela “nada comprovam a respeito da possibilidade de existir (...) variação fonética entre vogais médias abertas /ε, ɔ/ e médias fechadas /e, o/”. Para esta autora, então, o sistema pretônico constitui-se mesmo de cinco vogais, não havendo “distinção fonológica entre vogais médias abertas e fechadas”.

Agora, em posição postônica não-final ocorre outra redução, passando o sistema a contar com quatro vogais, conforme visão de Camara Jr. (2014), que também caracteriza esse sistema vocálico como postônicas dos proparoxítonos ou penúltimas átonas. Como em ‘*vít[i]ma, núm[e]ro, lamp[a]da, óc[u]los*’.

⁶ Estudo de Camara Jr. a partir do português brasileiro (base do registro formal do dialeto social culto) centrado no Rio de Janeiro.

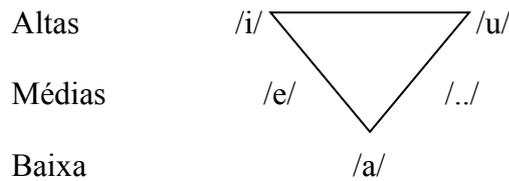


Figura 4 – Sistema de vogais átonas postônicas não-finais.
Fonte: Adaptado de CAMARA JR. (2014. p. 41).

Nesse sistema, as posições médias de /e/ e /o/ tendem a harmonizar quanto à altura com as vogais tônicas quando estas são /i/ e /u/. Assim, /e/ e /o/ passam a /i/ e /u/, como em ‘*cutícula*’ e ‘*cutícola*’ cuja distinção é praticamente gráfica e a pronúncia é a mesma para os dois vocábulos /ku’tikula/.

Batisti e Vieira (2014), reforçando a tese de Camara Jr., explicam que a neutralização agora ocorre entre as vogais posteriores /o/ e /u/, e não entre as anteriores /e/ e /i/, visto que a oposição entre /o/ e /u/ trata-se de mera convicção da língua escrita, como em “*côm[u]do, abób[u]ra* por *cômodo* e *abóbora*” (BATISTI, VIEIRA, 2014, p. 168).

Na posição postônica final, o sistema vocálico fica reduzido a três vogais: ‘*red[i]*, *cas[a]*, *livr[u]*’.

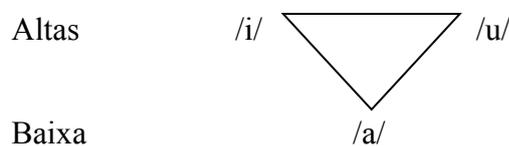


Figura 5 – Sistema de vogais átonas postônicas finais.
Fonte: Adaptado de CAMARA JR. (2014. p. 41).

Para Batisti e Vieira (2014, p. 169), as átonas finais apresentam maior grau de atonicidade e, seguidas ou não de /S/, mantêm-se reduzidas a três vogais. Nesse caso, a neutralização ocorre entre as vogais médias e altas, como em ‘*bol[o]* / *bol[u]*’ e ‘*red[e]* / *red[i]*’, ou seja, o traço distintivo entre /e/ e /i/ e /o/ e /u/ quanto à altura fica neutralizado.

Para Camara Jr. (2014), as reduções no sistema vocálico ocorrem por processo de neutralização com perda de contraste distintivo. Portanto, têm-se no Sistema vocálico oral do PB

- ⇒ Tônico → 7 vogais
- ⇒ Pretônico → 5 vogais
- ⇒ Pós-tônico não final → 4 vogais
- ⇒ Pós-tônico final → 3 vogais

Os estudos de Bisol (1981, p. 30) também apresentam um sistema de sete vogais para o PB. Para a autora, não há uma organização de sistemas vocálicos conforme contextos (tônico/átono). Ela mostra que as sete vogais que atuam na sílaba tônica tornam-se gradativamente mais fracas quando passam de posições pretônicas a postônicas, caracterizando o seguinte sistema vocálico:

	Tônica		Pretônica		Postônica	
Altas	/i/	/u/	/i/	/u/	/i/	/u/
Médias altas	/e/	/o/	/e/	/o/		
Médias baixas	/ɛ/	/ɔ/				
Baixa	/a/		/a/		/a/	

Figura 6 – Sistema vocálico do PB.

Fonte: BISOL (1981, p. 30).

Bisol (2003) destaca, ainda, que “regras de neutralização são processos naturais e seu resultado é sempre um sistema mais simples, já contido na própria língua e encontrado em muitas outras línguas do mundo” (BISOL, 2003, p. 276), ou seja, a tendência é a simplificação do sistema, sendo que na posição postônica final a neutralização é um processo estável. Já o sistema pretônico do PB é alvo de processos fonológicos que favorecem a variação, cuja explanação será apresentada no próximo tópico.

1.1.1 As vogais pretônicas do PB e processos fonológicos que atuam sobre elas

O sistema vocálico pretônico revela-se um tanto complexo porque há variedades no PB com ocorrência de variações entre as vogais médias abertas /ɛ/ e /ɔ/ e fechadas (e/ e /o/), em posição pretônica, condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Tal fenômeno é investigado por estudos de cunho variacionista que buscam, a partir dos contextos fonológicos, “relacionar o alçamento da vogal pretônica a processos fonéticos de natureza assimilatória, (...) como harmonia vocálica” (FONTE, 2010, p. 88).

Essa variabilidade do sistema vocálico pretônico, nos termos de Bisinotto e Magalhães (2014, p. 229), já havia sido averiguada no português medieval. No entanto, faz-se pertinente observar os estudos que descrevem esse sistema de cinco vogais que, por

meio de processos fonológicos, varia e oscila resultando em falares que caracterizam as iglossas brasileiras.

A representação de Camara Jr. (2014, p. 41), ao distribuir as vogais do PB como um sistema triangular, permite-nos analisar as posições átonas, em destaque as pretônicas, com diversas possibilidades de pronúncia sem mudança de significado, como em *'ff[o]rmiga, ff[u]rmiga'* e *'ff[ɔ]rmiga'*, ou *'[e]scola, [i]scola, [ɛ]scola'*.

Assim, as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ podem variar como vogais médias altas [e] e [o] como em *m[e]nino, c[o]ruja*; vogais altas [i] e [u], como em *'m[i]nino, c[u]ruja'*; e vogais médias baixas, como em *'m[ɛ]nino, c[ɔ]ruja'*.

No PB, as realizações fonéticas das vogais determinam as diferenças dialetais e as flutuações das vogais pretônicas no sistema, principalmente entre as médias abertas e médias fechadas. Como exemplo, as vogais /e, o/ tomaram rumos distintos quanto ao grau de abertura, caracterizando o dialeto⁷ das regiões sul e sudeste as vogais fechadas, e as regiões norte e nordeste, as abertas, o que, como afirmam Callou, Leite e Moraes (2002), estabelece uma linha divisória, especificamente, entre os falares do norte e do sul.

Assim, conforme as autoras, “É a realização dos arquifonemas E e O em posição pretônica que estabelece a linha divisória entre os subfalares do norte, que optam por uma realização aberta, e os do sul, que têm uma realização fechada” (CALLOU, LEITE E MORAES, 1996, p. 27).

Assim, o contexto pretônico favorece a ocorrência de processos fonológicos, visto que nessa posição ocorre a neutralização pela redução do quadro de sete vogais tônicas para cinco pretônicas. Esse processo se dá pela “perda de contraste na série das médias” (BATISTI, VIEIRA, 2014, p. 176) causando a variação relativa ao traço de altura.

1.1.1.1 Alçamento da Vogal Pretônica

Para compreender o processo de redução vocálica, é preciso antes compreender as modificações que os fonemas vocálicos sofreram em posição pretônica. Os estudos como o de Oliveira (1533, p. 44) citado por Silva (2009, p. 29-30),

testemunham as flutuações dessas vogais em posição pretônica, configurando-as como um fenômeno antigo na língua. Relativamente a essa posição, descreve o autor que: “Das vogas, antre u e o pequeno há tanta vezinhança que quase nós

⁷ Neste trabalho é “equivalente a variedade – ao falar característico de determinado grupo social e/ou regional” (COELHO et al, 2015, p. 15).

[os] confundimos, dizendo uns somir e outros sumir, e dormir, ou durmir, e bolir e bulir e outras partes semelhantes” (OLIVEIRA, 1533, p. 44).

Verifica-se, então, que o alçamento vocálico acontece quando ocorre a elevação⁸ na altura da língua na pronúncia das vogais médias-altas [e] e [o] como vogais altas [i] e [u].

Segundo Bisol, alçamento é “um processo de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, algumas ou todas as vogais médias do contexto” (1981, p. 259), como, por exemplo, ‘*adormeceria ~adormeciria ~adormiciria ~adurmiciria*’ (ibidem, 1981, p. 111).

Geralmente, o alçamento acontece em posição postônica final, como em pato [‘patu] e ave [‘avi]. Nesses casos, a postônica é foneticamente pronunciada como vogal alta e encontra-se estável. No entanto, o alçamento também acontece em posição pretônica como em menino [mi’ninu] e motivo [mu’t[iv]u], com a atuação de uma vogal alta em posição pretônica. Os estudos do PB em relação aos procedimentos vocálicos sugerem que

o alçamento de vogais médias pretônicas é regulado socialmente por parâmetros sociolinguísticos, combinados com princípios de harmonia vocálica. Por exemplo, o alçamento de uma vogal pretônica seria mais provável quando a vogal tônica for uma vogal alta: *coruja* ou *menina*. (CRISTÓFARO-SILVA, 2011, p. 49).

Nesse sentido, percebe-se que, no caso das pretônicas, é previsível o seu alçamento, embora haja outros estudos que indicam o alçamento em léxico específico, ou seja, o condicionamento lexical, visto que

Palavras como *p[o]rção* (sentido gastronômico) e *p[u]rção* (sentido de agrupamento coletivo) desenvolveram comportamentos diferentes em relação ao alçamento. O fenômeno de alçamento de vogais médias pretônicas apresenta grande variação dialetal no português brasileiro. (CRISTÓFARO-SILVA, 2011, p. 49).

Isso explica porque um mesmo falante em certo caso pronuncia a palavra com o alçamento da pretônica e em outros casos conserva a forma lexical, como

as formas P[e]ru e p[i]ru, nas quais a vogal média pretônica está em oposição distintiva com a vogal alta. Podemos notar que um item é alçado e outro não. O mesmo ocorre em: c[o]nseto e c[u]nseto, S[e]nhor e s[i]nhor, Português

⁸ Elevação e alçamento são termos sinônimos e se referem ao mesmo processo, em que o traço de altura de uma vogal passa de [- alto] para [+ alto]. O termo alteamento também é usado para se referir ao alçamento.

(disciplina) e p[u]rtuguês (em “piada de português”), S[e]ntido (ordem militar) e s[i]ntido. Diante dos exemplos, Viegas conclui que os itens alçados são normalmente dotados de menor prestígio social, ou empregados em situações familiares. Os itens não alçados são socialmente mais prestigiados (BORGES, 2008, p. 81).

Ocorre, então, um comportamento diferente quanto ao alçamento, concluindo-se que o alçamento de vogais médias pretônicas no PB apresenta variação que se confirma no dialeto ou regional ou mesmo social.

Esses fenômenos fonológicos, como explicitados antes, caracterizam uma comunidade linguística⁹, dadas as possibilidades de variação que se observa no comportamento das vogais do PB.

Bisol (1981), com base em dados de fala do Rio Grande do Sul, assinala que, além da neutralização apresentada por Camara Jr., o sistema vocálico sofre uma regra de harmonia vocálica em que ocorre a assimilação de traços: a vogal pretônica assimila o traço de altura da vogal seguinte imediata. Essa regra apresentada pela autora elucida muitos fatos relacionados ao alçamento das vogais pretônicas.

1.1.1.2 Harmonização Vocálica

Harmonia vocálica é definida por Bisol (1981, p. 259) como “[...] um processo de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediata seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma ou todas as vogais médias do contexto”. Igualmente para Viana (2008, p. 27), harmonia vocálica “[...] é constatada na posição pretônica, refere-se à assimilação das vogais médias pretônicas à altura da vogal da sílaba tônica imediatamente seguinte”. Esse processo eleva as vogais médias pretônicas, *‘bebida ~ bibida’*, ou pode abaixá-las como em *‘negócio ~ negócio’* dependendo da vogal tônica que impulsionar o processo.

O que configura, então, a harmonia vocálica é o gatilho motivador do alçamento da vogal pretônica, qual seja o traço alto da vogal seguinte. Esse processo pode ser observado em */menino/ ~ [minino]* e */coruja/ ~ [curuja]*.

Segundo Bisol, é no evento pretônico que ocorre o fenômeno de harmonização vocálica como uma regra natural do Português, “cujas origens remontam o latim do século IV, as etnias e outros fatores socioculturais podem dar conta da gradação de uso, mas as

⁹ Equivalente, neste trabalho, à comunidade de fala – “não é apenas um grupo de falantes que usa as mesmas formas da língua, mas um grupo de falantes que (...) compartilha as mesmas normas a respeito do uso dessa língua” (COELHO et al, 2015, p. 68).

forças imanentes que provocam essas flutuações devem ser encontradas nos princípios que regem o sistema linguístico” (BISOL, 1981, p. 32), ou seja, mesmo que haja fatores extralinguísticos atuando na alteração da pretônica, devem-se buscar os fatores linguísticos que determinam o fenômeno.

Assim, Bisol (1981, p. 38) define Harmonização Vocálica como “a transformação da vogal média pretônica /e o/ em vogal alta /i u/, respectivamente”.

Mesmo que se tome a harmonização vocálica como ponto de partida para compreender o processo de alçamento das vogais médias pretônicas, é importante conhecer outras pesquisas e comparar dados, porque, conforme Bisinotto e Magalhães (2014, p. 231), existem “casos de variáveis de alçamento da vogal média pretônica que não são, aparentemente, motivados, como em /pequeno/ > [piqueno], /tomate/ > [tumate]”. Conforme os estudos desses autores, há ainda ocorrências em que o alçamento pode definir o valor do item lexical, como /fugão/ (eletrodoméstico) e /fogão/ (fogo alto – aumentativo de fogo).

Estudos difundidos pelos Neogramáticos e Difusionistas apresentam propostas que explicam essas mudanças, porém com perspectivas distintas, que podem acontecer, conforme essas teorias, respectivamente, a partir do condicionamento fonético ou pela mudança gradualmente lexical, conforme exposição a seguir.

1.2. Neogramáticos *versus* Difusionistas

O processo de alçamento das vogais pretônicas do PB pode ser explicado sob duas perspectivas: neogramática e difusionista. Primeiramente, vamos discorrer sobre elas e distinguir o que preconiza, de fato, cada uma delas.

Segundo Bisol (2009, p. 73), “A motivação ou incrementação da mudança de som é uma questão controversa desde os tempos dos neogramáticos”. Para eles, a mudança atuava como regra de condicionamento fonético e sua aplicação acontecia sem exceções, a partir da satisfação do contexto. O princípio que regia essa visão neogramática era de que a mudança do som era lexicalmente abrupta e foneticamente gradual. Lyons (2011, p. 137) também concorda que “a transformação de uma língua (...) não é repentina, mas gradual”. No entanto, os dialetologistas se opunham às leis fonéticas dos neogramáticos, sendo que para eles, os dialetologistas, a mudança ocorre lexicalmente gradual e foneticamente abrupta.

Lyons (2011, p. 137) explica, sobre a origem dos neogramáticos, que eram “um grupo de estudiosos sediados na universidade de Leipzig, no final do século XIX, (...) principais responsáveis pela formação dos princípios e métodos da linguística histórica”. A hipótese neogramática surgiu em 1847 com os estudiosos Hermann Ostoff, Karl Brugmann e Hermann Paul, pela necessidade de lidar com mudanças que acontecem nas línguas, utilizada pelos fonólogos para entender a variação. Esses estudiosos criticavam a linguística comparada, pois, conforme Faraco (2005), os comparativistas acreditavam que a mudança de som das línguas era algo mecânico, que deveria ser analisada por meio de comparações entre língua e que não havia necessidade de ocuparem-se das relações entre língua, fala e indivíduo em relação ao processo de mudança. Contrariamente, os neogramáticos defendiam, segundo Faraco (2005), a associação da língua ao indivíduo, pois os falantes é que promovem as mudanças fonéticas.

A perspectiva neogramática afastou-se da ideia de que toda mudança seria abrupta e acrescentou aos seus princípios que a mudança seria enriquecida por fatores extralinguísticos, o que foi significativo na Sociolinguística Laboviana.

Por outro lado, conforme Bisol (2009), a ideologia difusionista, revigorada por Cheng e Wang (1977) e, posteriormente, por Krishnamurti, Sherman, Janson, Philips e outros, criticava o modelo neogramático, sendo que para esses autores a implementação acontece palavra por palavra gradativamente e não por ambiente fonético e que, contrária à regra variável da proposta laboviana, não precisa de muitos dados, mas de um léxico e de paradigmas internos que mostram sua atuação.

Conforme Oliveira (2003), para os difusionistas, a mudança não ocorre da mesma maneira em todas as palavras e por isso é que se deve analisar vocábulo por vocábulo para se entender a origem da mudança e quais elementos são alcançados por ela. A hipótese difusionista, portanto, trata da mudança e não da variação.

Para Bisol (2009, p. 74), “a diferença entre as duas concepções reside no controlador da mudança sonora que é o léxico para o difusionista e o som para o neogramático”. A difusão lexical vê no detalhe fonético uma simples coincidência, já para o neogramático esse detalhe é o próprio condutor do processo.

Ainda, nos termos de Bisol (2009), a partir do ponto de vista lexical, assinalam-se duas diferenças, pois “a variação de cunho neogramático tem envolvimento com fatores extralinguísticos” e a “difusão lexical (...) não o tem” (BISOL, 2009, p. 74). Isso poderia nos levar a uma classificação da hipótese neogramática como regra pós-lexical e a difusionista como lexical. Esta é a consideração de Kiparsky (1981) citado por Bisol

(2009). No entanto, Labov (1981, p. 305) citado por Bisol (2009) chama a atenção para as peculiaridades de cada proposta, visto que devemos apreciar os dados cuidadosamente para, então, depreender o processo em desenvolvimento e para acertar na escolha do modelo de análise.

Assim, firmam-se duas versões distintas para o mesmo fenômeno de mudança de som: uma de base difusionista, considerada no léxico, e outra de base neogramática, considerada no som.

No que se refere à variação da vogal média pretônica do PB, Bisinotto e Magalhães (2014, p. 231) explicam ser a harmonia vocálica o gatilho condutor do processo e que essa regra de variação é que “sustenta (...) a hipótese dos neogramáticos do século XIX”. No entanto, há casos em que o alçamento da vogal média em posição pretônica não é efetivado por motivação aparente. Daí decorre observar se está acontecendo um caso de neutralização, já que “a harmonização vocálica e o alçamento sem motivação aparente são formalmente diferentes” (BISOL, 2009, p. 78). A harmonização é um caso de assimilação (espraiamento de traços) e o alçamento sem motivação é um caso de neutralização.

Para compreender melhor, a regra de assimilação pode ocorrer por meio de dois mecanismos: de desligamento e de preenchimento, ou seja, o traço da vogal alta pode estender-se a sílabas seguintes como em “*mixirica* por *mexerica* ou *pirigrino* por *peregrino*”. Já o alçamento sem motivação aparente ocorre por meio de regra de neutralização na direção de mudança do subsistema de cinco para três vogais. A neutralização tende a ser categórica, não se apresentando como característica do processo inicial. Bisol (1981), sobre os dados do sul do país, explica que o alçamento da média sem motivador aparente mostra-se incipiente e não realiza ação em conjunto com a regra variável.

Ao afirmar que a vogal média é um som potencial para a mudança, Bisol (2009) conclui que ela pode ajustar-se à mudança de caráter difusionista.

Assim, nesta pesquisa, além de verificar o comportamento das vogais médias altas pretônicas, observaremos o direcionamento que os dados coletados nos darão acerca da perspectiva teórica (neogramática ou difusionista) que embasará a análise.

2. O MODELO TEÓRICO DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Para Meillet, “a língua era uma destas realidades sociais, uma vez que a sua estrutura é imposta sobre o indivíduo pela sociedade na qual ele nasce e cresce” (MEILLET, 1906). A visão social da língua de Meillet enfatiza o papel de fatores sociais na mudança linguística. Para ele,

A língua é uma instituição com autonomia própria [...] mas como a língua é [também] uma instituição social, disso decorre que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode apelar a fim de explicar a mudança linguística é a mudança social, da qual as variações linguísticas são somente as consequências (MEILLET, 1906).

Então, Meillet já prenunciava a perspectiva sociológica que exigiria uma base social mais ampla. E, nesse sentido, a Sociolinguística Variacionista de William Labov (2008) apresenta uma percepção da mudança linguística caracterizada pela variação das línguas no eixo do tempo e os procedimentos para análise da variação linguística, assim como modelos quantitativos, sob a Teoria da Variação.

A Sociolinguística abandona a concepção de língua como estrutura pronta e acabada para pesquisar a sua estrutura e evolução dentro da comunidade de fala com o intuito de dar conta de estudar “as formas das regras linguísticas, sua combinação em sistemas, a coexistência de vários sistemas e a evolução destas regras e sistemas com o tempo” (LABOV, 2008), a partir de análises quantitativas de dados, em que o estudo dos fatores internos e externos à língua promove a constituição de regras variáveis.

Dessa forma, consolidou-se a ideia de que o contato entre as diferentes realidades linguísticas constitui a ciência linguística, a Sociolinguística (desenvolvida nos Estados Unidos, 1960), para a qual não é possível estudar a língua sem levar em conta a sociedade em que ela é falada, enfatizando os fatores linguísticos e sociais.

A posição de correlacionar a realidade da mudança à estrutura interna do sistema e à história social, exigindo uma abordagem realista do fenômeno linguístico, consolidou-se com os trabalhos de Weinreich (1964) e Herzog (1965) e de Labov (1966). E, nessa direção, a Sociolinguística surgiu, na década de 1960, como nova metodologia que ressalta o caráter sistemático da variabilidade, cujo objeto é a manifestação da língua no contexto social e em situação de espontaneidade.

Nesse sentido, a Sociolinguística mostra que “a variação não resulta de uma mescla dialetal irregular, mas é uma característica inerente e regular de todo sistema linguístico” (SILVA, 2009, p. 61).

Portanto, é importante conhecer como a Sociolinguística Variacionista lida com esses dados e realiza a interação com outras teorias. Sobre os passos da teoria variacionista para lidar com os dados de fala, utilizaremos o tópico seguinte.

2.1 Princípios variacionistas

A sociolinguística Variacionista, no início da década de 1960, foi impulsionada pelas pesquisas realizadas por Willian Labov, a partir da análise da relação entre língua, fala e comunidade.

Nos termos de Labov (2008, p. 21), “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”. O que alarmou a teoria estruturalista de Saussure e a gerativista de Chomsky.

Assim, os trabalhos desenvolvidos sob os direcionamentos da perspectiva da Sociolinguística buscam a heterogeneidade da língua e o seu estudo agregando aspectos sociais e linguísticos como o objetivo maior de estudar as várias maneiras de se dizer uma mesma coisa.

Em um dos trabalhos de Labov, realizado em 1963, o autor pesquisou a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, reconhecida como uma área conservadora do inglês americano. Dividida em parte alta (rural) e parte baixa (vilarejos, habitados pela maior parte da população), de acordo com o Censo de 1960, a ilha contava com 5.563 habitantes divididos em quatro grupos étnicos: 1) os descendentes de velhas famílias originadas de ingleses, fixados em Matha’s Vineyard entre os séculos XVII e XVIII; 2) os ascendentes portugueses; 3) os indígenas de Gay Head e 4) a mistura de alemães, franco-canadenses, ingleses, irlandeses e poloneses.

Nesse estudo, Labov objetivou “entender a estrutura interna do inglês vineyardense, incluindo as diferenças sistemáticas que já existem e as mudanças que estão ocorrendo na ilha” (LABOV, 2008, p. 25). Tal estudo contou com 69 informantes, representantes de pouco mais de 1% da população, divididos da seguinte forma: quanto à área (40 moradores da ilha alta e 29 da ilha baixa); grupos ocupacionais (14 da pesca, 8 da agricultura, 6 da

construção, 19 do ramo de serviços, 3 profissionais liberais, 5 donas de casa e 14 estudantes); grupos étnicos (42 descendentes de ingleses, 16 de portugueses e 9 de índios).

Das 69 entrevistas, foi elaborada uma base de dados com 3.500 ocorrências de (ay) e 1.500 ocorrências de (aw). Labov (2008) constatou que a centralização alcançou um pico no grupo de idade entre 31 e 45 anos. Em relação à distribuição geográfica, os moradores da ilha alta rural favoreceram mais a centralização do que os moradores da ilha baixa. Quanto aos grupos ocupacionais, os pescadores favoreceram mais a centralização do ditongo. Dos grupos étnicos, os descendentes de ingleses entre 31 e 45 anos centralizaram mais o ditongo /ay/ e os descendentes de indígenas entre 31 e 45 anos centralizaram mais o ditongo /aw/.

Em conclusão, Labov (2008) observou que a centralização foi mais predominante na ilha alta do que na ilha baixa e considerou o fenômeno uma marca de identidade dos habitantes da ilha.

Com base nessa perspectiva teórico-metodológica, este trabalho será norteado por estudos já realizados a partir da Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, proposta por Labov (2008). Por isso, faz-se pertinente conhecer os preceitos que guiam os estudos nessa perspectiva.

Segundo Guy e Zilles (2007, p. 19), para se conhecer tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social da língua, faz-se necessário coletar uma grande quantidade de dados, assim como entender que toda pesquisa dialetal é essencialmente quantitativa. No entanto, o objetivo final do estudo quantitativo não é produzir números, mas identificar e descrever fenômenos linguísticos.

Assim, a sociolinguística quantitativa, para analisar a variação linguística, considera que a distribuição dos dados linguísticos é desigual e apresenta como proposta uma análise multivariada, ou seja, “ao mesmo tempo que computa o efeito de uma variável independente, (...) controla explicitamente os efeitos de todas as outras variáveis independentes conhecidas” (GUY e ZILLES, 2007, p.34).

Desse modo, o primeiro passo a ser realizado é a identificação de uma variável dependente, o que inclui definir as variantes e definir o envelope da variação¹⁰e, a partir daí, postular o modelo que governará o estudo. Assim, por exemplo, os dados direcionam a análise da pesquisa para uma regra variável que pode se aplicar ou não.

¹⁰ Conforme Coelho, Izete L. C. et al (2015, p. 119), refere-se à descrição minuciosa de uma variável, de suas variantes e dos contextos em que elas podem acontecer ou não.

Então, ao lado da regra variável, deve-se “identificar possíveis fatores condicionantes que possam influenciar a escolha entre alternantes ou aplicação da regra variável” (GUY e ZILLES, 2007, p. 38). Os fatores devem estar relacionados às hipóteses que são organizadas em grupos de fatores que são as variáveis independentes.

Quanto às variáveis, podem ser linguísticas (internas ao sistema linguístico – de natureza fonológica, morfológica, sintática e semântica), por exemplo: consoante seguinte à vogal pretônica analisada (nasal: ‘*b[u]nito, c[u]medido*’; labial: ‘*s[i]m[i]lhança*’; tipo de vogal tônica (alta: ‘*past[u]rinha*’; média: ‘*agrad[i]cemu, g[u]verna*’¹¹) e extralinguísticas (fatores externos ao sistema linguístico, mas que atuam no contexto de variação linguística).

A partir da identificação dos fatores e dos contextos condicionantes proeminentes, e da formulação de um modelo de variação, teremos condições de codificar os dados e examinar criteriosamente o *corpus* coletado pela ocorrência da variável e pela classificação de cada variável. Esse exercício é realizado por meio de programas estatísticos que possibilitam o manuseio de grande quantidade de dados, assim como auxiliam no armazenamento e edição dos dados coletados.

Portanto, quando há um fenômeno em variação, sempre haverá variedades sociais imbricadas ao fenômeno. Por exemplo, no fenômeno de alçamento das vogais pretônicas /e/ e /o/, foco desta pesquisa, conseguimos identificar contextos em que o alçamento faz parte da norma culta, como ‘*[i]squecer, [i]smola, [i]scrito*’¹² já inscritos na linguagem formal.

A variação pode ser entendida, dessa forma, como o percurso que a língua faz para se modificar com o passar do tempo. Durante esse processo, podemos identificar um grupo de variantes para um mesmo vocábulo, que se tornarão mais distintas, podendo delas surgir novas variantes e, assim, continuamente.

Por meio dessa proposta teórico-metodológica, analisaremos o fenômeno ligado às vogais médias pretônicas nos Hinos de Folias de Reis com dados e informações de pesquisas já realizadas acerca do fenômeno no PB, especificamente na cidade de Montes Claros, para comprovar o padrão pretônico predominante nesta região e os fenômenos que atuam sobre esse sistema.

¹¹ Dados da pesquisa.

¹² Dados da pesquisa.

E, para compreender o comportamento da vogal média em posição pretônica no PB, partimos de estudo de pesquisas sociolinguísticas já desenvolvidas, as quais são apresentadas a seguir.

3. O FENÔMENO EM ESTUDO

3.1 As vogais pretônicas do PB sob a perspectiva sincrônica

No âmbito do PB, as vogais médias em posição pretônica têm suscitado diversos estudos e debates observando, entre outros processos, o de alçamento, cujo caráter variável direciona-se para a estabilidade com o passar do tempo.

Bisol (1981), por meio do falar gaúcho, estabeleceu a harmonia vocálica nas vogais médias pretônicas; o trabalho de Viegas (1987) focou o alçamento das vogais médias em Belo Horizonte/MG; Guimarães (2006) estudou a variação das vogais pretônicas nas regiões Norte e Sul de MG; Dias (2008) analisou a variação das vogais médias em MG nos municípios de Piranga e Ouro Branco; Viana (2008) analisou o alçamento, o abaixamento e a manutenção das vogais médias pretônicas em Pará de Minas-MG; Silva (2009) pesquisou as vogais médias pretônicas no dialeto de Teresina-PI, Tondineli (2010) pesquisou o alçamento, rebaixamento e a manutenção da vogal média pretônica e postônica na variedade linguística de Montes Claros-MG; e Felice (2012) investigou o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense.

Na sequência, apresentaremos os aspectos principais dos trabalhos listados norteados pela variação das vogais na posição pretônica no Português Brasileiro.

3.1.1 (Bisol, 1981) - Harmonização vocálica: uma regra variável

Bisol (1981) analisou e descreveu o comportamento das vogais médias pretônicas no falar gaúcho, a partir de um *corpus* constituído de 44 informantes gaúchos, organizados conforme origem de colonização do estado: alemães e fronteiriços, italianos e portugueses (metropolitanos). A autora atribuiu, de forma geral, a variação da média pretônica ao efeito da vogal alta seguinte, imediata, ou tônica, cujo traço de altura pode atingir uma (adormec[i]ria), algumas (adorm[i]c[i]ria) ou todas as vogais médias do contexto (ad[u]rm[i]c[i]ria) (Bisol, 1981, p. 111, 259).

Embasada pelos estudos variacionistas de Labov (1972) para análise dos dados, Bisol, postulou que:

- as vogais iniciais, quando próximas a uma vogal alta ou sem a presença dela - o /o/ inicial sofre elevação, como em [o]brigado ~ [u]brigado, [o]perar ~ [u]perar (BISOL (1981, p. 34-35). Já a vogal /e/, seguida de /N/ ou /S/ apresentou

elevação categórica, mas há casos como [e]ducação e não [i]ducação, [e]letricista e não [i]litrícista, que preservaram a vogal média.

- os hiatos, no dialeto gaúcho, ocorrem em situações como em: t[e]atro ~ t[i]atro, g[e]ada ~ g[i]ada, t[o]alha ~ t[u]alha;
- em prefixos, a vogal do prefixo sofre influência da vogal alta seguinte. É o que se observa em r[e]tiro ~ r[i]tiro (substantivo), p[o]rvir ~ p[u]rvir (substantivo) (BISOL, 1981, p. 37).

A harmonia vocálica, compreendida como a transformação da vogal média em posição pretônica /e, o/ em /i, u/, foi a variável dependente do trabalho.

Como variáveis independentes linguísticas, foram apresentadas:

- Nasalidade: favorecedor de elevação do /e/, mas inibidora de elevação do /o/;
- - Tonicidade:
- Tônica: as vogais /i, u/ tônicas favorecem a elevação de /o/, mas somente a vogal /i/ em posição tônica favorece o alçamento de /e/;
- Pretônica: uma vogal alta em posição pretônica favorece a elevação de /e/ e de /o/. No entanto, uma vogal não alta nessa mesma posição favorece a preservação;
- Pré-pretônica: nesse caso, a ocorrência da vogal átona apresenta-se como item importante para a regra de harmonia vocálica;
- Vogal contígua: nesse caso, o processo de harmonização é engatilhado pela vogal /i/ para o /e/ e as duas /i, u/ para o /o/;
- Distância: quanto mais longe da tônica estiver a vogal, menos favorável será a aplicação da regra;
- Paradigma: a regra ocorrerá mais prontamente em palavra de base variável, o que não é previsto para palavra de base invariável;
- Contexto fonológico precedente: consoantes labiais e velares precedentes favorecem a elevação de /o/ e, por outro lado, alveolares e palatais preservam a média posterior. As labiais precedentes desfavorecem a elevação de /e/, as velares modificam a média anterior e a alveolar preserva;
- Contexto fonológico seguinte: consoante velar ou palatal seguinte favorece a elevação de /e/. As labiais e as velares desfavorecem;

- A palatal ou a labial favorecem a elevação do /o/, porém a alveolar não o faz.

Quanto às variáveis extralinguísticas: para etnia, os dados de portugueses mostraram-se aplicadores da regra de elevação de /e, o/, ocorrendo o contrário para os fronteiriços, que menos aplicam; para sexo, os dados mostraram que a mulher promove mais o uso da regra do que o homem; para situação, percebeu-se que a situação controladora não favorece e a fala livre favorece; para idade, verificou-se que os mais jovens aplicam menos a regra do que os mais velhos.

- Atonicidade: verificou-se que as átonas permanentes são importantes condicionadoras da regra de harmonização vocálica, como “sotaque ~ sutaque; pequeno ~ piqueno; costela ~ custela” Bisol (1981, p. 102);
- Sufixação: há casos em que o contexto linguístico faz-se inibidor da alteração da pretônica. É o caso do sufixo -zinho (de forma categórica) / -inho (de forma variável), como v[e]rde ~ v[e]rdinho;
- Tonicidade e contiguidade: nesse caso, a autora explica que a regra se aplica com mais frequência quando a vogal alta se apresenta contígua e tônica.

Há situações ainda em que ora a vogal tônica parece condicionar a alteração da pretônica, como em c[o]ruja ~ c[u]ruja, ora a átona assume o condicionamento, como em pr[o]cissão ~ pr[u]cissão. Também estruturas inteiras assumem o alçamento, levando a crer que o fenômeno acompanha a evolução da língua, como em v[i]stir, v[i]stido, v[i]stimenta, v[i]stuário.

3.1.2 (Viegas, 1987) - Alçamento das vogais médias pretônicas: uma análise sociolinguística

Viegas (1987) analisou o dialeto de Belo Horizonte, a partir de entrevistas aplicadas a 16 informantes mineiros de ambos os sexos, distribuídos em dois grupos (jovens e velhos) com o objetivo de analisar ambientes estruturais e não-estruturais favorecedores da elevação das médias pretônicas, e constatou que o processo de elevação das vogais médias é comum, variável e caracteriza distinções dialetais. Por se tratar de processo variável, a autora destacou que ora tem-se a vogal média, ora tem-se a vogal alta. E identificou ainda que os contextos favorecedores de alçamento de /e/ e de /o/ são diferentes.

Com base em Labov (1972), as variáveis extralinguísticas assumiram relevância e o estilo de fala foi compreendido pela autora como distinção entre fala espontânea e casual, caracterizando a diferença de atenção do falante à maneira como fala.

As variáveis sociais (sexo, idade, grupo social) foram também importantes para a análise de Viegas. Os 16 informantes foram organizados em dois grupos (um com pessoas de 16 a 23 anos e outros com pessoas entre 35 e 60 anos), contendo homens e mulheres de classes sociais menos ou mais privilegiadas.

A conclusão de Viegas foi que para ocorrer o alçamento de /o/ a pretônica deve estar precedida de consoante, que não pode ser líquida lateral. Também observou que não ocorreu alçamento de /o/ quando precedida pela vogal [i] ou semivogal [j], tomando como explicação para a inibição do processo a vogal /o/ estar em posição tônica em outro contexto. Por exemplo, *piorou* e *miolo*, em que não ocorre “piurou” e nem “miulinho”.

Quanto ao alçamento de /o/, este ocorrerá se a vogal estiver seguida de [a], como em *v[u]ado*, caso em que o alçamento transforma a vogal /o/ em semivogal. Já em relação aos prefixos, com –zinho e –inho, Viegas retoma Bisol (1981) com a comprovação de que, mesmo em presença de vogal alta na sílaba tônica como gatilho motivador de alçamento, palavras com esses sufixos dificilmente alçariam, visto que elas preservam o acento da palavra primitiva, como *forminha* (fôrma).

Quanto aos ambientes favorecedores de elevação, foi verificado o seguinte:

Para a vogal pretônica /e/:

- /e/ em início de palavra: [i]ntão, [i]nganado;
- /e/ seguido de sílaba com vogal alta acentuada: s[i]rviço, m[i]nino;
- /e/ em sílaba inicial “de” ou “des”: d[i]mais, d[i]sligado.

Para a vogal pretônica /o/:

- /o/ seguido de vogal alta acentuada: d[u]rmino, b[u]nito;
- /o/ seguido de nasal: c[u]nhecer, b[u]neca.

Ambiente inibidores de elevação foram:

Para a vogal pretônica /e/:

- /e/ seguido de sílaba com vogal baixa acentuada: negócio, interessa;
- /e/ seguido de sílaba com /a/ acentuada: tentava, pedaço;
- /e/ não inicial, em sílaba travada: verdura, permitir;
- /e/ alternando com tônica de timbre aberto: divertir (diverte), aparecer (aparece);

- /e/ em sílaba CCV: *tremar, problemima*.

Para a vogal pretônica /o/: mesmos ambientes de /e/, no entanto com diferenças proporcionais.

Quanto à análise dos fatores não-estruturais, Viegas averiguou que os homens do grupo social menos privilegiado, quanto ao estilo informal, elaboram mais alçamento de /o/ do que o grupo de mesmo sexo mais privilegiado. Quanto à vogal /e/, somente a variável idade apresentou-se relevante, pois os jovens favorecem o seu alçamento.

3.1.3 (Celia, 2004) – As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia/ES

Celia (2004) objetiva descrever a variação linguística envolvendo as vogais médias pretônicas /e, o/ na variedade culta da fala de Nova Venécia – ES e contrastar os resultados do Espírito Santo com os de outros estudos similares de outras regiões ou diferenças no comportamento das médias pretônicas.

Para introduzir o estudo, Celia relembra que a variação das vogais pretônicas remonta ao Português do séc. XVI e que, no entanto, as oscilações das variantes parecem ter sido herdadas do latim, conforme Bisol (1981, p. 255). Apresenta também os estudos acerca do comportamento das médias pretônicas datados de 1911, no Brasil, conforme Antenor Nascentes (1953), que apresenta uma divisão dialetal em dois grupos clássicos: Norte e Sul, sendo as vogais pretônicas determinantes para caracterizar tal divisão.

A autora esclarece que Camara Jr. (1994) utiliza o dialeto carioca para descrever as vogais do português, sendo: 7 vogais em posição tônica, reduzidas para 5 em posição pretônica. Acerca da distinção entre /e, i/ e /o, u/ na posição pretônica, há nessa posição uma tendência à harmonização da altura da vogal pretônica com a vogal tônica.

A partir de análises de estudos já realizados sobre o comportamento da pretônicas, como (Mota, 1979), Bisol (1981, 1988), Viegas (1987), Viegas & Veado (1995), Silva (1989, 1991), Bortoni et al. (1991), Yacovenco (1993), Celia, com base na metodologia sociolinguística quantitativa – Labov (1972), Sankoff & Labov (1979), Tarallo (1997), apresenta a constituição da amostra de seu trabalho com gravações de 9 informantes do sexo feminino, terceiro grau completo, em 3 faixas etárias, sendo que a coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas gravadas; processamento dos dados, transcrição fonética dos dados, transcrição ortográfica, seleção dos contextos de vogal pretônica e transcrição fonética do contexto, organização dos dados em planilhas com dados de alteamento e de abaixamento, submetidos ao programa *Goldvarb 2001*.

As variáveis foram definidas como dependentes: [e, i] e [o, u] para alteamento e para o abaixamento /e/ para [e, ε], e /o/ para [o, õ]; e independentes: nasalidade, vogal tônica, distância, vogal pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente, consoante seguinte, estrutura silábica, faixa etária.

Quanto ao alteamento, os resultados do trabalho confirmaram as pesquisas citadas, em que a vogal tônica alta favorece a realização das variantes altas, não sendo propriamente a tonicidade da vogal que determina qual variante será empregada, mas o tipo de vogal e sua contiguidade à variável dependente, ou seja, a tonicidade por si só não pode desencadear o alteamento. A vogal pretônica contigua [i] não aparece como favorecedora de alteamento de /o/. O fenômeno que ocorre com as pretônicas do português é variável e nem sempre se aplica a todas as vogais do vocábulo. Assim, a autora optou por utilizar a definição de assimilação regressiva para definir o processo descrito, sendo o traço importante desencadeador do processo de assimilação, a altura das vogais que seguem a pretônica candidata ao alçamento, sendo o processo um fenômeno variável no dialeto.

A autora identificou peculiaridades que envolvem o alteamento e que parece atingir todos os vocábulos: 1º) os vocábulos atingidos pela assimilação não parecem aceitar a variação (apresentaram duas possibilidades de realização: sentido ~ s[i]ntido); 2º) alguns vocábulos altearam sem que houvesse um ambiente vocálico favorecedor (p[i]queno, fut[i]bol). Para o que Bisol (1981) explica que são consoantes adjacentes responsáveis pela elevação. A autora ainda explica que, sem contrariar Bisol, pressupõe-se uma mudança implementada a partir do léxico.

Nesse sentido, o processo de alteamento das vogais médias pretônicas é variável e se dá por meio de assimilação regressiva desencadeada por uma vogal alta imediatamente seguinte à pretônica. Mas nem todos os casos encaixam-se na descrição, sugerindo algum tipo de condicionamento lexical.

Quanto ao abaixamento identificado na fala dos venecianos, não parece ser o mesmo identificado por Silva (1989) no dialeto baiano, ou possui aspectos diferentes. Na variedade de Nova Venécia, o abaixamento não é categórico e só ocorre em ambiente favorecedor, como também não é tão percebido como nos falares do norte. Esse abaixamento é, em síntese, favorecido pelas vogais baixas [ε, a, õ] num processo de assimilação regressiva, parecendo ser o mesmo que alteia as vogais médias em contexto de vogal alta.

Como conclusão, a autora, confirma o sistema vocálico descrito por Camara Jr. (5 vogais pretônicas), sendo o alteamento em Nova Venécia semelhante ao identificado nos

demais dialetos (quanto aos ambientes favorecedores relevantes). Quanto ao abaixamento, o autor diz parecer um *continuum* na implementação do fenômeno, sendo, no dialeto capixaba, tão frequente quanto o alteamento.

Na conclusão, o autor elenca as constatações e descobertas da pesquisa:

- As vogais médias pretônicas podem variar entre realizações médias [e, o], alteadas [i, u] ou abaixadas [↔, ↵], e tal variação se dá por um processo de assimilação do traço de altura da vogal da sílaba seguinte, independentemente da sua tonicidade;
- O alteamento das vogais médias pretônicas, assim como nos demais dialetos, tem como principal fator favorecedor a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte;
- A nasalidade da vogal pretônica é fator bastante relevante na aplicação da regra de alteamento. As vogais nasais tendem a favorecer o alteamento de E, enquanto O alteia mais quando oral;
- A estrutura da sílaba em que se encontra a vogal pretônica também é um fator relevante para o alteamento. As sílabas abertas CV favorecem o alteamento e as sílabas travadas CVC o inibem;
- A atonicidade da vogal pretônica é outro fator relevante. As vogais átonas permanentes são o ambiente favorecedor da aplicação da regra de alteamento tanto de E quanto O, que também se mostrou favorecido pela vogal de atonicidade casual variável;
- As consoantes que favorecem o alteamento de E são a palatal e bilabial precedentes e a velar seguinte. Já para O, mostraram-se favorecedoras a palatal e a velar precedentes, além da labiodental seguinte;
- O abaixamento das médias segue os mesmos padrões do alteamento e tem como principal favorecedor a presença de uma vogal baixa na sílaba seguinte;
- As vogais de atonicidade casual baixa são as que mais favorecem o abaixamento das médias E e O;
- A consoante labiodental favorece o alteamento de E em posição precedente, enquanto a alveolar e a bilabial o fazem quando em posição seguinte à pretônica.
- O abaixamento de O é favorecido pelas consoantes seguintes alveolar, palatal e labiodental;
- O abaixamento identificado na variedade estudada não é tão escasso quanto no Rio de Janeiro, mas também não é tão frequente quanto na Bahia. Parece, então, que o

Espírito Santo é uma região de transição, no que diz respeito à realização das vogais médias em posição pretônica.

Assim, Celia constatou a predominância da vogal alta em sílaba imediatamente seguinte à pretônica como gatilho motivador do alçamento, mas observou dados em que houve alçamento sem motivo aparente, sugerindo um condicionamento lexical, conforme prega a perspectiva difusionista.

3.1.4 (Viana, 2008) – As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística

Viana (2008) realizou a pesquisa com foco no alçamento, abaixamento e na manutenção das vogais médias pretônicas, a partir de dados de fala de 33 informantes, com 17.188 dados (sendo, 10.679 acerca da vogal /e/ e 6.509 da vogal /o/). Desses valores, para a vogal pretônica /e/, ocorreram 4.012 realizações com vogal alta [i] e 20 ocorrências com a vogal média-baixa [ɛ]; para a vogal /o/, 6.336 realizações foram alçadas. Para o abaixamento, foram verificados 4.887 dados, sendo apenas 3,5% referentes à ocorrência de [ɔ].

A partir da análise dos dados com o programa *GoldVarb 2006*, Viana notou que na maior parte dos dados ocorreu a manutenção das vogais médias [e] e [o], seguida do alçamento e, por último, as médias-baixas.

Ao comparar suas análises com o trabalho de Viegas (1987), Viana conclui que os fatores favorecedores são coincidentes, constituindo, a partir dessa comparação, a expressão que estabelece que

A vogal /e/ pretônica, preferencialmente em sílaba travada por fricativa surda, torna-se variavelmente /i/ em início de palavra ou em sílaba inicial, ou em sílaba CV, seguida por consoante sonorante, ou quando seguida imediatamente por vogal alta tônica. A pausa precedente é favorecedora se a vogal estiver em sílaba travada, que é também favorecedora se precedida por pausa (VIANA, 2008, p. 92).

Outra constatação importante diz respeito ao estabelecido por Bisol (1981) quanto aos prefixos que favorecerem o alçamento, uma vez que, no dialeto de Pará de Minas, os prefixos “de” e “des” frequentemente alçam, como em *disvalirzado*, *dismiricia*, o que acontece também com outros prefixos (*impimentada*, *sobrinome*).

Em sua conclusão final, Viana aponta para evidências de atuação lexical na variação das vogais médias pretônicas, indicativas de difusão lexical, ou seja, que há um

condicionamento lexical favorecendo a mudança que ocorre e propaga-se em palavra de estrutura sonora semelhante, e que em determinados casos a palavra fica permanentemente sem alteração sonora e, em outros casos, abrange palavras que poderiam sofrer a alteração sonora.

3.1.5 (Silva, 2009) - As pretônicas no falar teresinense

Com o propósito de escrever e analisar a produção das vogais médias pretônicas no dialeto de Teresina/PI, Silva (2009) pesquisa as pretônicas no falar teresinense em sua tese de doutorado e aponta que o maior vestígio que o português colonial conservou do velho português foi a vulnerabilidade da vogal pretônica. E que essa continuidade de traços é uma comprovação de que a variação das pretônicas do velho português é um traço repassado que o sistema vocálico do português brasileiro conservou (menino → *minino* / me deu → *mi deu*). Para Silva, essa regra de elevação (substituição variável de /e, o/ por [i, u]) perpassou todas as variedades brasileiras.

A partir das observações acerca da realização das vogais médias no dialeto teresinense, a autora conclui que a maior opcionalidade na posição pretônica é a vogal média aberta; e que há casos em que o mesmo item lexical se apresenta com três variantes: média aberta, média fechada e alçada (variação tripartida [ɛ ~ e ~ i] / [ɔ ~ o ~ u]).

Silva (2009) cita que Marroquim (1934) desmistifica o padrão de realização vocálica (sobre o dialeto nordestino) ao descrever os dialetos de Pernambuco e Alagoas, propondo que nesses estados acontece uma variação tripartida: média aberta [ɛ, ɔ], média fechada [e, o], alta [i, u] (em todas as classes sociais), o que não se restringe apenas à região Nordeste.

Na constituição da amostra, a autora reforça o embasamento nos pressupostos da Teoria da Variação, tendo por objeto de análise a fala de 36 informantes (18 do sexo feminino e 18 do sexo masculino) distribuídos por escolaridade (EF, EM, ES) e faixa etária (20-35, 36-50, +50), assim como ter nascido em Teresina, ter morado na cidade pelo menos 2/3 da vida, não ter morado fora do estado por mais de um ano.

As variáveis foram definidas em:

- Operacionais: abaixamento, elevação, média fechada;
- Dependentes: [i] e [u] para elevação; [ɛ] e [ɔ] para abaixamento; e [e] e [o] para vogais residuais;

- Linguísticas independentes, sendo: contiguidade, homorganicidade, paradigma, contexto fonológico precedente e seguinte;
- Linguísticas sociais: gênero, faixa etária, escolaridade.

A codificação das 5.308 ocorrências deu-se a partir das variáveis para submissão aos programas do pacote *Varbrul* 2S que, a partir do tratamento estatístico, possibilitaria a criação e arquivo de dados, realização das rodadas dos dados.

A descrição estatística dos dados foi realizada a partir de análise eneária que revelou a abrangência da vogal média aberta na posição pretônica e que poderia representar as três variantes /e, ε i/ e /o, ɔ, u/ em posição pretônica no dialeto teresinense.

Os resultados da análise mostraram predominância das vogais médias abertas, como nas demais variedades nordestinas. A partir dessa constatação, a autora, confirma o trabalho de Nascentes (1953), Camara Jr. (1953) e Silva Neto (1992) que afirmam a evidência para as regiões Norte e Nordeste do País: a vogal média aberta é preferida na posição pretônica, como no trabalho realizado.

A análise representada graficamente revela que, ao lado das pretônicas médias baixas e altas, se realizam também no dialeto teresinense as vogais médias fechadas, com coexistência alternante do [e] ~ [i] e [o] ~ [u], mesmo em porcentagens mais baixas confirmando a hipótese de que a variação com presença de vogais altas independe da variedade linguística. Essa alternância já foi descrita nos trabalhos de Bisol (1981), Barbosa da Silva (1989), Callou e Leite (1986) e Schwindt (1995), como uma regra variável estável, ou, segundo Oliveira (1991), como uma regra de difusão lexical que tem a palavra como unidade básica da mudança.

A conclusão da autora é que a regra de variação na pronúncia das vogais do português do Brasil, a partir dos trabalhos já realizados, toma como ponto de partida a abordagem sociolinguística da variação (influência de fatores linguísticos e extralinguísticos) e, quanto aos fatores estruturais da língua, descreve-se a regra variável de elevação das vogais médias pretônicas (processo que se aplica a todos os dialetos, indistintamente). E que essa elevação da pretônica é definida como Harmonização Vocálica, conforme Bisol (1981), pela presença de uma vogal alta na sílaba seguinte, que modifica a altura da vogal pretônica.

3.1.6 (Tondineli, 2010) - A variação fonética das vogais pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG

Tondineli (2010) segue os pressupostos da teoria de mudança e do modelo da difusão lexical. Como variável dependente, apresenta os fenômenos de alçamento, manutenção e rebaixamento da vogal pretônica e postônica.

Os dados foram coletados de um *corpus* constituído de 13 informantes (do sexo feminino e masculino) com idade entre 15 e mais de 50 anos, de classe baixa e média, com três graus de escolaridade (sem escolaridade ou somente 1º grau, 2º grau e superior).

Para a coleta dos dados, foram apresentadas 53 figuras aos informantes para que pudessem produzir as vogais /e/ e /o/ em posição pretônica e postônica não final. Os dados foram analisados pelo programa *GoldVarb2001* a partir dos seguintes fatores linguísticos: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, distância da sílaba tônica, nasalidade, classe morfológica, grau de formalidade, posição da pretônica (se inicial ou medial).

Foram analisados 5.058 dados para [e] e 3.299 para [o].

O percentual de rebaixamento da pretônica foi baixo, contrariando observações de teóricos como Nascentes (1953) de que a região norte (no caso do Norte de Minas Gerais) se caracteriza pela escolha na pronúncia da vogal média baixa.

Para a vogal média anterior /e/, a autora verificou a ocorrência de alçamento em 28% dos dados analisados, 71% de manutenção e 1% de rebaixamento.

Para a vogal média posterior /o/, a autora verificou 14 % para alçamento, 82% para manutenção da vogal e 4% para rebaixamento.

Fatores como classe social e faixa etária foram moderadamente favoráveis tanto para o alçamento quanto para o rebaixamento. E os fatores que favorecem ou não o fenômeno de alçamento e rebaixamento foram praticamente similares, principalmente quanto ao contexto fonético, exceto para a vogal pretônica posterior, para a qual o contexto favorável foi consoantes oclusivas (que não foram favoráveis à variação da média anterior). O grau de escolaridade (sem escolaridade ou somente o 1º grau) apresentou-se favorável apenas para alçamento do /e/. Já os fatores átona permanente, distância 1 e 2, em relação à vogal da sílaba tônica, sílaba inicial, estilo informal e faixa etária de 15 a 30 anos, foram favoráveis para todos os processos.

Nas conclusões do trabalho, Tondineli (2010) reafirmou as hipóteses difusionistas, mas, primeiramente, argumenta que as diversas exceções que promovem as mudanças

fonéticas não são explicadas apenas por analogia e/ou empréstimo. Como exemplo, cita o alçamento por harmonia vocálica, como em *c[u]nhecida*, *c[u]nheci*, *c[u]nhecido*, em que a vogal tônica é nasal e não favorece o alçamento da pretônica. Afirmou também que muitos processos fonológicos não podem ser explicados apenas por condicionamento sonoro, mas por um conjunto variado de fatores, inclusive os de natureza discursivo-pragmático e geográfico-social.

Tondineli argumenta, ademais, que

Nem todos os vocábulos que contêm o som em pauta são afetados simultaneamente e da mesma maneira. Longe de se aplicar a todas as palavras ao mesmo tempo, as mudanças fônicas reconhecem limites temporais, quer por razões socioculturais, quer por razões pragmáticas, sendo, pois, contínuas como em *s[ɛ]rviço*, além de *s[e]rviço*, e *s[i]nhora*, mas não *s[ɛ]nhora*) (TONDINELI, 2010, p.144).

Para a autora, o fato de as variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária, escolaridade e classe social) não apresentarem significância estatística é um indício de que o fenômeno estudado é de cunho difusionista. Ela observa, citando Oliveira (1992, p. 35), que o ambiente fonético seria visto como um “assimilador *a posteriori*, e não como um condicionador *a priori* de uma inovação”.

Portanto, Tondineli (2010) defende uma mudança sonora lenta e gradual, que atinge palavras específicas primeiramente e, depois, amplia-se para outras formas, conforme propõe o difusionismo. E, para confirmar a proposta da perspectiva adotada, apresenta três argumentos que confirmam a tese da difusão lexical, sendo: a) a ocorrência de inúmeras exceções que não podem ser explicadas somente por analogia/empréstimo (*c[u]nhecia*, *c[u]nheci*, *c[u]nhecido*); b) muitos processos fonológicos não são explicados simplesmente por condicionamentos sonoros, mas por um grupo de fatores, inclusive de natureza discursivo-pragmática e sócio-histórico-social, como a consideração de dados probabilísticos que indicaram a manutenção da média (e) em contextos formais de fala; e c) nem todos os vocábulos com o som em pauta são atingidos ao mesmo tempo e da mesma forma, como em *s[ɛ]rviço*, além de *s[e]rviço*, e *s[i]nhora*, mas não *s[ɛ]nhora*.

3.1.7. (Felice, 2012) – Um estudo variacionista e fonológico sobre o alçamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense

Felice (2012) apresenta primeiramente a descrição dos sistemas vocálicos do português brasileiro, seguida de análise das vogais pretônicas e alguns processos fonológicos que atuam sobre elas, a saber: **Neutralização** (perda de traços distintivos de fonemas); **Assimilação** (caracterizado pelo espraçamento de um ou mais traços de um fonema para um outro segmento); **Harmonização Vocálica** (quando uma vogal média pretônica assimila o traço de altura da vogal alta da sílaba imediatamente seguinte).

Após a explanação da Fundamentação Teórica com contraposição das teorias Neogramática e Difusionista, assim como a abordagem da Geometria de Traços, a autora apresenta análises de trabalhos já desenvolvidos acerca das vogais médias pretônicas e quadro de resumo desses trabalhos.

Na metodologia, Felice (2012) discorre sobre a Sociolinguística Variacionista Laboviana, caracteriza a comunidade estudada, faz um breve histórico da cidade de Uberlândia e apresenta a constituição da amostra com dados de fala dos indivíduos seguindo o método aleatório estratificado proposto por Labov, a partir dos fatores sociais (sexo, faixa etária e anos de escolaridade).

Os aspectos considerados na seleção dos informantes foram: serem naturais da cidade ou terem chegado a Uberlândia com até cinco anos de idade; não terem se ausentado por mais de dois anos consecutivos. Assim o *corpus* foi constituído por 24 entrevistas classificado conforme o perfil extralinguístico: sexo (masculino/feminino), escolaridade (0 a 11 anos de estudos; mais de 12 anos de estudo), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 46 anos, 50 anos acima).

A coleta dos dados foi realizada por meio das entrevistas e, após, transcritas com vistas à preservação das variações fonológicas. Na sequência, foram realizadas a seleção e a codificação dos dados, submetidos ao programa de análise estatística *GoldVarb*.

Conforme a análise, que totalizou 5.196 dados, o alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ apresentou-se significativo em Uberlândia.

Para compreendermos melhor os resultados apontados na pesquisa de Felice (2012), apresentamos os quadros a seguir, referentes ao alçamento do /e/ e ao alçamento do /o/, respectivamente.

Variável	Favorecedor	Desfavorecedor /inibidor	Observação	
Independente linguística	Altura da vogal da sílaba tônica	Harmonia vocálica		Em Uberlândia, a maioria dos dados para o alçamento de /e/ sofreu a regra de Harmonização.
	Continuidade /Não continuidade da consoante seguinte	Consoante não contínua seguinte	Consoante contínua	Dados semelhantes aos de Bisol (1981).
	Continuidade /Não continuidade da consoante precedente	Consoante não contínua precedente	Consoante contínua e pausa	A autora confere o fator do alçamento à presença de consoante não-contínua (produzida com o dorso da língua levantado aproximando-se do processo assimilatório da vogal).
	Peso silábico da pretônica	Sílaba leve	Sílaba pesada	Resultados semelhantes aos de Viegas (1987).
	Nasalidade/oralidade da vogal pretônica	Nasalidade da vogal pretônica	Vogais orais	Semelhante aos estudos de Bisol (1981), Viegas (1987) e Silveira (2008).
	Contexto fonológico precedente: ponto de articulação	Consoante precedente labial	Coronal e dorsal	
	Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação	Consoante dorsal	Coronais e labiais	Fator favorecer semelhante aos dados de Silveira (2008).
	Posição da vogal pretônica na palavra	Pretônica em sílaba inicial	Sílaba não inicial	Mesmo selecionada pelo programa, a posição da vogal pretônica na palavra não foi tão significativa, pois a vogal pretônica alçada em início de palavra apresenta vogal alta seguinte.
Independente extralinguística	Sexo	Feminino	Masculino	
	Anos de Escolaridade	0 a 11 anos de escolaridade	12 ou mais anos	O informante de mais escolaridade é mais conservador e realiza menos o alçamento.
	Idade			A idade não interfere no alçamento da vogal pretônica /e/. Todas as faixas etárias realizaram o alçamento de forma regular.

Quadro 1 – Alçamento do /e/.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, adaptado de Felice (2012).

Variável		Favorecedor	Desfavorecedor /inibidor	Observação
Independente linguística	Altura da vogal da sílaba tônica	Harmonia vocálica	Vogais médias e baixas na sílaba tônica	Tanto /i/ quanto /u/ na sílaba tônica favorecem o alçamento.
	Posição da vogal na palavra	Pretônica em início de palavra	Pretônica em sílaba não inicial	Conforme a autora, a pretônica estar em sílaba inicial ou não inicial não é o fator mais favorecedor de alçamento, uma vez que os vocábulos ora atendem à regra de harmonia vocálica, ora ao contexto precedente e seguinte.
	Contexto fonológico precedente: ponto de articulação	Consoante dorsal Labial	Coronais precedentes ou contexto sem consoante no <i>onset</i>	Resultados semelhantes aos de Silveira (2008) para este fator.
	Contexto fonológico seguinte: ponto de articulação		Consoante dorsal	Pequeno favorecimento da consoante seguinte coronal, porém, próximo do neutro, não permitindo realizar conclusões sobre a influência das coronais.
	Distância da pretônica em relação à sílaba tônica	Distância Zero	Distância 1 e distância 2	
	Peso silábico da pretônica	Contexto silábico leve	Sílaba pesada	Dados semelhantes aos de Viegas (1987) e Silveira (2008).
Independente extralinguística	Idade			Como em Schwindt (2002) e Viegas (1987), os números aproximam-se do neutro, não podendo afirmar que o fator idade seja favorecedor de alçamento.
	Anos de Escolaridade	0 a 11 anos de escolaridade	12 ou mais anos	O informante de mais escolaridade é mais conservador e realiza menos o alçamento.
	Idade			A idade não interfere no alçamento da vogal pretônica /e/. Todas as faixas etárias realizaram o alçamento de forma regular.

Quadro 2 – Alçamento do /o/.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, adaptado de Felice (2012).

Felice (2012) conclui, então, que a vogal alta na sílaba tônica é o fator mais favorecedor para o alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, processo caracterizado pela Harmonia Vocálica.

3.1.8 Resumo dos estudos sobre as Vogais Pretônicas do PB

O que se percebe até este ponto de estudo é que não há um padrão de comportamento das vogais pretônicas no PB. Mesmo que o fenômeno de alçamento seja encontrado nos falares brasileiros, com maior ou menor significância, os fatores que condicionam ou inibem o processo são díspares, tornando a investigação do sistema pretônico um campo fecundo.

Assim, apresentamos abaixo um breve resumo dos trabalhos analisados:

Autor	Principal Favorecedor	Principal Desfavorecedor	Processo desencadeador
Bisol (1981)	Vogal alta seguinte imediata, tônica ou não.	Alveolar precedente	Harmonia Vocálica
Viegas (1987)	Vogal alta na sílaba tônica	Vogal baixa acentuada na sílaba seguinte	Harmonia Vocálica
Celia (2004)	Vogal alta contígua	Sílaba travada cvc	Harmonia Vocálica
Viana (2008)	Condicionamento lexical		Difusão lexical
Silva (2009)	Presença de vogal alta na sílaba seguinte		Harmonia Vocálica
Tondineli (2010)	Presença de vogal baixa na posição [ɛ, ɔ] na em posição tônica.		Indício de difusão lexical
Felice (2012)	Vogal alta na sílaba tônica	Vogais médias e baixas na sílaba tônica	

Quadro 3 – Resumo de Estudos sobre as Vogais Pretônicas do PB.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os trabalhos analisados levam-nos a entender o Alçamento como processo de elevação da altura das vogais médias em posição pretônica e apontam como principal favorecedor do processo de alçamento a presença de uma vogal alta na sílaba imediatamente seguinte à vogal pretônica em análise. Os estudos indicam, ainda, que essa elevação acontece por assimilação regressiva em que a vogal pretônica assimila a altura da vogal alta contígua, configurando a harmonização vocálica, em conformidade com Bisol (1981) e a tese neogramática.

No entanto, percebermos também que pesquisas analisadas trazem dados que não podem ser explicados a partir da perspectiva neogramática, pois ocorre o alçamento sem motivo aparente, direcionando as análises da pesquisa para a perspectiva difusionista, já que os dados apontam para uma mudança de condicionamento lexical.

Além desses trabalhos com dados de fala espontânea, há pesquisas que investigam o fenômeno do alçamento da vogal média pretônica em textos de documentos escritos, conforme apresentaremos a seguir.

3.2 O alçamento das vogais médias sob perspectiva diacrônica

Conforme explanado no tópico anterior, o sistema vocálico do português brasileiro, de modo particular o subsistema pretônico, tem sido pesquisado em níveis distintos, devido às flutuações que afetam esse subsistema e sobre o qual incidem inúmeros processos fonológicos como neutralização, assimilação, harmonia, abaixamento e alçamento.

Notadamente, o sistema vocálico merece atenção também do ponto de vista histórico pois, ao contrário dos trabalhos que usam dados de fala, a pesquisa diacrônica caracteriza-se por “trabalhar com base documental, como manuscritos, textos impressos do passado” (BENÇAL, 204, p. 17).

Para Bençal (2014, p. 19), a pesquisa diacrônica possibilita afirmar “se os fenômenos que atuam hoje já atuaram em épocas anteriores”, valendo-se da aliança entre os pressupostos da Linguística Histórica e da Teoria Variacionista.

Nesse tipo de investigação não se pode contar com material da fala, pois os documentos escritos apresentam fonte exclusiva de vestígios da oralidade das épocas investigadas. Por isso, Bençal (2014), que investiga manuscritos do século XIX, e Magalhães (2013), que utiliza documentos oficiais dos séculos XVIII e XIX, chamam atenção para a irregularidade do sistema ortográfico dos períodos de que datam os *corpus*

pela falta de normatização ortográfica, influência da pronúncia e ausência de normatização gramatical.

Entende-se, a partir disso, que “pelo escrito se pode depreender, embora não integralmente, a língua no seu uso primeiro” (MAGALHÃES, 2013, p. 32). Nessa direção, os trabalhos expostos a seguir confirmam o alçamento das vogais médias pretônicas também em textos escritos. Magalhães (2013), ao analisar o alçamento das vogais pretônicas a partir de textos escritos, traz-nos a constatação de que a oscilação dessas vogais pretônicas perpassa os séculos XVII e XIX; Bençal (2014) verifica que as variações ortográficas presentes nos manuscritos tonificam a noção de que o sistema vocálico na pauta pretônica flutuava já no século XIX.

Na subsequência, apresentamos com pormenores os principais aspectos dos trabalhos citados.

3.2.1. Alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX

Magalhães (2013) aborda, sob o ponto de vista histórico, as vogais pretônicas do Português Brasileiro, a partir de documentos oficiais e cartas pessoais dos séculos XVIII e XIX, constantes do *corpus* do Projeto PHPB (Para a História do Português Brasileiro).

Em princípio, o autor já adverte sobre os obstáculos metodológicos para alcançar o intento da pesquisa, uma vez que, conforme o próprio Magalhães (2013, p. 32), se trata de “investigação de elementos fônicos a partir de dados de escrita”, diferentemente das pesquisas variacionistas desenvolvidas atualmente baseadas em dados de fala espontânea, e enfatiza que as pesquisas realizadas nas últimas décadas confirmam o caráter variável do subsistema de vogais pretônicas do português. Nesse caso, toma-se o documento escrito como representação convencional da fala, não se esquecendo de que o texto escrito não contém todos os recursos disponíveis na oralidade.

Para cuidar de que os obstáculos na realização da pesquisa fossem atenuados, o autor adotou os seguintes passos:

os dados de escrita sejam advindos de fontes confiáveis (...); (...) que as regularidades sejam bem relacionadas e demarcadas por meio de fatores que estabeleçam relações entre si e permitam comparações contextuais entre fenômenos (...); que a natureza dos dados consiga expressar o fenômeno com o mínimo possível de intuições do investigador e com o máximo de expressão no fato em si (MAGALHÃES, 2013, p. 33).

Magalhães (2013) refaz o percurso do sistema vocálico desde o período medieval, equivalente ao Português Arcaico, apontando as vogais tônicas como um sistema fechado, menos apto à variação. Enquanto o sistema tônico encontra-se consolidado com um conjunto definido de sete vocais nessa posição, o subsistema vocálico pretônico continua alvo de investigação, em virtude de sua complexidade e variação. Essa alternância das vogais médias pretônicas precede a formação do português, já existente no latim vulgar, assim como no português medieval, correspondente à era moderna do português, referente aos séculos XVII e XIX.

Para o autor, a redução do sistema vocálico do português de sete vogais na posição tônica para cinco na posição pré-acental e três nas posições pós-acento representa uma evolução sequencial da redução vocálica e permite focalizar os processos variáveis discutidos no artigo. Já documentadas nas gramáticas históricas, as oposições do latim, quanto ao timbre das vogais, entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/ são neutralizadas em favor das vogais fechadas, propiciando uma redução do sistema vocálico nesta posição para cinco vogais. No Português Brasileiro, conforme Nascentes (1953), as vogais médias pretônicas traçam uma linha virtual de divisão entre os falares do norte, onde predomina a realização das vogais médias baixas /ɛ/ e /ɔ/, e os falares do sul, com prevalência das vogais médias altas /e/ e /o/.

Conforme Magalhães (2013), os processos variáveis que favorecem o alçamento – realização de vogais médias pretônicas como altas – ou o abaixamento – realização das vogais médias pretônicas como baixas – partem da existência das vogais médias baixas na estrutura profunda.

Quanto ao alçamento, foco do artigo, o autor observa que a variação das vogais médias pretônicas é um dos processos mais representativos do português, que já certificava, desde o século XVI, a instabilidade das vogais no subsistema pretônico.

Para comprovar a produtividade do alçamento vocálico, Magalhães (2013) cita Marroquim (1934), que considera o alçamento um processo assimilatório realizado por todas as classes sociais, submetido à regra geral da língua. Mas há casos em que, mesmo não havendo o gatilho para o processo de assimilação, ocorre o alçamento.

Nessa direção, Bisol (1981) constata a variabilidade entre [o] ~ [u] e entre [e] > [i] pela aplicação da regra de alçamento da vogal média pretônica motivado pela presença de uma vogal alta na sílaba seguinte. A regra proposta por Bisol (1981, p. 259) seria capaz de traduzir esse fenômeno produtivo no português, a harmonia vocálica – processo “de assimilação regressiva – desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente

subsequente, independentemente de sua tonicidade – que pode se estender a uma ou mais vogais médias do ambiente”, como em ‘*menino ~ m[i]nino; político ~ p[u]lítico; formiga ~ f[u]rmiga*’. Casos que se ajustam ao condicionamento fonético, ou seja, à perspectiva neogramática.

Além dos casos de harmonia vocálica, Bisol (2009) registra fatos em que ocorrem o alçamento sem contexto motivador, como em ‘*boneca/buneca, colégio/culégio*’, caracterizado pela autora como implicação de difusão lexical.

Para demonstrar os dois processos, Magalhães (2013) serve-se do modelo de geometria de traços para explicar que na harmonia vocálica ocorre um espraçamento de todos os traços da vogal subsequente para a vogal anterior, isto é, um caso característico de assimilação absoluta do nó de abertura vocálica, tendo como efeito a harmonia entre as duas vogais.

Já no alçamento sem motivação aparente, não há espraçamento de traços. Ocorre o desprendimento do nó de abertura da vogal média pretônica e a ocupação automática pelos traços da vogal alta pelo processo de neutralização. Essa redução sem condicionador aparente caracteriza o processo de difusão lexical.

Para guiar a pesquisa, Magalhães (2013, p. 40) levanta a questão “estariam estas duas regras atuando já nos séculos XVIII e XIX?”. Os dados analisados apontaram, além de situações de harmonia vocálica e de alçamento sem motivação aparente, casos em que há o contexto para harmonia e que não se aplica a regra, caracterizando uma contra-alimentação.

E na apresentação dos resultados da análise, os dados das cartas pessoais apresentaram para elevação do /e/ tanto harmonia vocálica (*melanculia, privino*), como alçamento sem motivação aparente (*milhor, piqueno*), contra-alimentação (*partecipo, vezinho*) e abaixamento (*desposição, enteira*).

Para a elevação da vogal /o/, embora os dados fossem em menor número, ocorreram processos semelhantes à vogal anterior.

Os dados coletados dos documentos oficiais mostraram comportamentos semelhantes aos dados das cartas pessoais, confirmando também a menor ocorrência de dados com a presença da vogal média-alta posterior.

Em conclusão, Magalhães (2013) constata que a variabilidade das vogais médias pretônicas transcorre os séculos XVIII e XIX com o mesmo vigor de períodos anteriores e perdura nos dias atuais.

Bençal (2014), ao tratar do alçamento de médias altas e o abaixamento de altas na pauta pretônica nos manuscritos castrenses do século XIX, volta-se à variação histórica evidenciada primeiramente por Saussure como diacronia e utiliza princípios metodológicos da linguística histórica sócio-histórica ligada ao trabalho filológico por lidar com documentos manuscritos e impressos do passado. Pontua, também, que os trabalhos que investigam os fenômenos propostos são, em sua maioria, sincrônicos com dados da fala. Já Bençal (2014, p. 18) justifica que sua “investigação amplia o foco para a abordagem diacrônica da língua”, visto que os documentos escritos são fonte exclusiva de vestígios da oralidade, considerando-os indispensáveis para o conhecimento da língua da época. Nesse trabalho, a autora salienta a importância de estudar a diacronia para entender os fatos sincrônicos.

Para traçar a pesquisa, Bençal assumiu como objetivo principal descrever os processos fonético-fonológicos que incidem no sistema vocálico do português, o alçamento e abaixamento, a partir de documentos novecentistas da cidade de Castro, seguindo os princípios da Linguística Histórica.

A autora refaz o percurso de surgimento do Português Brasileiro pelo contato do português em solo brasileiro com índios Tupi e Guarani, em aldeias, e Tupinambás e Tupiniquins, no litoral. Nesse contato, predominou a língua geral – *pidgin* ou *coiné* de origem tupi, utilizada em atividade catequética até o século XVII. Enquanto o português era aprendido na escola, a língua geral predominava entre os casais formados por portugueses e índias.

Com a rejeição do trabalho pelo indígena, foi necessário utilizar o africano escravo nas lavouras de cana-de-açúcar. Os escravos desenvolveram um português crioulo, língua mista criada pela necessidade de comunicação entre indivíduos multilíngues. Assim, ao componente indígena somou-se a contribuição africana e os índios e negros, mesmo com a imposição do português, imprimiram suas marcas na língua falada. Portanto, Bençal (2014, p. 26) assume, no trabalho, o Português Brasileiro como “uma junção de vozes advindas de todos os que aqui habitavam e foram, a seu tempo, estabelecendo-se”.

Em sequência, a pesquisadora discorre sobre a evolução do sistema vocálico do português, que evoluiu do latim clássico ao vulgar, com a redução de vogais em virtude da perda de função distintiva dos segmentos vocálicos, que passaram a ser classificadas em abertas ou fechadas. Essa redução foi mais marcante nas pretônicas e nas átonas finais.

Do latim vulgar ao português, permaneceu a língua ágrafa até o século IX. Somente a partir do século XII, apareceram os primeiros documentos escritos completamente em

português, com domínio da escrita fonética até o século XVI, quando Fernão de Oliveira apresentou um intento normatizador e publicou a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, como também João de Barros, com a *Grammatica da língua portuguesa*.

Nessa passagem do latim vulgar para o português, as vogais tônicas preservaram o acento primário, fixando o sistema em sete vogais tônicas. Já as pretônicas iniciais, dentre as vogais átonas, resistiram mais à mudança. Por outro lado, a flutuação das pretônicas foi um fenômeno comum, com oscilações entre as vogais médias altas e altas. Segundo Viegas (1987) citada por Bençal (2014), ainda no português arcaico houve oscilação entre as pretônicas, sendo que ocasionou a fusão das vogais /e/ e /o/ em /i/ e /u/. As postônicas, assim como as pretônicas, sofreram modificações, podendo ocupar duas posições: na sílaba final ou não final. Em suma, as flutuações entre as vogais médias pretônicas e vogais altas é uma herança do latim que passou pelo português arcaico até o português moderno.

Após a descrição das vogais, a autora explica sobre os processos fonológicos que promovem a variação de fonemas conforme fatores internos (ambientes fonéticos) ou externos (contexto e particularidades do falante). Os processos fonológicos abordados foram harmonia vocálica, neutralização vocálica, alçamento e abaixamento.

Na sequência, a pesquisadora apresenta os aportes teóricos, destacando a vertente sócio-histórica da Linguística Histórica, o estruturalismo de Saussure até os fundamentos da teoria da mudança de Weinrich, Labov e Herzog (2006). Também apresenta os dois modelos de implementação da mudança sonora – os neogramáticos e os difusionistas.

Nesse ponto, a autora aponta as dificuldades de descrever a língua em seu estágio passado, por não haver registros da oralidade e uma vez que os resultados teóricos são sempre aproximativos e requerem um tratamento científico apropriado e cuidado no manejo dos dados. Outro fator que requer atenção é que o texto no papel nem sempre apresenta condição satisfatória para transcrição e edição dos dados registrados.

O foco de estudo apresentado por Bençal (2014, p. 104) é “o comportamento das vogais médias altas anterior /e/ e posterior /o/ que podem, também na escrita, alternar para as altas /i/ e /u/, respectivamente, caracterizando o fenômeno do alçamento. Como em *conf[e]ri > conf[i]ri* e *aut[o]ridades > aut[u]ridades*”. E além do processo de alçamento, a pesquisadora leva em consideração a manutenção das vogais médias altas.

Foram excluídas da pesquisa ocorrências de vogal central /a/ antecedendo a tônica, como também foram retirados ditongos sem possibilidade de alçar ou abaixar. Os prefixos des- e en- em início também foram desconsiderados, embora para Bisol (1981) e Viegas (1987) o alçamento seja categórico.

Bençal (2014) apresenta as variáveis da seguinte forma: variável dependente controlada (alternância das vogais médias /e/ e /o/ para /i/ e /u/ no contexto pretônico); variáveis independentes, que ela chama também de operacionais (linguísticas: vogal presente na sílaba pretônica, vogal presente na sílaba tônica, vogal da sílaba seguinte, vogal da sílaba anterior, localização da pretônica, trava silábica, ponto de articulação das consoantes adjacentes precedentes e seguintes às pretônicas, caráter morfológico das lexias e classificação da palavra quanto à posição da sílaba tônica).

A autora, ao iniciar o capítulo de análise, salienta que os fenômenos apresentados na pesquisa foram selecionados por serem recorrentes em todos os manuscritos. Ademais, ela ressalta ainda que, mesmo os valores estatísticos não se mostrando muito significativos, deve-se considerar que os manuscritos estão inseridos em circunstâncias formais. Importante, da mesma maneira, é o evento de palavras escritas com propriedades próprias da fala, perceptível na flutuação das médias pretônicas, fato que chamou a atenção da pesquisadora por indicar uma presumível língua em uso no contexto novecentista castrense.

Após codificação e lançamento dos dados no programa *GoldVarb X*, os fatores selecionados pelo programa para o alçamento foram: para a **vogal anterior /e/** (consoante adjacente precedente, vogal da sílaba seguinte, vogal da sílaba anterior, consoante adjacente seguinte) e para a **posterior vogal /o/** (trava silábica, consoante adjacente precedente, vogal da sílaba seguinte, localização da pretônica).

Dos 50 manuscritos utilizados como *corpora* resultaram 11.255 dados, com 4.537 em contexto pretônico, sendo 1.778 ocorrências da vogal anterior /e/ e 1.040 da vogal posterior /o/. Para a vogal anterior foram computados: 43 alçamentos e 1735 ocorrências em manutenção. Para a vogal posterior foram computados: 19 alçamentos e 1021 dados de manutenção.

Durante todo o percurso da pesquisa, Bençal (2014) esclarece sobre o número de dados da escrita que, comparado à expressividade percentual de trabalhos sobre a oralidade, é baixo e justifica que o foco do seu trabalho é a existência, mesmo pequena, de palavras que contenham oscilação de vogais médias altas e baixas em documentos formais escritos. Nesse sentido, comprova que os dados confirmam os trabalhos de Bisol (1982), Viegas (1987) entre outros referenciados na pesquisa.

Por fim, os resultados obtidos pela pesquisadora registram a variável Vogal da Sílaba Seguinte como principal motivadora do processo, seguida das variáveis Consoante Precedente e Consoante Seguinte.

A partir desses estudos acerca da variação da vogal média pretônica, consideraremos nossos dados e, após a etapa de análise, vamos comparar nossos resultados aos resultados apresentados por essas pesquisas.

A seguir, procederemos ao capítulo de Metodologia e explicitaremos os passos de realização da pesquisa.

4. METODOLOGIA

Nesta parte do trabalho, descrevemos o desenvolvimento da pesquisa a partir do método e tratamento de dados.

Para contextualizar, apresentamos características do cenário da pesquisa, com informações sobre as Folias de Reis, cidade de Montes Claros/MG, um breve relato de como ocorreu nossa coleta de dados, assim como o funcionamento do programa estatístico *GoldVarb X* e a teoria Variacionista que embasará a condução dos dados.

Para tanto, a leitura de Guy e Zilles (2007) contribuíram para a compreensão dos caminhos que um linguista deve tomar para o desenvolvimento de pesquisa quantitativa com dados de fala, constituindo-se material imprescindível durante todo o processo de pesquisa.

No tópico a seguir, explanaremos sobre os Ternos de Folias de Reis desde a origem até a formação dos Ternos utilizados para a coleta dos dados.

4.1 Ternos de Folias de Reis

4.1.1 Origem

A Folia de Reis é uma manifestação popular de grande importância e, pelo valor que assume em diferentes comunidades, merece ser compreendida como Patrimônio Cultural do Brasil (DAZZI, DUTRA e SANCHES, 2013). É vista como “Um grupo de cunho religioso, manifestando suas crenças, promessas e adorações ao Deus Menino e aos Santos Reis. Representa um grupo cultural da comunidade local, antes visto puramente como “folclórico” (ALMEIDA, 2006, p. 21).

Tradição estritamente católica, a Folia de Reis é sinônimo de religiosidade, presente no Brasil desde o período colonial, trazida no século XVIII pelos portugueses. As folias remontam aos tempos medievais, referenciadas em língua portuguesa em textos literários, como os autos de Gil Vicente, desde o início do século XVI (DAZZI, DUTRA e SANCHES, 2013).

Kimo (2006, p. 19) também admite que a prática da Folia de Santos Reis chegou ao Brasil com os europeus. Na Europa havia várias manifestações populares conhecidas como “Folia”. Quando chegou ao Brasil, a Folia foi adaptada pelos seguidores dos três Reis Magos para cumprimento das adorações e comemorações ao nascimento do menino Jesus.

Por outro lado, alguns grupos e mesmo foliões acreditam que a Folia tenha surgido antes do nascimento de Jesus Cristo.

Caracteriza-se por apresentações consideradas populares em residências, praças, ruas, igrejas para homenagear os três Reis Magos, Melchior, Baltazar e Gaspar, os Santos Reis que dão nome às folias, personagens descritos na Bíblia,

E, tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do Rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém²e perguntaram: Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos para prestar-lhe homenagens. ⁹Depois que ouviram o Rei, eles partiram. ¹⁰E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia diante deles, até que parou no local onde o menino estava. Ao verem de novo a estrela os magos ficaram radiantes de alegria.¹¹ Quando entraram na casa viram Maria com o menino. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois abriram seus cofres, e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra (MATEUS 2, 1-2; 9-10; 11).

Os reis magos levavam presentes a Jesus “ouro, incenso e mirra (...) o que, para algumas pessoas, representa as três dimensões de Cristo – Rei, Divino, Humano” (SANTOS, 2011). Esses Reis Magos passaram a ser considerados Santos e assim reconhecidos pela Igreja Católica a partir do século VIII.

Conforme Kimo (2006, p. 30), mesmo conhecida como festa da tradição católica, há no ritual da Folia de Reis vestígios da cultura africana como tambor, danças, ritmos, que podem ser identificados em rituais (cultos) de origem africana, o que nos leva a crer que a Folia de Reis não carrega uma herança advinda puramente da cultura cristã. Noel (2010) citado por DAZZI, DUTRA e SANCHES (2013) diz que “No Brasil, tambores e outras contribuições africanas ampliaram a força da manifestação da religiosidade popular”.

Assim, aos elementos e rituais das práticas católicas romanas foram acrescentados outros elementos, tornando-as tão particulares à comunidade da qual fazem parte e cuja formação envolve uma prática cristã com culto de origem africana. Talvez a presença do evento africano não seja algo incorporado com a colonização, mas dos contatos que os povos europeus já mantinham no percurso da exploração do continente africano, porque

Quando o Brasil foi descoberto, em 1500, havia mais de cinquenta anos que os portugueses ‘filhavam’ (sequestravam) e traficavam negros pro resgate ao longo da costa da África ocidental, desde o Rio Senegal (Cabo Verde-Guiné) até a altura do Rio Zaire ou Congo (São Tomé-Costa da Mina), já tendo transportado para seu entreposto distribuidor de Lisboa perto de 150 mil escravos (TINHORÃO citado por KIMO, 2006, p. 10).

E mesmo com a imposição portuguesa de seus costumes e tradições culturais, a festividade se mesclou à cultura africana. Assim, foi-se formando esse grupo folclórico que preserva a cultura e serve, ainda, de depositário cultural.

No Brasil, conforme Kimo (2006), a visitação pelos “Ternos”, “nome utilizado pelos participantes do ritual para designar grupo, conjunto ou bloco”, é feita por grupos organizados, motivados por propósitos sociais ou filantrópicos, ou mesmo pela memória de outras companhias de Folia de Reis. Dedicaremos o tópico seguinte para explicar mais detalhadamente a terminologia e a composição das Folias.

4.1.2 Nome e Formação

O tópico anterior apresentou-nos a folia como manifestação cultural e religiosa. A partir desta seção na qual trataremos da formação e denominação dos grupos responsáveis pela transmissão, divulgação e perpetuação das folias, utilizaremos o nome Terno(s) de Folia(s) de Reis¹³.

O Terno de Folia de Reis é constituído por um grupo de pessoas “do sexo masculino, cantores, tocadores e dançarinos, trajados com uniformes característicos do lugar” (ALMEIDA, 2006, p. 21), que conduzem e animam as visitas às residências urbanas e rurais. A divisão é feita por instrumento e/ou função: “uma caixa, quatro violas (algumas com afinações diferentes), dois violões, o quadro de Santos Reis (onde são colocadas as esmolas), duas rabecas, dois pandeiros e, em alguns momentos, um cavaquinho” (KIMO, 2006, p. 85). Embora Kimo (2006) apresente uma estrutura para a formação e divisão do terno, não há uma concordância entre os estudiosos acerca dessa precisão.

Por conseguinte, o número de integrantes de um Terno de Folia oscila, porque, além dos instrumentistas, há ainda os participantes que atuam apenas como cantores e/ou dançarinos. Conforme Kimo (2006, p. 85), “apesar disso, a estrutura principal mínima para a prática do ritual permanece constante. Cada grupo possui uma estrutura mínima diferente, que é construída por valores estéticos consolidados, a partir dos quais as funções dos participantes são estabelecidas”. Ainda, nos termos do autor, “o número de cantores no terno fixa-se em quatro participantes. Já a quantidade de instrumentistas pode variar, acrescentando mais foliões ao grupo” (ibidem, 2006, p. 86).

¹³ O termo “Folia” será usado com o sentido de manifestação, festividade e “Terno(s) de Folia(s) de Reis”, como o grupo de pessoas que atuam na preparação, organização e realização da folia.

Esses membros são, geralmente, trabalhadores braçais, pessoas com baixa renda que dentro do terno são “mestres, imperadores, sacerdotes populares (...) devotos das sabedorias seculares mantidas pela resistência da cultura” (SANTOS, 2011) ou “o alferes da folia, rei, rainha, mestre sala, Mateus, contramestre e palhaços” (FERREIRA, SOUSA e BELO, 2013, p. 136).

Os foliões percorrem as casas, principalmente aquelas que montam os presépios (lapinhas representativas do nascimento de Cristo), no período de 24 de dezembro a 06 de janeiro, seguidos de pessoas e palhaços dos reisados e com vários instrumentos muito barulhentos. Os palhaços, considerados figuras demoníacas, representam a perseguição ao menino Jesus. No entanto, o que configura os Ternos de Folia de Reis é a ausência do elemento palhaço, ou seja, “A ausência do personagem [palhaço], também chamado de mascarado e bastião, caracteriza as formações conhecidas como ternos de reis, em estados como Espírito Santo e Minas Gerais” (NOEL, 2010 citado por DAZZI, DUTRA e SANCHES, 2013).

Assim, o terno não apresenta o elemento palhaço porque, ao remontar à viagem dos reis magos, não canta a perseguição a Jesus. Outra característica dos Ternos é o estilo de canto em coral.

Pessoas de todas as faixas etárias identificam-se com o universo dos Ternos de Folia de Reis e acabam por dedicar parte de suas vidas ao aprendizado e à prática do ritual.

Com predominância dos homens em sua formação, os Ternos normalmente não contam com a participação direta das mulheres, “devido a afazeres domésticos, não há presença da mesma no grupo” (DAZZI, DUTRA e SANCHES, 2013), que passam a dar o suporte aos eventos festivos, constituindo, por outro lado, a “Folia Invisível”, formada por mulheres “responsáveis pela organização, preparação, mas não aparecem em lugares públicos da festa” (DAZZI, DUTRA e SANCHES, 2013).

Outro registro interessante encontrado em Canesin e Silva (1983, p. 21), citados por Santos (2011), é a “Irmandade da Sorte” que se refere às pessoas envolvidas no grupo e que se consideram, em função do Terno de Folia, parentes pela devoção aos Santos Reis. A Irmandade emerge porque, em casos de visitas fixas, os Ternos de Folias apresentam-se nas casas dos membros do próprio grupo.

Mesmo variando conforme o grupo ou região, esses Ternos mantêm uma base mantida por

(...) certos segredos (...) compartilhados apenas pelos integrantes mais velhos ou dominados apenas pelo mestre. Tais segredos colaboram para ampliar o respaldo de sua comunidade, afastando-a da banalização, e, ao mesmo tempo, contribuem para evitar o esvaziamento do ritual diante do possível esquecimento ou morte de seu detentor. Além disso, certos segredos permanecem envoltos pela religiosidade de seus participantes, que temem as possíveis consequências espirituais de uma má utilização de seus saberes (KIMO, 2006, p.39).

Trata-se de informações partilhadas somente por foliões de longa participação como membro do Terno ou entre o mestre e um membro de muita confiança. Esses “segredos” contribuem para a manutenção dos rituais e continuidade dos Ternos de Folias. Assim como “afasta grandes variações para com o rito e descartam a chance de perda e esquecimento do ritual perante uma possível morte (...) do mestre, que (...) é o detentor de tais segredos” (SANTOS, 2011) que, por outro lado, também são muito bem preservados para se evitar o uso inadequado dos “saberes” e para manutenção dos ritos tradicionais das festividades propagadas pelos Ternos de Folias.

Assim, no próximo tópico explanaremos sobre os rituais performáticos dos Ternos de Folias.

4.1.3 Apresentações

Os grupos de foliões fazem a representação do caminho percorrido pelos três Reis Magos para visitar o menino Jesus recém-nascido. Esse percurso acontece durante o ciclo natalino, que se inicia com ensaios no mês de novembro e cujas atividades acontecem nos meses de dezembro e janeiro, ou melhor, do dia 24 de dezembro, que marca a noite do nascimento de Jesus, até o dia 06 de janeiro, dia de comemoração dos Santos Reis. Assim,

a Folia de Reis conta os cinco passos do nascimento de Jesus: a anunciação do anjo Gabriel à Virgem Maria, a revolta de José com a gravidez da mulher, a chegada do casal a Belém da Judeia para o censo dos romanos, a visita dos três reis do Oriente, confirmando a chegada do Messias, e a ida da família para o Egito, fugindo dos soldados de Herodes, que mandara matar os recém-nascidos (NOEL, 2010 citado por DAZZI, DUTRA e SANCHES, 2013).

Essa peregrinação do ciclo Natalino dura 13 noites¹⁴, em que os foliões percorrem a comunidade (cidade ou campo) batendo nas portas dos moradores, e apresentam-se com cantigas (hinos) e danças, “anunciando a boa nova e estabelecendo relações de troca entre o povo e a divindade” (KIMO, 2005, p. 705). Esse ciclo também é conhecido como “giro”

¹⁴ Sempre à noite, pois durante o dia os foliões descansam (PAULA, 1985).

em que há um clima de devoção, espiritualidade, meditação, rezas, assim como danças e brincadeiras.

Durante o giro, o Terno de Folia de Reis é guiado pelo “mestre”, também denominado de “embaixador” que, ao mesmo tempo, organiza e rege o grupo durante a performance e puxa a cantoria. Os foliões "Não tocam nas ruas ou em caminho: andam silenciosamente" (PAULA, 1985, p. 185), somente postos à porta da casa a ser visitada é que se rompe o toque de uma vez, surpreendendo o morador.

A visitação às casas apresenta-se em caráter de festa e, em cada moradia por onde o grupo passa, são oferecidas “comidas e bebidas, geralmente doces e sucos, além de oferta em dinheiro ou ‘esmolas ou joias’” (FERREIRA, SOUSA e BELO, 2013, p. 136).

E o ritual da cantoria acontece desde a chegada à casa visitada com a canção de abertura de porta, o hino de saudação no interior da casa e o de despedida e agradecimento ao final das apresentações. Danças também são apresentadas como forma de homenagem aos donos das casas que recebem o grupo para reverenciar os Santos Reis e o menino Jesus.

Na data de 06 de janeiro, quando se comemora o dia de Santos Reis, marca-se também o final do ciclo de peregrinação. Os foliões cantam, rezam de forma elevada a Deus e aos Reis Magos. Esse ritual de encerramento também é conhecido como “Arremate da Folia” que configura, ao mesmo tempo, o cumprimento da jornada.

Na cidade de Montes Claros, as comemorações aos Três Reis Magos, popularmente chamada de festa de Reis, são parte significativa da cultura local, recebendo grupos e pessoas de várias localidades que se concentram, em sua maioria, no bairro Santos Reis, onde a festividade é mais expressiva. O próximo tópico abordará, nesse sentido, os Ternos de Folias no cenário montes-clarense.

4.1.4 Montes Claros: Celeiro de Folias

Montes Claros é considerada “um grande celeiro de Folias” pela Comissão Mineira de Folclore (MENDONÇA, 2014). Na verdade, a cidade contempla uma vivência cultural intensa, pois no decorrer do ano acontecem eventos populares que fazem desses acontecimentos uma característica do município. Dentre os eventos mais expressivos estão: Festival Internacional do Folclore (realizado no mês de maio), Folclore e Festas de Agosto (nos dias 17 a 21 de agosto, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e ao Divino Espírito Santo) e os Ternos de Folias de Santos Reis. São

manifestações típicas, acontecem a Festa Nacional do Pequi, o Festival Internacional de Folclore, os Festejos de Agosto, a Folia de Santos Reis, as Festas Juninas, a Feira de Artesanato, entre outras, que mantêm e atualizam a produção de bens culturais em Montes Claros (FIPMOC, p. 7-8).

Portanto, os Ternos de Folias de Reis são parte desse celeiro cultural e, dada a sua importância, marca a identidade do montes-clarenses. A atuação dos Ternos de Folias é tão forte que “muitos dos participantes do próprio grupo de folia têm pesquisado e procurado informações sobre a prática” (KIMO, 2006, p. 42), porque se trata de uma cultura que tem como uma das principais características a transmissão de saberes através da oralidade e são escassos os documentos disponíveis que registram a história dos Ternos de Folias na região.

Em Montes Claros, o caráter inerente dos Ternos se consolidou com a criação da Associação dos Ternos de Folias de Reis e Pastorinhas de Montes Claros, com o objetivo de identificar, catalogar e oferecer orientação e suporte aos Ternos de Folia de toda a região do Norte de Minas, além de servir de veículo mediador na troca de informações entre os grupos, possibilitando a promoção e divulgação da Folia, assim como a “difusão de publicações outrora restritas ao contexto acadêmico” (KIMO, 2006, p. 42).

A criação da Associação foi importante porque possibilitou a aquisição de recursos do município de Montes Claros para a manutenção dos Ternos e a realização de projetos sociais que incentivam e ensinam a arte das Folias de Reis, por meio de convênios com a Secretaria Municipal de Esporte, Juventude e Cultura.

Na região norte de Montes Claros, existe o bairro Santos Reis, onde as festividades dos Ternos de Folias fazem parte da comemoração tradicional do bairro e onde se concentra a maior atenção durante as festividades, por estar lá também a Paróquia de Santos Reis, embora haja vários Ternos de Folias de Reis em toda a cidade.

Segundo Reis, Reis e Ruas (2014), o bairro Santos Reis também é conhecido por “Malhada”, cuja denominação se deve por constituir um posto de passagem da Estrada Real, que os viajantes utilizavam como ponto de parada para dar água aos animais, descansarem ou mesmo pernovernarem. Com origem datada de 1932, “a comunidade se organizou e se consolidou, sobretudo a partir da construção da gruta-presépio e da realização anual da festa dos Santos Reis com a tradição da Folia e das Pastorinhas” (REIS, REIS e RUAS, 2014, p. 2.).

Durante as festividades, há um dia em que todos os Ternos de Folia se encontram na Paróquia de Santos Reis para levantar o mastro em honra aos santos (os três Reis Magos), com missas, barraquinhas e apresentações dos Ternos de Folias, caboclas e pastorinhas. Normalmente, esse encontro acontece na festa de “Arremate”, no dia seis de janeiro.

Foi realizado, em abril de 2010, o 7º Encontro de Ternos de Folias de Reis Riacho do Fogo. O que não acontecia “desde o falecimento de seu anfitrião, (...) saudoso Sr. Milton Almeida, na comunidade de Riacho do Fogo, que chegou a reunir, em 2008, trinta e três ternos” (MENDONÇA, 2014). O evento contou com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros e com a participação de quarenta e três Ternos de Folias de Reis da região do Norte de Minas. Isso representou um marco para a história das folias na região.

Assim, nessa seção dedicada à explanação dos Ternos de Folias de Reis pode-se entender a formação e a atuação desses grupos, especificamente para a comunidade montes-clarense, cuja musicalidade dos hinos dos Ternos será a fonte de dados desta pesquisa. Para tanto, na próxima seção apresentaremos os Ternos de Folias de Reis que produziram os hinos utilizados para coleta de dados desta pesquisa.

4.1.5 Ternos de Folia de Reis: Mestre Joaquim Poló e Semelhança dos Três Reis Magos

O Terno de Folia de Reis do Mestre Poló é um grupo tradicional de Montes Claros-MG que se apresenta, de forma especial, durante o período do “giro”, duas noites em um distrito rural de Grão Mogol (cidade que fica a 148 km de Montes Claros), em virtude de questões de origem.

A idade do terno é indefinida e a informação que se tem em relação à cronologia é de mais de 54 anos. A família do mestre Joaquim Poló reside no bairro Santa Cecília, parte norte da cidade, na grande região do Renascença, que forma um conglomerado de pequenos bairros pobres de Montes Claros, onde residem outros integrantes de seu terno. Há ainda os membros que moram nas regiões rurais e que, durante o período natalino, se deslocam para Montes Claros diariamente para atuarem no Terno de Folia.

Habitualmente, os participantes dessas tradições trabalham em atividades rurais, braçais, estudantes de escolas públicas, negros e pardos de baixa renda, mão-de-obra barata e vivem às margens da classe elitista branca. De fato, “eles compõem a camada social que

é “empurrada para debaixo do tapete”, excluída da realidade, onde valores ‘egoicos’¹⁵ prevalecem” (KIMO, 2006, p. 4).

O terno do Mestre Poló é composto por pessoas de baixa renda, que atuam profissionalmente como autônomos ou assalariados. No grupo, participam os filhos, cunhados e amigos do mestre, cada um com suas habilidades particulares de manejo das atividades do ritual. Vale ressaltar que a idade do folião não está basicamente ligada à experiência, pois, por exemplo, o integrante mais jovem do grupo, filho caçula do mestre Joaquim, acompanha o Terno de Folia desde os 9 anos. O filho mais velho é o conselheiro do mestre, cuja posição é respeitada no terno.

Contrariando a formação predominantemente masculina, todos os filhos e filhas do mestre Joaquim participam, de alguma forma, do Terno, seja tocando, dançando ou cantando, apesar de ser pouco comum a participação de pessoas do sexo feminino nas folias da região. Às mulheres ficam tarefas como a guarda do quadro¹⁶.

Notadamente, conforme Kimo (2006, p. 4), o que se percebe é que essas pessoas - mestres, imperadores, sacerdotes populares e devotos – “donos de sabedorias seculares, alimentadas pelo processo de resistência cultural, [...] vêm sendo desapropriadas de sua cultura, (...) para o entretenimento da elite”.

O Terno de Folia Semelhança dos Três Reis Magos tem como Mestre o Senhor Alcides Dias Machado, chamado popularmente de Alcides Machadão, que também é o presidente da Associação de Ternos de Folias de Reis e Pastorinhas de Montes Claros.

O grupo é originário da cidade de São João da Ponte, cidade natal do Mestre Alcides, mas atua na comunidade montes-clarense há mais de vinte anos. Composto de nove integrantes do sexo masculino, esse terno realiza o “giro” no bairro Vera Cruz e adjacências, região norte da cidade.

Também é um terno tradicional da região e desenvolveu o projeto "Pequenos e Grandes Mestres de Folia", em que promovia encontros de mestres de folias e foliões com crianças e adolescentes, promovendo o contato com a tradição popular. Esse projeto teve início em fevereiro de 2007, atendia aproximadamente 50 alunos, com a proposta de ensinar os aspectos musicais, coreográficos e religiosos presentes na folia, como forma de preservação cultural.

¹⁵Psi. Ref. ou inerente a, ou próprio do ego (estrutura egoica; culto egoico). (AULETE DIGITAL)

¹⁶ Guarda do quadro corresponde ao membro responsável por carregar o quadro de Santos Reis durante as visitas do grupo (KIMO, 2006).

Na parte musical, eram ensinados os instrumentos de violão, rebeca, caixa, pandeiro e viola caipira, com aulas ministradas pelos mais velhos do terno, cuja metodologia era a mesma utilizada entre os foliões: “por imitação, por ensaios coletivos, por correção de erros, por trocas de conhecimentos entre próprios alunos e por meio de performances acompanhando o terno em suas atividades religiosas” (SOARES, 2007), acompanhado também de ensinamentos de cunho moral e religioso, tais como as histórias relacionadas aos Reis Magos ou aos santos a quem se dedicam às chamadas “‘Folias de Bandeira’ (que podem ser dedicadas a qualquer santo como pagamento de promessas feitas aos mesmos)” (SOARES, 2007) e a explicação de cada um dos símbolos presentes na folia.

Esporadicamente, o terno é convidado para apresentações em escolas, faculdades e outras instituições, assim como em festas religiosas, programas de rádio e televisão. Dessa forma, o Terno de Folia Semelhança dos Três Reis Magos, ao mesmo tempo, divulga a cultura da folia e perpetua a atividade na região. Em relação ao projeto, conta, atualmente, apenas com o trabalho do mestre restrito a apresentações e palestras quando convidado.

Os Ternos explanados acima partilham de características comuns, mas também apresentam peculiaridades como as formações e regiões em que atuam. Sobretudo, fazem parte do acervo cultural da cidade de Montes Claros, conteúdo do tópico a seguir.

4.2. Breve histórico de Montes Claros - MG

Montes Claros/MG é polo microrregional parte da mesorregião Norte de Minas, com população estimada, até 2006 pelo IBGE40, em 588.321 habitantes, com área total de 22.248,177 Km². Essa microrregião é formada por 22 municípios: Brasília de Minas, Campo Azul, Capitão Enéas, Claro dos Poções, Coração de Jesus, Francisco Sá, Glauvilândia, Ibiracatu, Japonvar, Juramento, Lontra, Luislândia, Mirabela, Patis, Ponto Chique, São João da Lagoa, São João da Ponte, São João do Pacuí, Ubaí, Varzelândia, Verdelândia e Montes Claros, cidade polo e alvo deste estudo.



Figura 7 – Microrregião de Montes Claros.

Fonte: <http://www.informacaosobre.com/Montes_Claros>. Acesso em: 25/08/2015.

A história dessa cidade começou em 1674, quando Fernão Dias Pais Leme organizou a maior bandeira do território brasileiro, juntamente com o mestre de campo Matias Cardoso de Almeida e seu cunhado, o jovem Antônio Gonçalves Figueira. Matias Cardoso e Figueira, convencidos de que não encontrariam esmeraldas, retornaram a São Paulo.

No ano de 1691, o Alferes Antônio Gonçalves Figueira volta à região como guia da tropa do coronel João Amaro Maciel Parente, para se encontrar com Matias Cardoso, a fim de fazer guerras aos índios e aprisioná-los. Depois de sete anos de combate, Gonçalves Figueira firma-se na região da bacia do Rio Pardo, na fazenda Brejo Grande, onde instala o primeiro engenho de cana. Em seguida, funda também as fazendas de Jaíba, Olhos D'água e Montes Claros que, em 12 de abril de 1707, foi recebida como uma sesmaria de légua e meia de largura por três de comprimento situada nas cabeceiras do rio Verde, a Fazenda dos Montes Claros (PAULA, 1979, p. 05).

A sede da fazenda de Montes Claros é construída, rodeada por casas, currais e uma capela. Figueira retorna a São Paulo, ficando a fazenda com seu primogênito, o Sargento-Mor Manoel Ângelo Figueira, que em 1768 vende a fazenda para o Alferes José Lopes de Carvalho. O Alferes realiza reformas na fazenda com a construção de uma nova capela. E outros fazendeiros também fincam construções no entorno da capela, emergindo “esse arraialzinho embrionário” que “passou a se denominar Formigas” (PAULA, 1979, p. 12).



Figura 8 – Casa da sede da Fazenda dos Montes Claros.

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTES CLAROS. Secretaria de Cultura de Montes Claros.

Em 13 de outubro de 1831, o arraial de Nossa Senhora da Conceição e São José foi elevado à Vila de Montes Claros de Formigas e, em 3 de julho de 1857, pela Lei no 802, a Vila de Formigas foi elevada à cidade de Montes Claros (PAULA, 1979, p. 18). À época, em 1885, Montes Claros possuía 3.219 habitantes, sendo 1.586 mulheres e 1.633 homens.

A primeira atividade econômica da cidade foi a pecuária extensiva de corte para abastecimento dos centros mineradores do Estado. O declínio da atividade fez a cidade estabelecer novas relações comerciais com a Bahia.

Na região, então, são introduzidos cultivos agrícolas como algodão e mamona, que propiciaram o início da industrialização fabril, com a fundação da primeira fábrica, em 1880, pela sociedade Rodrigues, Soares, Bittencourt, Veloso & Cia, localizada no Cedro.

Com a instalação da ferrovia da Central do Brasil (01/09/1926), foi intensificado também o comércio de gado e algodão, com crescente economia regional.

A partir de 1964, foi aprovado o primeiro projeto industrial na região mineira da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), com o processo de desenvolvimento regional. A cidade de Montes Claros constituiu-se, então, a partir daí, como polo industrial regional.

Atualmente, principal centro urbano do Norte de Minas, Montes Claros apresenta, por isso, características de uma metrópole regional, com raio de influência em todo o Norte de Minas e sul da Bahia. Localiza-se na Bacia do Alto Médio São Francisco, ao Norte do Estado de Minas Gerais, integrada na área do Polígono da Seca, Região Mineira do Nordeste, com acesso pelas rodovias BR-122, BR-135, BR-251 e BR-365, tornando-se um

dos maiores entroncamentos rodoviários nacionais, interligando Norte, Sul, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil.



Figura 9 –Ligações rodoviárias no Norte de Minas.

Fonte: DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes), Montes Claros/MG.

Possui aeroporto com voos domésticos, de transporte de cargas e passageiros. Possui duas universidades públicas (Federal e Estadual), além de cerca de 10 particulares. É sede de duas emissoras de televisão locais. Nas últimas duas décadas, a cidade passou por grande desenvolvimento econômico, tornando-se o município polo de desenvolvimento regional. Conforme Fernanda Gomes (2007),

Montes Claros foi o principal ponto de convergência do fluxo migratório da região, absorvendo camponeses e migrantes do Norte e Noroeste de Minas e de parte do Sul da Bahia. Com base em Pereira (2003), os fatores que contribuíram para isso foram: concentração fundiária; longos períodos de seca; transformações na estrutura produtiva; expansão industrial; e desenvolvimento de um complexo e diversificado setor de serviços, comércio e administração na cidade. Esses fatores, em conjunto, motivaram um rápido crescimento populacional em Montes Claros, gerando um descompasso entre infraestrutura e serviços disponíveis e a crescente demanda. Além disso, a indústria e os outros setores da economia não conseguiram absorver toda a mão de obra disponível, ocorrendo assim um aumento das atividades informais e do desemprego na cidade (GOMES, 2007, p. 67).

Portanto, a concentração de serviços especializados em educação, saúde, entretenimento, comércio, indústria favoreceu a vantajosa posição do município em relação aos outros municípios da região, o que fortaleceu sua centralidade na região. E tal posição demandou uma reformulação da dinâmica do município, que, segundo Gomes (2007), se deu em termos de:

- Industrialização: formação de centros industriais nas cidades de Montes Claros, Pirapora, Várzea da Palma e Bocaiuva, alterando a divisão do trabalho pré-existente;
- Urbanização: aumento da população urbana, sobretudo nas cidades mais industrializadas da região, acompanhado de processos migratórios intrarregionais;
- Estratificação social: ampliação da classe média e a difusão gradativa de um modo de vida urbano (ainda que para um grande número de cidades do Norte de Minas este fato é questionável, visto que grande parte da população que vive na região adota um estilo de vida rural e está ocupada em atividades ligadas à agropecuária), implicando em mudanças no comportamento da sociedade e nas formas de consumo;
- Melhoria da circulação dos meios de transporte e comunicação: viabilização de interações espaciais mais eficientes de mercadorias, pessoas, informação e capital com a substituição do sistema ferroviário por uma densa rede rodoviária;
- Industrialização do campo: modernização da agricultura e reestruturação fundiária, que alteraram as relações sociais de produção e foram acompanhadas de um êxodo rural;
- Diversificação da economia e reorganização do setor empresarial: alterações dos padrões de compra e consumo da população regional com a entrada do capital financeiro e investimentos empresariais, envolvendo não apenas o setor industrial e comercial, mas também a expansão do setor de serviços (GOMES, 2007, p. 84-5).

Hoje, conforme informações da autora, Montes Claros é considerada uma cidade policêntrica, pois o fluxo econômico exige e possibilita a renovação e estruturação de formas de ocupação.

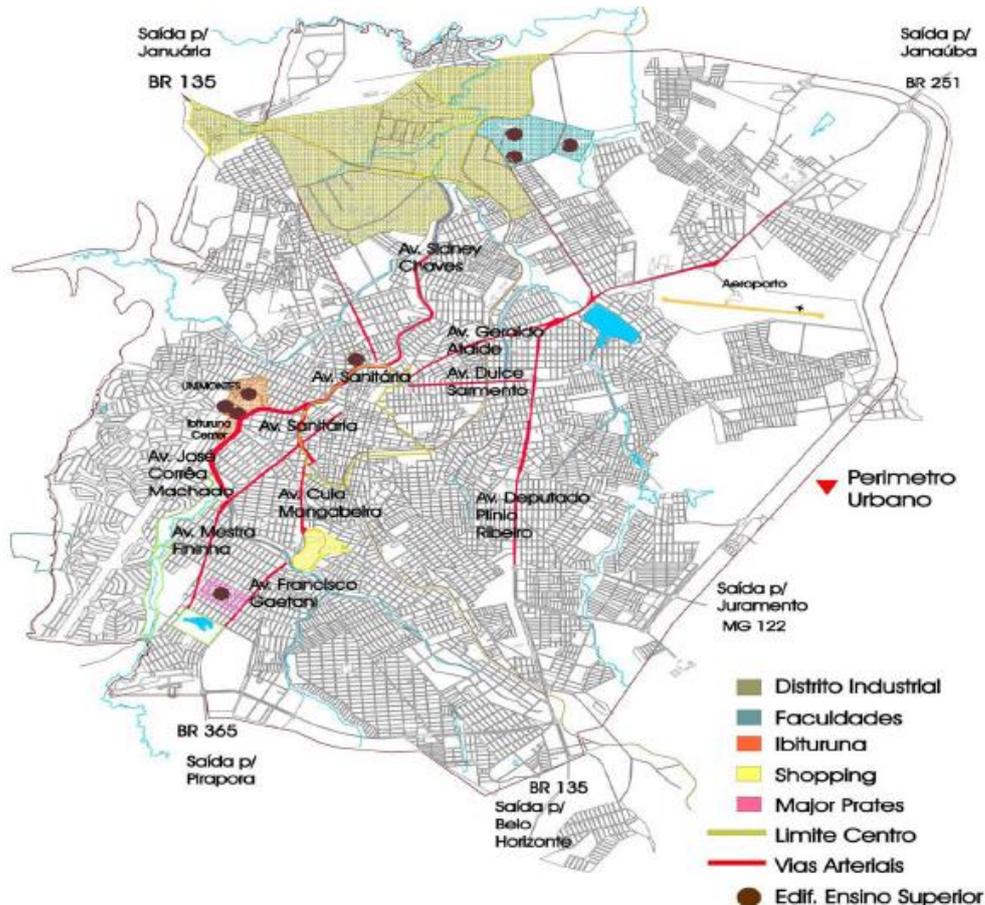


Figura 10 –Subcentros de Montes Claros.
Fonte: GOMES (2007).

Quanto ao falar em Montes Claros, os rastros da presença dos bandeirantes na região apresentam-se na linguagem, visto que fenômenos como a epêntese, verificada no vocábulo *despois*, de uso culto nos séculos XV e XVI; a redução de ditongo, como em *premero* e *tercero*; e arcaísmos como *arreceber* e *amontava*, caracterizam variantes comuns na região.

Ocorrem também no repertório linguístico vocábulos como *muntcho* (uso de africadas, características do século XVII), *preguntou* (forma alternativa de perguntar, utilizada no século XVII), *dereitos*, *fruito*, *faia*, entre outros fenômenos que marcam a linguagem norte-mineira.

Para Antenor Nascentes, na elaboração do Atlas linguístico do Brasil, Montes Claros encontra-se na zona do subfalar baiano, tendo como características a “predominância das vogais pretônicas baixas, como [ɔh’vaʎu], [serênu]” (MARTINS, 2006, p. 03-4). Porém, conforme o trabalho de Guimarães (2006), o que se encontra em Montes Claros é um sistema complexo quanto ao comportamento das vogais médias (e) e

(o) em posição pretônica, resultando em dados diferentes dos postulados por Nascentes. Assim, na região norte de Minas

verificou-se pela observação dos dados que, naquilo que tange às vogais médias em posição pretônica, o sistema é um pouco mais complexo [...] Embora haja a neutralização, processo fonológico através do qual as vogais médias perdem o contraste em sílabas átonas, observa-se a presença tanto de vogal média-baixa, quanto de vogal média-alta e, ainda, de redução vocálica na pauta pretônica. [...] Entretanto, a presença de [ɛ, ɔ], embora ainda constatada, parece já não se fazer tão marcante quanto a época da confecção do EALMG. Por conseguinte, existem contextos que favorecem a presença dessa variante na sílaba átona em questão, mas não garantem uma produção uniforme dessas vogais pelos falantes. Um fator que chancela tal produção, sem qualquer sombra de dúvida, é a presença de vogal média-baixa em posição tônica. Nessa circunstância, há uma produção maior de [ɛ, ɔ] em sílaba pretônica do que de [e, o] (GUIMARAES, 2006, p. 85-6).

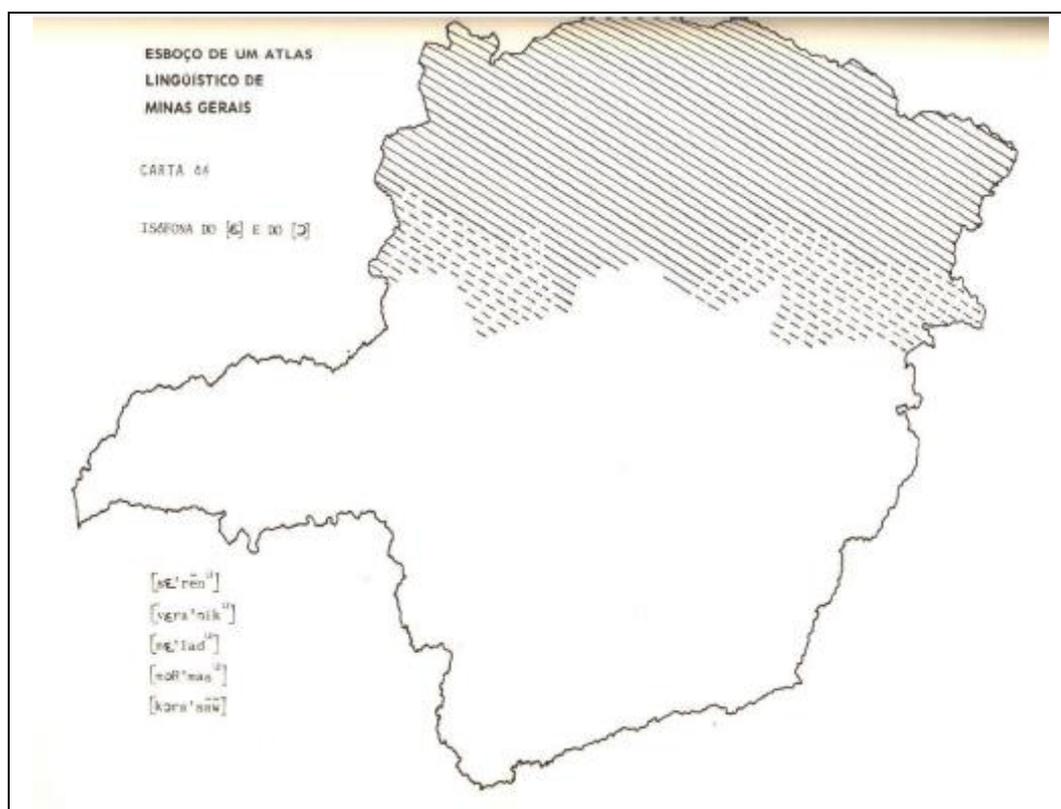


Figura 11 –Isófona de [ɛ] e de [ɔ] em Minas Gerais.

Fonte: GUIMARAES (2006).

Percebe-se que, assim como se encontra em posição de entroncamento regional, Montes Claros contém um sistema complexo que sugere também um entroncamento linguístico quanto ao sistema pretônico e os processos que atuam nas vogais médias dessa

posição. O que nos leva a buscar maiores detalhes acerca das regras variáveis aplicadas que levam o falante dessa região a escolher determinada variante.

Para tal estudo, a partir dos preceitos da Teoria Variacionista, apresentaremos a seguir a descrição da coleta e codificação dos dados.

4.3 A coleta e a seleção dos dados

O *corpus* desta pesquisa são os Hinos entoados pelos Ternos de Folia de Reis Semelhança dos Três Reis Magos e do Mestre Poló, que já se encontram gravados.

A escolha dos dois Ternos não foi determinada por critérios de região ou formação, mas pela concretização de contato, pois, embora vários Ternos façam parte do acervo de folias de Montes Claros, o acesso a produções desses grupos é difícil, em virtude de não haver registros organizados e gravações elaboradas em estúdios e os membros dos grupos residirem e/ou trabalhem na zona rural. Outro ponto dificultador situa-se no fato de que os membros das folias se juntam nas vésperas das festividades de Natal até a festa de Santos Reis e no decorrer do ano voltam-se às suas atividades cotidianas.

Assim, os dois ternos utilizados nesta pesquisa foram escolhidos em virtude de já haver registros sobre os mesmos em pesquisas e documentos, assim como material musical gravado em estúdio.

O acesso ao Terno de Folia de Reis Semelhança dos Três Reis Magos foi obtido através da Gerência de Preservação e Promoção do Patrimônio Cultural de Montes Claros da Secretaria Municipal de Cultura, que tanto disponibilizou informações sobre o grupo como promoveu o contato com o Senhor Alcides Dias Machado, Mestre do Terno de Folia e Presidente da Associação de Ternos de Folias de Reis e Pastorinhas de Montes Claros. Desse contato, foram conseguidos dois CDs com oito hinos já gravados.

Já o material oriundo da Folia do Mestre Poló foi produto de pesquisa já realizada sobre o grupo, que nos serviu com dez hinos gravados e produzidos pelo pesquisador Kimo (2006), referência contida neste trabalho. O contato com o pesquisador foi realizado por meio de rede social e e-mails, e os áudios disponibilizados também on-line em mp4.

Mesmo com os hinos gravados nas melhores condições possíveis, na tentativa de proporcionar o entendimento das canções, trata-se de enunciados cantados em que a pronúncia das palavras é sobreposta pelo fator poético e pelas às rimas. Assim, muitas palavras tornam-se incompreensíveis e “a linguagem do canto só se torna inteligível dada a

sua função poética. Nessa acepção, o sentido literal das palavras não é suficiente para explicar o que o intérprete quer significar” (SÁ JÚNIOR, 2009, p. 232) e muitas vezes o próprio intérprete também não sabe, ele apenas reproduz o conteúdo aprendido por meio da audição da cantoria de seus antecessores no Terno.

Além disso, o “modo de falar dos sujeitos retrata sua origem e modos de vida” (FERREIRA, SOUSA e BELO, 2013, p. 144) e, dessa forma, como ecoa na musicalidade, esse falar popular é

evidenciado na linguagem oral dos cantadores de reisado. No verso “Que samo só três companheiro” verifica-se a troca do fonema [o] de somos por [a], além da supressão do [s] como marca de plural em “somos” e “companheiros”. Observa-se também a troca do [i] por [e] em manjerição (FERREIRA, SOUSA e BELO, 2013, p. 142).

Acrescenta-se a isso a forma de transmissão dos eventos populares que é predominantemente oral. No exemplo abaixo, uma cantadora de ladainha explica:

só sei que estou cantando porque o nome é ladainha, mais não sei o que significa. Da mesma maneira, (...) depois de recitar toda a ladainha, retirando os versos da memória sem saltar nenhuma estrofe, fala: *eu aprendi com mamãe, mamãe cantava e eu cantava também, mas num vou dizer que sei, porque num sei!*(SÁ JÚNIOR, 2009, p. 225).

O exemplo dado não se refere propriamente ao reisado, mas retrata, como a Folia de Reis, uma cultura popular repassada de geração para geração por meio da oralidade.

À vista disso e da audição dos hinos, o próximo passo foi a transcrição ortográfica, conforme as normas de transcrição do GEFONO¹⁷, na qual buscamos retratar a pronúncia dos cantores. De posse da transcrição, fizemos a seleção dos dados que contém as vogais médias /e/ e /o/ e /i/ e /u/ na posição pretônica, a partir das variáveis definidas a seguir.

4.4 Seleção das Variáveis

Posterior à transcrição dos hinos, efetuamos a seleção dos dados da pesquisa. Foram examinados todos os itens com a ocorrência variável das vogais médias altas /e/ e /o/ e das altas /i/ e /u/ na posição pretônica.

¹⁷ Grupo de Estudos em Fonologia, coordenado pelo professor doutor José Sueli de Magalhães.

As variáveis dependentes consideradas neste estudo são o próprio fenômeno, ou seja, a ocorrência das vogais médias altas e altas em posição pretônica. As variantes são representadas pela realização média [e, o] e pela forma alçada [i, u]. Conforme Guy e Zilles (2007, p. 142), se a variável dependente em questão possui duas realizações, poderemos realizar uma análise binária, “pois trataríamos a variável em termos de uma oposição entre presença de um segmento (seja qual for o alofone segmental que ocorra)”.

Vale ressaltar ainda que quando há mais de uma pretônica no vocábulo, como em “devoção”, o item é contado para as duas análises, do [e] e do [o].

4.4.1 Variável dependente

Como já referido, a variável dependente é o fenômeno investigado. No caso em questão, a alternância entre [e] ~ [i] e entre [o] ~ [u] nas sílabas pretônicas. A ocorrência ou não do alçamento são as variantes investigadas:

- [i] e [u] para indicar o alçamento, como em al[i]gria e b[u]nita;
- [e] e [o]: para indicar a realização das vogais como médias, como em al[e]gria e b[o]nita.

4.4.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes concebem os grupos de fatores que atuam sobre a variável dependente. Esses fatores podem ser de natureza linguística ou extralinguística.

Neste trabalho, não lançamos mão de variáveis extralinguísticas, porque buscamos os hinos já armazenados em dispositivos físico e virtual, sem que houvesse contato com os indivíduos para coleta dos dados. De tal modo, o aspecto extralinguístico ficará para a continuação desta pesquisa, não esquecendo de que “nenhuma mudança acontece num vácuo social” (LAVOV, 2008, p. 20). Mesmo assim, o caráter sociolinguístico ainda conservar-se neste estudo, uma vez que os dados que compõem o *corpus* pertencem a um grupo social da cidade de Montes Claros, no norte de Minas Gerais.

Nesse sentido, definimos dez variáveis independentes apresentadas a seguir.

4.4.2.1 Variáveis independentes linguísticas

Conforme Silva (2009, p. 113), essas variáveis: “[...] expressam as pressuposições que se tem a respeito da influência que certos fatores possam exercer sobre o fenômeno em estudo”. Nesse sentido, apresentaremos, a seguir, as variáveis linguísticas que julgamos ser relevantes para o estudo do alçamento das vogais médias pretônicas.

4.4.2.1.1 Contexto precedente à vogal pretônica

Para Bisol (1981) e Viegas (1987), em seus estudos, o segmento que precede a vogal pretônica cumpre uma influência relevante sobre ela. De tal modo, espera-se identificar, por meio dessa variável, qual o contexto precedente que favorece ou não a variação de /e/ e de /o/. Essa variável leva em consideração o modo de articulação e o ponto de articulação do segmento que antecede a vogal pretônica analisada.

Quanto ao **modo de articulação**, os segmentos precedentes foram divididos em:

- **contínuo** /f, v, r, s, z, ʃ, ʒ, l, λ, h/(vestido; folião; leão);
- **não contínuo** / p, b, m, n, t, d, ɲ, k, g / (pequeno; conversa; menino);
- **ausência de consoante precedente**(#)(#estrela, #oração).

Quanto ao **ponto de articulação**, os segmentos precedentes foram assim divididos:

- **labial** / p, b, m, f, v / (pequeno);
- **coronal**/t, d, n, ɲ, r, s, z, l, ʃ, ʒ/(desabafo);
- **dorsal** /k, g/ (queria; começam, governa);
- **Glotal**/h/ (receber);
- **ausência de consoante** (#) (#escrito).

4.4.2.1.2 Contexto seguinte à vogal pretônica

Bisol (1981), sobre a aplicação da regra de alçamento, apontou que o contexto seguinte se mostra importante na aplicação da regra. Por isso, pretendemos verificar, em nosso estudo, se um segmento seguinte às vogais na posição pretônica condiciona ou não o alçamento de /e/→[i] e de /o/→[u].

Neste contexto, também consideramos os segmentos de acordo com o modo e o ponto de articulação.

Quanto ao **modo de articulação**, os segmentos seguintes foram divididos em:

- **contínuo** / f, v, r, s, z, ʃ, ʒ, l, λ, h / (comedido; foliões);
- **não contínuo** / p, b, m, n, t, d, ɲ, k, g / (governo; pequeno).

Quanto ao **ponto de articulação**, os segmentos seguintes foram assim divididos:

- **labial** / p, b, m, f, v / (debaixo; sobrinha);
- **coronal** / t, d, n, ɲ, r, s, z, l, ʃ, ʒ, λ / (senhora, conheço, bonito);
- **dorsal** /k, g/ (procriou, fogueira);
- **Glotal/h**/ (derretendo).

4.4.2.1.3 Altura da vogal tônica

De forma ampla, observamos que a vogal tônica tem fundamental importância na ação dos processos que envolvem as vogais pretônicas. O estudo de Viegas (1987) sobre as vogais médias nessa posição, quanto ao alçamento, mostrou que a vogal tônica alta é a maior condicionadora da elevação de /e/ e de /o/. Então, por meio dessa variável, queremos saber como as vogais atuam no alçamento de /e/ e de /o/ nos dados a serem analisados, de acordo com os seguintes traços de altura:

- **altas** /i, u/ (pastorinha; Jesus);
- **médias-altas** /e, o/ (receber);
- **médias-baixas** /ɛ, ɔ/ (governa);
- **baixa** /a/ (semelhaça).

4.4.2.1.4 Qualidade da vogal tônica

No trabalho de Rezende (2013), a qualidade da vogal tônica é relevante para a variação de /e/ e de /o/. Assim, analisaremos a qualidade das vogais tônicas, por julgar que no *corpus* a ser analisado esse aspecto é relevante:

- **orais** (governa);
- **nasais** (oração).

4.4.2.1.5 Distância da sílaba tônica

Intencionamos verificar se a quantidade de sílabas que há entre a sílaba pretônica e a tônica favorece ou não a variação das vogais pretônicas /e/ e /o/. Por isso, apontamos quatro distâncias entre a vogal tônica e a vogal pretônica:

- **distância zero** (bunita);
- **distância de uma sílaba** (comedido);
- **distância de duas sílabas** (semelhaça);
- **distância de mais de duas sílabas** (hospitalidade).

4.4.2.1.6 Distância do início da palavra

Para Viegas (1987), as distâncias relacionadas à primeira e à segunda sílaba do início da palavra favorecem mais o alçamento da vogal /o/. Assim, por meio dessa variável, objetivamos verificar se ela também condiciona o alçamento de /e/ e de /o/ na sílaba pretônica. Por isso, como fizemos para a variável distância da sílaba tônica, para essa variável também estabelecemos três distâncias:

- **distância zero** (#Jesus);
- **distância de uma sílaba** (pasturinha);
- **distância de mais de duas sílabas** (acontecer).

4.4.2.1.7 Tipo de sílaba pretônica

Em conformidade com Viegas (1987), a sílaba canônica CV (“cuberto”) e a travada por fricativa (“custeleta”) condicionam o alçamento de /o/. Assim, utilizaremos essa variável para verificar qual tipo de sílaba é mais relevante para a variação das vogais /e/ e /o/ na posição pretônica. Para isso, dividimos as sílabas pretônicas em:

- **leves**: V, CV, CCV (oração, **J**esus, **p**rocriou);
- **pesadas**: VC, CVV, CVC (estrela, **s**ouberam, **g**overnar).

4.4.2.1.8 Item Lexical

Conforme os estudos de Oliveira (1992, p. 40) e Dias (2008, p. 95), organizar os itens lexicais com atribuição de códigos específicos possibilita avaliar melhor o processo variável e o comportamento individual de cada item. Nesse mesmo sentido, Viegas (1987) demonstrou ser pertinente considerar o item lexical nos estudos das vogais médias pretônicas.

- **Substantivo** (folião, José);
- **Verbo** (joelhamos, dormia);
- **Adjetivo** (pequeno, feliz);
- **Pronome** (Senhor, Senhora).

Para melhor apreciação das variáveis, apresentamo-las sinteticamente no quadro a seguir acompanhadas da codificação utilizada para identificá-las no programa estatístico *GoldVarb X*:

1. VARIÁVEL DEPENDENTE			
Alçamento das vogais médias pretônicas [e]~ [i] e [o]~ [u]			
ASPECTOS		CÓDIGO	
Manutenção: [e], [o]		0	
Alçamento: [i], [u]		1	
VARIÁVEIS INDEPENDENTES			
<i>Contexto precedente</i>			
2. Modo de Articulação		3. Ponto de Articulação	
Contínuo: /f, v, r, s, z, ʃ, ʒ, l, ʎ, h/	s	Labial /p, b, m, f, v/	p
		Coronal /t, d, n, ɲ, r, s, z, l, ʃ, ʒ/	t
Não contínuo: /p, b, m, n, t, d, ɲ, k, g/	h	Dorsal /k, g/	k
		Glotal /h/	q
Ausência de Consoante precedente	#	Ausência de Consoante precedente	#
<i>Contexto seguinte</i>			
4. Modo de Articulação		5. Ponto de Articulação	
Contínuo /f, v, r, s, z, ʃ, ʒ, l, ʎ, h/	z	Labial /p, b, m, f, v/	b
		Coronal / t, d, n, ɲ, r, s, z, l, ʃ, ʒ, ʎ/	d
Não contínuo /p, b, m, n, t, d, ɲ, k, g/	m	Dorsal /k, g/	g
		Glotal /h/	x
6. Altura da vogal tônica		9. Distância do início da palavra	
Alta /i, u/	i	Distância 0	A
Média alta /e, o/	o	Distância 1	B
Média baixa /ɛ, ɔ/	c	Distância 2	C
Baixa /a/	v	Distância 3	J
7. Qualidade da vogal tônica		10. Tipo de sílaba	
Oral (<u>governa</u>)	l	Leve V, CV, CCV	2
Nasal (<u>oraçã</u> o)	n	Pesada VC, CVV, CVC	3
8. Distância da sílaba tônica		11. Item lexical	
Distância 0	4	Substantivo	D
Distância 1	5	Verbo	E
Distância 2	6	Adjetivo	F
Distância 3	7	Pronome	G

Quadro 4 – Resumo das variáveis.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A definição das variáveis foi o ponto de partida para a codificação dos dados descrita na seção seguinte.

4.4.3 Codificação dos dados

A transcrição ortográfica do *corpus* é imprescindível para a delimitação dos dados pertinentes à pesquisa. Como exemplo, apresentamos trechos de transcrição ortográfica dos hinos de Folia de Reis Magos.

1º) “festa de reis é a festa mais **bunita**
 reunimu us **fulião** pra fazê toda a visita
 reunimu us **fuliões** pra fazê toda a visita”

“rematando o dia seis na casa do imperador
 lá serve o jantar da **ismola** que ganhô”

“Não podemos **isquecer** também das **pasturinhas**”

2º) “para todos **obesselvá**
 para o mundo **obesselvá**
 mas é quem nasceu **cumedido**
 todas parte **governá**”

“viva **umenino** Jesus
 viva todo us **fulião** do mundo intero
 viva a **Similhança** dos Reis Magos”

Quadro 5 – Transcrição ortográfica.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Dessa forma e depois de todos os dados selecionados, eles foram codificados para serem submetidos à análise do programa estatístico *GoldVarb X*, sendo que os códigos foram selecionados considerando a facilidade de memorização. Apresentamos a seguir um exemplo de codificação: para a palavra “*iscola*” temos 1##zdcl4A3s, em que

- l – variável dependente indicando alçamento;
- # – contexto fonológico precedente – Modo (ausência de continuidade);
- # – contexto fonológico precedente – Ponto (ausência de consoante precedente);
- z – contexto fonológico seguinte – Modo (contínuo);
- d – contexto fonológico seguinte – Ponto (coronal);
- c – altura da vogal da sílaba tônica (vogal média baixa na sílaba tônica);
- l – vogal pretônica é oral;
- 4 – distância da sílaba (não há distância entre a sílaba tônica e pretônica);
- A – distância início da sílaba (distância zero);
- 3 – sílaba pretônica pesada;
- D – item lexical (substantivo).

Trabalhos já realizados e que fazem referência ao falar norte-mineiro apontam a presença dessa variação, como a pesquisa de Viana (2008), que observou, em seus resultados acerca do falar no Pará de Minas, a predominância da manutenção das vogais médias [e] e [o], seguida do alçamento e o abaixamento por último. A pesquisa de Dias (2008), analisada por Silva (2009), acerca do falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco, também analisou a presença das três variantes das médias pretônicas. Tondineli (2010) analisou os fenômenos de alçamento e abaixamento, identificando o domínio da manutenção, seguido do alçamento e, depois, do abaixamento.

As pesquisas observadas acima tratam de dados de fala, diferentemente desta pesquisa que se vale de dados da cantoria para investigar o mesmo fenômeno. Entendemos, conforme Bençal (2014, p. 17), que o usuário da língua “vai adequando esse sistema conforme sua necessidade” e que “todo esse processo é dinâmico e não põe em risco o funcionamento da língua”. Assim, seja na fala, na escrita ou na cantoria, a língua se concretiza e o indivíduo imprime nela seu caráter heterogêneo.

Nesse sentido, Magalhães (2013) e Bençal (2014) reforçam essa ideia, tendo em vista que seus trabalhos buscaram em documentos escritos as impressões deixadas na língua em tempos pretéritos e confirmaram que também a língua escrita reflete as oscilações do sistema vocálico na pauta pretônica.

Assim, diante do que foi revelado pelos trabalhos analisados, a presente pesquisa investiga os contextos de alçamentos da vogal média em posição pretônica. Para isso,

daremos sequência na próxima seção com a seleção das variáveis que serão consideradas para análise quantitativa e a classificação por meio do programa estatístico *GoldVarb X*.

4.5. O programa estatístico *GoldVarbX*

Para a quantificação dos dados neste trabalho, utilizamos o programa *GoldVarb X*, cujo propósito, conforme Guy e Zilles (2007, p. 34), “é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística”.

Assim, a análise de uma regra variável deve seguir os passos seguintes.

Conforme Rezende (2013), primeiramente, será definir a variável linguística, o que consiste também na identificação de variantes. É necessário, também, para isso, definir o envelope de variação, estabelecendo onde as variações podem ocorrer ou não.

A partir da posse dos dados, são formados os códigos que devem ser elaborados com números, letras, símbolos, conforme organização do pesquisador. Isso é necessário para o programa identificar que os dados estão codificados.

Essa codificação será salva em *arquivo de dados* (.tkn) e, na seção *Tokens>generate factor specification*; a conferência dos dados será feita para verificar erros de codificação. Caso erros sejam notificados, o pesquisador poderá fazer a correção antes de dar continuidade à análise.

Depois de feita a conferência, o programa disponibilizará uma janela do *arquivo de condições* (.cnd) e a seção *Tokens>no recode* definirá a variável dependente e a quantidade de grupos que faz parte da análise.

No *arquivo de condições*, a seção *Cells>load cells to memory* disponibilizará os primeiros dados da análise com a seleção de células no *arquivo* (.cel) e no *arquivo de resultados* (.res).

Nesse ponto da análise, poderão ocorrer dados com 0% a 100%, acarretando um *nocaute*¹⁸, cujos fatores de dados podem representar a aplicação ou não da regra. Isso significa que, se o percentual estiver acima de 95% ou abaixo de 5%, não há variação. Esses dados, então, deverão ser retirados da rodada (execução de uma análise).

Para eliminar os *nocautes*, deve-se voltar ao *arquivo de condições* (cnd), seção *Tokens>recode setup*, e eliminá-los dos grupos que formam a análise. Assim, em sequência, deve-se chegar a todos os grupos e salvá-los novamente no *arquivo de condições* (.cnd).

¹⁸ “Do inglês *knockout*, que é como aparece no programa” (REZENDE, 2013).

Nesse mesmo arquivo, a seção *Cells>load cells to memory* abrirá um novo *arquivo de resultados (.res)*, em que o pesquisador deverá verificar se os *nocautes* foram realmente retirados.

Os resultados com *nocaute* deverão aparecer primeiro e os sem *nocaute*, depois.

Depois dessa verificação, basta acessar o *arquivo de resultados(.res)* e fazer a rodada dos dados na seção *Cells>binomial up and down*.

Com a rodada concluída, o pesquisador deve conferir, no *arquivo de resultados(.res)*, a melhor corrida da rodada, se *stepping up* (em *Best stepping up run*), podendo confirmar o resultado na rodada *stepping down* (em *Best stepping down run*).

A partir da escolha da melhor corrida, o pesquisador deverá montar as tabelas com os resultados da análise, já que terá em mãos os percentuais e os pesos relativos aos dados analisados. Esses percentuais devem expressar a tendência de a variável dependente ocorrer em contextos diferentes e o peso relativo apenas confirmará essa inclinação, por meio de valores de 0 e 1. Assim, quanto mais próximo de 1, mais favorável o efeito da variável no contexto. Quanto mais próximo de 0, mais desfavorável será. E, se estiver em torno de 0.5, o ponto é considerado neutro, não favorece e nem desfavorece o fenômeno.

Os números resultantes das rodadas no programa *GoldVarbX* possibilitaram a análise apresentada no próximo capítulo.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados da análise do *corpus* levantado a partir dos Hinos de Folias de Reis, o que corresponde a 496 realizações de dados com o contexto de alçamento ou manutenção das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

Mesmo que a quantidade de dados seja inferior aos números mostrados em estudos com dados de fala, o *corpus* desta pesquisa possibilitou a comparação com trabalhos já realizados sobre o fenômeno e a confirmação de sua variabilidade no PB. Tal fato justifica, pois, a realização desta pesquisa.

Inicialmente o *corpus* desta pesquisa contava com 376 dados para a vogal média pretônica /e/ e 120 para a vogal média pretônica /o/.

Ao aplicar os dados à primeira rodada no *GoldVarb X*, para a vogal /e/ foram registrados *nocautes* para as variáveis independentes: Contexto precedente – Ponto de articulação; Contexto seguinte – Ponto de articulação; e Distância da Sílab.Após a retirada desses *nocautes* e nova rodada no programa estatístico, foram selecionadas as variáveis Tipo de sílaba, Item lexical, Distância do início da palavra Contexto precedente – Modo de articulação, e considerados 326 dados.

No entanto, ao analisar os dados a partir dessas variáveis, observamos discrepâncias entre a porcentagem de dados com aplicação do fenômeno e o peso relativo para a variável. Foi necessário observar os dados novamente e proceder novas rodadas.

Notamos, a partir disso, que a variável Contexto seguinte – Ponto de articulação não se mostrou importante para a análise, uma vez que apenas o fator consoante coronal apresentou relevância para o processo de alçamento.Observamos também que, na variável Altura da vogal tônica, o fator vogal baixa apresentou-se pouco relevante para o fenômeno, assim como na variável Item lexical, os fatores Adjetivos e Verbos também se mostraram pouco importantes.

Decidimos retirar, então, a variável Contexto seguinte – Ponto de articulação e os fatores vogal baixa e adjetivos e verbos das variáveis Altura da vogal tônica e Item lexical, respectivamente.

Na rodada seguinte às retiradas, não foi selecionada nenhuma variável, o que nos fez retomar os dados uma vez mais.Percebemos, então, que na variável Item lexical, o fator Pronome apresentou-se importante, porém os pronomes ‘*senhor, senhora, senhoria*’ foram os únicos, dentro dessa categoria,a ocorrerem nos Hinos de Folia de Reis repetidamente. Assim, decidimos retirá-los dos dados e realizar nova rodada.

Os valores percentuais para a variável Distância do início da palavra também apresentaram incompatibilidade com os pesos relativos, no entanto a retirada dessa variável provocou a anulação da rodada binomial. Então tivemos que mantê-la.

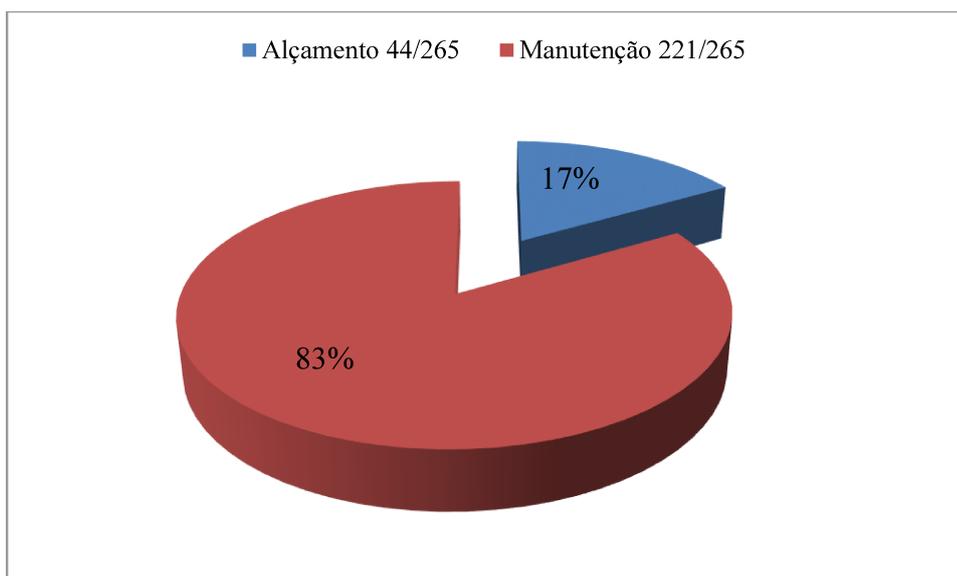
Dessa vez, com a retirada apenas dos pronomes para a variável Item lexical, foram submetidos ao programa 315 dados para a vogal pretônica /e/. O *GoldVarb X* notificou *nocautes* para as variáveis Contexto precedente – Ponto de articulação, Contexto seguinte – Ponto de articulação, Distância da sílaba tônica e Item Lexical. Após retirada dos fatores nocauteados das respectivas variáveis, foram considerados 265 dados para análise binomial que fornece os resultados em pesos relativos.

Já para a pretônica /o/, contamos com 120 dados na rodada inicial, que apontou *nocautes* para as variáveis: Contexto precedente – Modo de articulação, Contexto precedente – Ponto de Articulação, Distância do início da palavra e Item lexical.

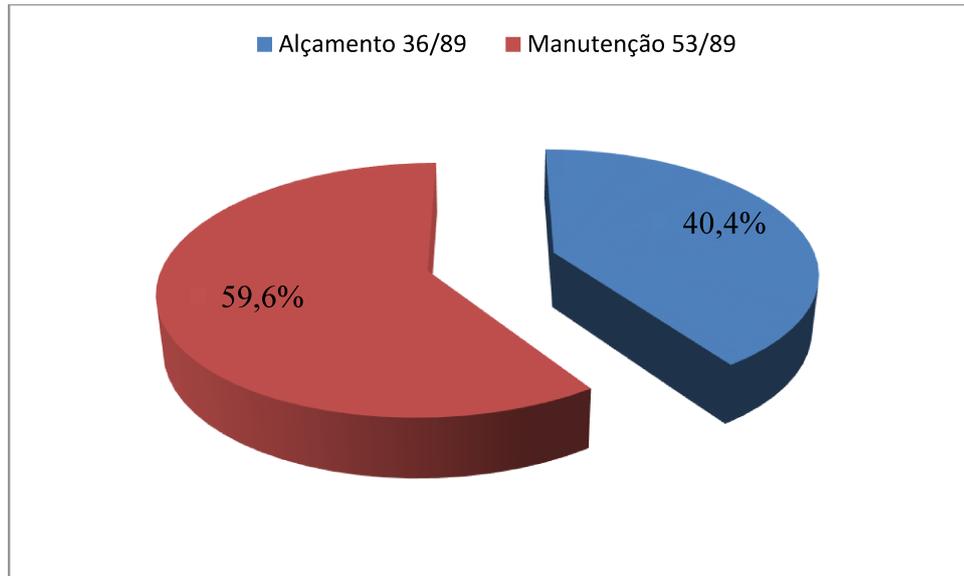
Assim, o arquivo de condições foi modificado para retirados *nocautes*, outra rodada foi executada e 89 dados foram considerados para análise do alçamento da vogal média pretônica /o/.

A partir dos dados quantitativos, foram elaborados os gráficos seguintes para ilustrar os valores considerados pelo programa *GoldVarb X* referentes às vogais médias altas /e/ e /o/ na pauta pretônica.

Gráfico 1 - Estatística total do Alçamento da Pretônica /e/



Fonte: Dados da Pesquisa.

Gráfico 2 - Estatística total do Alçamento da Pretônica /o/

Fonte: Dados da Pesquisa.

Conforme apresentado nos gráficos, em 17% do total de 265 dados considerados para a vogal pretônica /e/ ocorreram o alçamento. Já para os 89 dados da pretônica /o/, 40,4% houve alçamento, enquanto 55,6% mantiveram a vogal média alta. Os dados gerais, com os percentuais representativos da aplicação da regra de alçamento, bem como da manutenção das vogais médias, são apresentados na tabela abaixo.

**Tabela 1 – Amostra de dados para alçamento e para manutenção
Das vogais médias pretônicas /e/ e /o/**

Vogal	Aplicação (alçamento)	%	Não aplicação (manutenção)	%	Total
/e/	44	17	221	83	265
/o/	36	40,4	53	59,6	89

Fonte: Dados da pesquisa.

Vale ressaltar que os valores expostos na tabela 1 representam o total de dados obtidos com as vogais médias independentemente dos contextos avaliados. Esses números demonstram que a aplicação da regra de alçamento foi significativa, mesmo que a conservação das vogais médias seja mais frequente.

De fato, não esperávamos encontrar nos dezoito hinos do *corpus* um número tão consistente de dados, por considerar a pronúncia dos intérpretes na música, explanada na

seção 4.3e o conteúdo textual dos hinos que não apresenta vocabulário muito variado e extenso.

Em comparação com os trabalhos consultados para a realização desta pesquisa, elaboramos a tabela abaixo com as quantificações dos dados coletados e analisados em cada trabalho, no intuito de mostrar que nossa pesquisa também se revela significativa.

Tabela 2 – Quantificação de dados de pesquisas

Pesquisas		/e/			/o/			Total
		Ocorrência	Aplicação da Regra	%	Ocorrência	Aplicação da Regra	%	
Dados de fala	Bisol (1981)	8.107	1779	22	7.389	2.134	29	15.496
	Viegas (1987)	2190	871	40	1741	396	23	3.931
	Celia (2004)	1471	240	16	977	259	27	2.448
	Viana (2008)	10.679	4.012	38	6.509	1.627	25	17.188
	Silva (2009)	3.219	466	14	2.089	687	33	5.308
	Tondineli (2010)	5.058	1.413	30	3.299	492	15	8.357
	Felice (2012)	3.347	399	12	1.849	292	16	5.196
Dados de escrita	Magalhães (2013)	não apresenta quantificação						
	Bençal (2014)	1.778	43	2,4	1.040	19	1,8	2.818
Dados dos hinos	Esta pesquisa	265	44	17	89	36	40,4	354

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os dados numéricos expostos na tabela 2 confirmam o quão marcante é o fenômeno do alçamento da vogal média pretônica no PB. Nesse sentido, consideramos os dados coletados nos hinos de Folia de Reis imprescindíveis para confirmar a significância dessas flutuações no inventário pretônico em qualquer modalidade da língua, seja ela falada, escrita, ou cantada.

Ademais, o alçamento das vogais médias pretônicas não ocorre na mesma ordem de variáveis e nem pelos mesmos fatores para /e/ e /o/. Na verdade, o fenômeno opera

diferentemente para as vogais médias. Na próxima seção, passamos para a análise dos dados, conforme as variáveis selecionadas pelo programa estatístico.

5.1 Análise estatística da regra variável de alçamento na vogal /e/

A partir das rodadas no *GoldVarb X*, o programa selecionou os fatores favorecedores e desfavorecedores do fenômeno em estudo, assim como a ordem de relevância para o alçamento de cada uma das vogais médias /e/ e /o/.

Para a vogal /e/, o programa *GoldVarb X* selecionou como estatisticamente significativas cinco variáveis apresentadas na ordem de relevância do mais favorecedor para o menos favorecedor. Assim, optamos por seguir a ordem apontada pelo programa, a saber:

1. Tipo de sílaba;
2. Distância do início da palavra;
3. Qualidade da vogal tônica
4. Item lexical;
5. Contexto precedente – Modo de articulação.

Já outras variáveis foram eliminadas por terem sido consideradas irrelevantes para a aplicação da regra de alçamento da vogal média pretônica /e/, são elas:

1. Contexto precedente – Ponto de articulação;
2. Contexto seguinte – Modo de articulação;
3. Distância da sílaba tônica.
4. Contexto seguinte – Ponto de articulação;
5. Altura da vogal tônica;

Diferentemente dos demais trabalhos analisados nesta pesquisa, a variável Altura da vogal tônica não foi selecionada pelo programa *GoldVarb X* para análise de nenhuma das vogais pretônicas /e/ e /o/. Isso nos leva a acreditar que o fenômeno de alçamento nesta região de Minas Gerais não é motivado predominantemente pela presença de uma vogal alta na sílaba tônica seguinte.

Na sequência, apresentamos as análises de cada variável que favorece o alçamento da vogal /e/ pretônica identificada nos hinos de Folia de Reis, bem como resultados que encontramos e que foram relacionados com os resultados de pesquisas que fundamentaram este estudo.

5.1.1. Tipo de Sílabas

Essa variável avalia a estrutura da sílaba na aplicação do fenômeno de alçamento da vogal pretônica. Conforme Collischonn (2005, p. 101), a sílaba é composta de ataque e rima, em que a rima consiste em núcleo e coda. O núcleo não pode ser vazio e, no Português Brasileiro, é sempre preenchido por uma vogal. A rima da sílaba é que define o peso silábico, que pode ser leve ou pesado. Assim, “rimas constituídas somente por uma vogal são leves” (COLLISCHONN, 2005, p. 105) e as rimas constituídas por vogal mais consoantes, com núcleo e coda, ou por vogal mais vogal, como os ditongos, são pesadas.

Para essa variável consideramos as estruturas:

a) leves: V, CV, CCV (*Aparicida, dispidida, freguesia*);

b) pesadas: VC, CVV, CVC (*iscreveu, obsessiva, dispidida*).

A variável tipo de sílaba foi o primeiro fator indicado pelo programa *GoldVarb X* para aplicação da regra de alçamento da vogal média pretônica /e/. Na Tabela 3 estão os resultados referentes a essa variável:

Tabela 3 – Tipo de sílaba

Tipo de sílaba	Total de alçamento da pretônica	Porcentagem %	Peso Relativo
Leve <i>'Aparicida, dispidida'</i>	18/209	8,6	0,35
Pesada <i>'iscreveu, dispidida'</i>	26/56	46,4	0,90
Total	44/265	17	

Input 0,073

Significância 0,007

A sílaba pesada ocorreu em 46.4% dos dados selecionados, com peso relativo de 0.90, sendo o favorecedor da regra. As sílabas pesadas com alçamento apresentaram-se nas estruturas VC *'ismola, istrela, istrada, iscreveu, isquece, istamus'* e CVC *'dispidida'*.

Sobre a sílaba VC e os dados apresentados, Bisol (1981, p. 34) adverte, ao citar Naro (1973), que “o silêncio à esquerda favorece a elevação, quando seguido de /N/ ou /S/”, ou seja, essa estrutura apresenta elevação quase categórica. Mesmo assim, parte significativa dos dados com essa estrutura silábica não alçou, pois temos ocorrências como *'escreveu, espírito, estamos, estrada, espingarda'*.

Já os estudos realizados por Celia (2004), Silva (2009) e Felice (2012) consideraram a sílaba pesada, ou travada, conforme denominada em alguns desses trabalhos, fator desfavorecedor para aplicação da regra.

Já Viegas (1987) confirmou que, no falar de Belo Horizonte, a sílaba pesada formada por fricativa é favorecedora do alçamento da pretônica /e/. Da mesma forma, Viana (2008) constatou que as sílabas travadas são as mais favorecedoras do alçamento.

Mesmo em percentual menor, as sílabas leves também alçaram, encontradas em estrutura silábica CV *Aparicida*, *Missias*, *similhança*, *apariceu*. Vale ressaltar que nos casos como '*Aparicida*' e '*missias*', o alçamento ocorreu pela aplicação da regra de harmonia vocálica, em que a vogal pretônica de '*Aparecida*' '*Messias*' assimila a altura da vogal alta da sílaba tônica.

5.1.2. Distância do início da palavra

Essa variável foi a segunda selecionada pelo programa e apresenta as distâncias 0, 1 e 2 para indicar que a sílaba pretônica pode estar no início da palavra, na segunda posição do início da palavra ou na terceira posição do início da palavra, respectivamente. Os dados quantitativos estão expostos na tabela abaixo.

Tabela 4 – Distância do início da palavra

Distância do início da palavra	Total de alçamento da pretônica	Porcentagem %	Peso Relativo
Distância 0 ' <i>ismola, dispidida</i> '	33/195	16,9	0,34
Distância 1 ' <i>dispidida, similhança</i> '	6/50	12	0,77
Distância 2 ' <i>agradicendu, Aparicida</i> '	5/20	25	0,95
Total	44/265	17	

Input 0,073

Significância 0,007

Conforme os dados da tabela 4, a distância 1 apresenta peso relativo de 0,77. Dentro desse critério estão os itens lexicais *similhança*, *dispidida*.

A distância 2 mostrou-se quase categórica com peso relativo 0,95, com os itens *agradicendu*, *aparicida*, *agradicimentu*.

Mesmo que esta variável tenha sido selecionada pelo programa e ainda que os pesos relativos sejam aparentemente favoráveis para a aplicação do alçamento, a nosso ver essa variável não apresenta valores importantes nessa análise, uma vez que os percentuais não são proporcionais aos pesos relativos.

Como foi explanado anteriormente, a variável em questão foi conservada para que o *GoldVarb X* operasse sem que as rodadas do programa gerassem *No Factors*¹⁹.

Apesar disso, a variável distância do início da palavra mostrou-se favorecedora no estudo de Viegas (1987). Mas, em relação à distância 1, correspondente à distância 0 deste trabalho, a autora constatou que, quando a sílaba inicial não estiver precedida de segmento, ela é altamente favorecedora do alçamento. Já a sílaba inicial com segmento precedente é neutra, enquanto as distâncias 2 e 3, correspondentes nesta pesquisa às posições de segunda e terceira sílaba na palavra, mostraram-se desfavorecedoras à aplicação da regra de alçamento.

As demais pesquisas utilizadas como referência neste estudo não apontaram a distância do início da palavra como variável a ser controlada nas análises.

5.1.3. Qualidade da vogal tônica

A tabela abaixo demonstra os valores estatísticos referentes a variável Qualidade da vogal tônica.

Tabela 5 – Qualidade da vogal tônica

Qualidade da vogal tônica	Total de alçamento da pretônica	Porcentagem %	Peso Relativo
Oral ' <i>obisselvá, dispidida</i> '	34/211	16,1	0,42
Nasal ' <i>agradicendu, piquenu</i> '	10/54	18,5	0,76
Total	44/265	17	

Input 0,073

Significância 0,007

Conforme os dados da tabela 5, a vogal tônica nasal, com peso relativo de 0,76, apresenta-se mais favorecedora para aplicação do alçamento da vogal pretônica /e/, como em '*piquenu*', do que a vogal oral, com peso relativo 0,42, como em '*obisselvá*'.

Acerca da nasalidade, Bisol (1981, p. 88-89) evidenciou que esse fator favorece a elevação do /e/ e tende a inibir a elevação de /o/. Na verdade, a autora trata da nasalidade da pretônica e não da qualidade da vogal tônica, como concebemos neste estudo.

Da mesma forma, Tondineli (2010), demonstrou que a nasalidade da vogal /e/ pretônica é mais favorável ao alçamento, como em '*ac[i]ndia*', do que o fator oral, como em '*qu[i]ria*'.

¹⁹ Ocorre quando nenhum fator é selecionado.

Nesse mesmo sentido, Viegas (1987) e Felice (2012) também constataram que a nasalidade da vogal pretônica favorece o processo de alçamento do /e/. Felice (2012, p.89) aponta o dados '*m[i]ntira, s[i]ntido, des[i]mprego*', com exemplos do fenômeno.

Celia (2004) também concorda com as autoras e a evidência, igualmente a Bisol (1981), que a nasalidade favorece o alteamento da pretônica /e/, mas inibe o a aplicação da regra para o /o/.

Nossos dados não cooperam com os estudos apresentados, mas apontam que também a nasalidade da vogal tônica mostra-se importante para aplicação do alçamento da pretônica /e/.

5.1.4. Item lexical

Essa variável foi aquartaselecionada pelo programa estatístico. A quantificação dos dados estáevidenciada na tabela abaixo.

Tabela 6 – Item lexical

Item lexical	Total de alçamento da pretônica	Porcentagem %	Peso Relativo
Substantivo ' <i>similhança</i> '	33/170	19.4	0,62
Verbo ' <i>agradicendu</i> '	9/75	12	0,22
Adjetivo ' <i>padicidu</i> '	2/20	10.0	0.40
Total	44/265	17	

Input 0,073

Significância 0,007

Conforme explanado no início deste capítulo, os dados referentes ao item pronome foram retirados da análise, porque ocorreram os mesmos termos '*sinhô, sinhora, sinhores*' repetidamente, gerando um peso relativo alto com percentual baixo.

Já os substantivos apresentam peso relativo de 0,62, ou seja, a variável apresentou-se favorecedora do alçamento da vogal /e/ nesse item lexical.

Mesmo que os dados relativos ao item adjetivo sejam poucos, apenas duas ocorrências, e o peso relativo e a porcentagem desproporcionais, optamos também por manter esses dados, porque recaímos, ao desconsiderar esse fator, no *No Factors* na rodada binomial do *GoldVarb X*.

Sobre a variável em análise, Viana (2008) estabeleceu classe nominal e verbal. Para ela, tanto na classe nominal quanto na verbal os itens alçaram, mas apontou que os verbos tendem mais à manutenção da pretônica.

Bençal (2014), ao analisar dados de escrita, apresentou a variável classe morfológica, considerando as perspectivas neogramática e difusionista ao tratar do condicionamento lexical. Ela apoiou nos preceitos de Viegas (1987), para quem o alçamento transpõe a descrição de regras categóricas, como enfatizam os neogramáticos, mas, conforme os princípios difusionistas, processa-se gradualmente no léxico.

Assim, Bençal (2014) considerou tanto o fonema quanto a história da palavra como fator desencadeador da implementação de mudança linguística. Em seus dados, a classe dos verbos foi a mais favorecedora do alçamento em detrimento da classe dos nomes (substantivo e adjetivo).

5.1.5 Contexto precedente – Modo de articulação

Conforme Bisol (1981, p. 93), é o processo de harmonia vocálica que determina o alçamento das vogais médias, em decorrência de as vogais altas /i/ e /u/ serem realizadas pelo levantamento do corpo da língua que se movimenta em direção ao palato. Para a autora, “presume-se que as consoantes produzidas por articulação semelhante venham a favorecer processo assimilatório em pauta, tanto a velar, articulada com o dorso da língua levantado, quanto a palatal, emitida com todo o corpo da língua levantado”.

Essa variável diz respeito à continuidade e não continuidade da consoante precedente, ou seja, à passagem de ar no trato vocal. Segundo Silva (2005, p. 193), um som é [+contínuo] “quando a constrição principal do trato vocal permite a passagem de ar durante o período de sua produção” e é [-contínuo] “quando durante a sua produção ocorre bloqueio da passagem da corrente de ar no trato vocal”.

O Contexto precedente – modo de articulação foi a quinta variável selecionada pelo programa *GoldVarb X* e os dados dessa seleção estão apresentados na tabela abaixo.

Tabela 7 – Contexto precedente – Modo de articulação

Contexto precedente	Total de alçamento da pretônica	Porcentagem %	Peso Relativo
Contínuo ' <i>similhança, Aparicida</i> '	4/102	3,9	0,24
Não contínuo ' <i>agradicendu, dispidida</i> '	17/100	17	0,60
Ausência de Consoante precedente	23/63	36.5	0,76
Total	57/265	17.5	

Input 0,073

Significância 0,007

Conforme a tabela 7, a consoante contínua apresenta-se desfavorável para aplicação da regra, com peso relativo 0,24, abaixo do ponto neutro que é 0.50. Observamos que a consoante não contínua, com peso relativo 0,60, favorece o alçamento da pretônica /e/. Mas o maior favorecer do alçamento para essa variável é o fator Ausência de Consoante precedente, com peso relativo de 0,76. Aparecem dentro desse critério os itens lexicais: '*ismola, istrela, isquecê, istamus, istrada*', que já foram assinalados, a partir dos estudos de Bisol (1981), como contextos quase categóricos. Apontamos nessa explanação, por outro lado, a ocorrência da vogal /e/ em manutenção: '*esmola, estrela, especial, espigão, estrada*'.

Mesmo que a variável em questão seja o modo de articulação, é importante analisar o modo e o ponto de articulação, uma vez que essa variável está relacionada à continuidade da consoante precedente. Assim, apresentamos também a tabela dos dados referentes à variável Contexto precedente – ponto de articulação, que não foi selecionada pelo programa estatístico.

Tabela8 – Contexto precedente – Ponto de articulação

Altura da Vogal Tônica	Total de alçamento da pretônica	Porcentagem %	Peso Relativo
Labial ' <i>missias, dispidida</i> '	11/78	14,1	0.49
Coronal ' <i>dispidida, Jesus, chegô</i> '	10/124	8,1	0,34
Ausência de Consoante precedente	23/63	36.5	0.77
Total	44/265	17	

Input 0,073

Significância 0,007

A tabela 8 comprova que a Ausência de Consoante precedente é o fator mais favorecedor do alçamento em relação ao Ponto de articulação para a vogal pretônica /e/. As coronais não contínuas em contexto precedente favorecem o alçamento da vogal /e/. As coronais contínuas /l, r, ʃ, ʒ/, no entanto, aparecem em dados como *alegria, carecê, freguesia, Jesus, precisa, chegô, aparecida/aparicida* e a continuidade da vogal precedente atua mais como inibidor de aplicação da regra de alçamento.

Bisol (1981), Célia (2004), Viana (2008), Tondineli (2010) e Felice (2012) apresentaram em seus trabalhos a consoante em contexto precedente como favorecer do alçamento. Da mesma forma, com exceção de Felice (2012), nos demais trabalhos a ausência de consoante precedente foi o fator mais favorecedor do alçamento do /e/.

Já Bençal (2014), apontou o Contexto precedente como favorecedor do processo de alçamento. Essa autora considerou o contexto precedente não como contínuo e não contínuo, mas os fatores alveolar, labiodental, velar, alveolopalatal. Assim, Bençal (2014) concluiu que o contexto alveolopalatal foi o mais produtivo para o alçamento do /e/ como em '*diliberar, desenvolvimento, dispeza, poderia*' e observou a presença da vogal alta em sílabas subsequentes, favorecendo também o processo de harmonização.

5.2 Análise estatística da regra variável de alçamento na vogal /o/

Para a vogal /o/, o programa *GoldVarb X* selecionou como estatisticamente significativa apenas a variável Contexto precedente – Modo de articulação.

E, por terem sido consideradas irrelevantes para a aplicação da regra de alçamento da vogal média pretônica /o/, o *GoldVarb X* eliminou nove variáveis, a saber:

1. Contexto seguinte – Ponto de Articulação.
2. Contexto seguinte – Modo de Articulação;
3. Distância do início da palavra;
4. Qualidade da vogal (oral/nasal);
5. Tipo de sílaba
6. Contexto precedente – Modo de Articulação;
7. Item lexical;
8. Altura da vogal tônica
9. Distância da sílaba tônica;

Na sequência, analisamos a variável que favorece o alçamento da vogal /o/ pretônica identificada nos hinos de Folia de Reis, bem como os resultados que encontramos e que foram relacionados com os resultados de pesquisas que fundamentaram este estudo.

5.2.1 Contexto precedente – Modo de Articulação

Esta variável avalia a influência do modo de articulação da consoante precedente no alicamento das vogais médias pretônicas.

A tabelas abaixo apresenta os dados quantitativos.

Tabela 9 – Contexto precedente – Modo de Articulação

Distância da Síllaba Tônica	Total de alicamento da pretônica	Porcentagem %	Peso Relativo
Contínuo ' <i>ajuelharam, fuguera, jusé</i> '	23/44	52,3	0,62
Não contínuo ' <i>pasturinha, pudemus</i> '	13/45	28,9	0,38
Total	36/89	40,4	

Input 0,399

Significância 0,026

Os dados da tabela 9 apontam o fator Contínuo como favorecedor da aplicação da regra de alicamento, com peso relativo de 0,62. Dentro desse critério, temos os itens: '*ajuelharam, ajuelhamus, fuguera, Jusé, fulia, fuguera, suberam, assuciação*'. As consoantes Não contínuas, com peso relativo de 0,38, por outro lado, mostraram-se desfavorecedoras do alicamento da pretônica /o/.

No caso da vogal /o/, Felice (2012) apresenta a consoante dorsal com peso relativo de 0.63 como favorecedor da regra.

Já Celia (2004) observou que as velares foram mais atuantes – com peso 0,67 – e as palatais, com peso relativo menor 0.56, também se apresentaram favoráveis ao alicamento. As bilabiais e as alveolares apresentaram peso neutro de 0.53. Já as alveolares e as labiodentais mostraram-se desfavorecedoras do alicamento.

A análise de Tondineli (2010) apresenta o Contexto seguinte – Consoante Oclusiva, com peso 0,60, como favorecedora do alicamento. Em comparação com nossos dados, entre as consoantes não contínuas estão as oclusivas que, contrário ao que constatou Tondineli (2010), não favoreceram a aplicação da regra de alicamento.

Para Bisol (1981), também citada por Tondineli (2010), as consoantes fricativas e as oclusivas possuem pesos relativamente altos para o favorecimento da regra, mas as labiais são preponderantes para o alicamento da pretônica /o/. Nesse ponto, podemos concordar com as autoras, já que neste trabalho encontramos dados com contexto precedente labial que confirmam essa constatação, como '*fuguera, fulião, fulia, pudemus, pudé*'.

Para os dados de escrita de Bençal (2014), apenas as consoantes alveolares e velares foram selecionadas pelo programa estatístico. As alveolares foram favorecedoras do alçamento, com peso relativo 0.59, e as velares, com peso 0.45, foram desfavorecedoras do processo.

Mesmo que a variável selecionada para o alçamento da vogal pretônica /o/ tenha sido apenas o Contexto precedente – Modo de articulação, temos em nossos dados termos como '*pasturinha, cubria, durmia, fulião, fulia, cumigu, cumedidu*', nos quais observamos a aplicação da regra de Harmonia Vocálica.

Também constam em nossos dados termos como '*puê, pudemus, culher, Jusé, suberam, aguverná*', cujas vogais tônicas não favorecem a aplicação da regra de harmonização, mas, mesmo assim, a pretônica /o/ alçou para [u], tendo como motivador as consoantes contínuas (labiais).

5.3 Conclusão sobre o alçamento das vogais /e/ e /o/ nos Hinos de Folia de Reis – Montes Claros/MG

Ao analisar os dados com base nos resultados fornecidos pelo programa *GoldVarb X*, percebemos que os fatores favorecedores da regra de alçamento não foram os mesmos para as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ nos dados selecionados a partir dos hinos de Folia de Reis em Montes Claros/MG. Assim, para compararmos os resultados tratados até aqui, apresentamos o quadro abaixo.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	VARIÁVEL DEPENDENTE			
	Alçamento das vogais médias pretônicas			
Fatores Seleccionados	/e/ > [i] Peso	Relevância	/o/ > [u] Peso	Relevância
Contexto precedente Modo de Articulação <i>Contínuo</i> <i>Ausência de Consoante Precedente</i>	0,60	5°	0,62	único
Contexto precedente Ponto de Articulação	eliminado		eliminado	
Contexto seguinte Modo de Articulação <i>Ausência de consoante</i>	eliminado		eliminado	
Contexto seguinte Ponto de Articulação <i>Labial</i>	eliminado		eliminado	
Altura da vogal tônica <i>Média baixa</i>	eliminado		eliminado	
Qualidade da vogal tônica Nasal	0,76	3°	eliminado	
Distância da sílaba tônica <i>Distância 1</i>	eliminado		eliminado	
Distância do início da palavra <i>Distância 2</i>	0,95	2°	eliminado	
Tipo de Sílaba <i>Pesada</i>	0,90	1°	eliminado	
Item lexical <i>Substantivo</i>	0,62	4°	eliminado	

Quadro 6 – Comparativo dos resultados.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O quadro comparativo mostra-nos que, para o mesmo fenômeno, o programa estatístico selecionou nas rodadas *stepping up* fatores diferentes, assim como ordem de relevância também diferentes, para o alçamento das vogais médias altas /e/ e /o/ na pauta pretônica.

A única variável selecionada pelo programa igualmente para as duas vogais foi *Contexto precedente – Modo de Articulação* e, mesmo assim, com relevâncias diferentes. Enquanto para o /e/ a variável foi a quinta selecionada, com o fator *Ausência de Consoante precedente*, para a vogal /o/, foi a única variável selecionada, com o fator *Contínuo*.

Quanto à variável *Altura da vogal tônica*, que sugere o alçamento por Harmonização Vocálica, essa variável não foi selecionada para nenhuma das duas vogais médias pretônicas /e/ e /o/, o que nos indica que os outros fatores foram mais importantes para o alçamento, assim como não podemos confirmar que essa regra variável predomina no processo de alçamento das vogais médias altas em posição pretônica.

Tal informação nos faz concordar com Tondineli, que analisou os dados de fala em Montes Claros/MG, e

Quanto ao fenômeno do alçamento, tão caracterizado na literatura como harmonização vocálica, verificou-se que, na região de Montes Claros/MG, a presença das vogais altas em posição tônica não foi o fator que mais favoreceu o alçamento; ao contrário, foram as baixas (...) as que mais favoreceram sua realização do alçamento (TONDINELI, 2010, p. 144).

Neste trabalho, percebemos que há a ocorrência de alçamentos caracterizados pela Harmonia Vocálica, mas nos deparamos, também, com realizações indicativas de difusão lexical, pois a variação das vogais médias em posição pretônica ocorre em determinados contextos em um item lexical e, sob condições similares, não ocorre em outro item, como os casos '*alegria, Aparecida/Aparicida, Jesus, padecidu, emola/ismola, espírito/íspirito, cobri/cubria*'.

Nesse sentido, mesmo apontando os contextos fonéticos que favorecem ou não a variação, encontramos itens, em ambientes favorecedores, que não alçaram, como é o caso da palavra *Jesus* que não alçou sequer uma vez, em 25 ocorrências, e itens, em ambientes considerados desfavorecedores, que alçaram, como *apariceu, similhaça, fuguera, Jusé*.

Viana (2008) também apontou em seu trabalho dados com proeminências de atuação lexical quanto à variação das vogais médias pretônicas. Ela argumenta que há três situações indicativas de difusão lexical,

A primeira postula que dada uma regra $A \rightarrow B/C_D$, há nomesmo item lexical, estruturas CBD coexistindo com estruturas CAD. A segunda envolve os itens lexicais que possuem contexto fonológico para que alcem, mas não alçam e assim apresentam estruturas CAD. A terceira refere-se aos itens lexicais que não apresentam contexto para que sofram o processo de alteamento, mas alçam mesmo assim (VIANA, 2008, p. 95).

Assim, percebemos que as vogais médias pretônicas flutuam foneticamente, ora em ambiente favorecedor, ora em ambiente desfavorecer da variação.

Viegas (1987), em seu trabalho sobre o falar em Belo Horizonte/MG, já havia destacado que a implementação do alçamento ocorre devido à frequência de alguns itens lexicais, pois a regra não atinge todas as palavras, mas vocábulos mais frequentes para o alçamento.

Diante disso e das variáveis selecionadas pelo *GoldVarb X* para o alçamento das vogais médias pretônicas no PB, a partir dos dados coletados em Montes Claros/MG nos hinos de Folia de Reis, compreendemos que essa flutuação sobre o sistema pretônico está

no falar Português Brasileiro e que “a variabilidade envolvendo as vogais médias pretônicas perpassa os séculos XVIII e XIX com as mesma força já identificada em períodos anteriores e persiste até os dias de hoje” (MAGALHÃES, 2013, p. 45-46).

5.4Quadro Comparativo: dados de Montes Claros

Neste tópico procuramos traçar um paralelo entre os dados de nossa pesquisa e do trabalho de Tondineli (2010). Vale ressaltar que, embora os dois trabalhos abordem dados a partir do falar montes-clarense, nosso *corpus* foi constituído de Hinos de Folias de Reis já gravados e o *corpus* de Tondineli (2010) referem-se a dados de fala espontânea.

Para melhor apreciar os dados obtidos nos dois trabalhos, elaboramos o quadro abaixo, onde constam as variáveis e os pesos relativos gerados pelos programas estatísticos.

Decidimos relacionar as variáveis selecionadas no trabalho de Tondineli (2010) e acrescentar as variáveis utilizadas em nosso trabalho para observar os dados das duas pesquisas.

Variável	Tondineli (2010)		Nossos dados	
	Dados de fala (espontânea)		Dados de cantoria (gravação)	
	/e/	/o/	/e/	/o/
	1413/5078	462/3299	44/265	36/89
Vogal da sílaba seguinte (vogal da sílaba tônica)	[u] (0,73), [i] (0,66), [ɔ](0,62), e [o] (0,54), ass[i]g[u]rar, acon[t]i[c]i[a], m[i]lh[ɔ]re, m[i]lh[o]rou	[ɛ] (0,59), [e] (0,68), [i] 0,80), [u] (0,56) c[u]m[é]ça, b[u]n[i]to, g[u]v[e]rno c[u]st[u]ma	Média alta (0,65) Média baixa (0,65) <i>‘aparíceu’</i> <i>‘ismola’</i>	Alta (0,59) <i>‘pasturinha,’</i> <i>fulião’</i>
Vogal da sílaba precedente	Ausência (0,63) b[i]zerro, p[i]rigo, s[i]guro, [i]xistia e t[i]atro.			
Contexto seguinte (consonantal)	Vogal (0,88), fricativas (0,65), nasais (0,54) san[i]amento e t[i]atro, b[i]xiga e	fricativas(0,66), vogal/semivogal (0,68), nasal (0,58) v[u]mitando, J[u]se, d[u]acao,	Contínuo (0,59)	Contínuo (0,50) Não contínuo (0,49)

	J[i]sus), m[i]nino e s[i]mestre	apr[u]veitar, raz[u]aveis,		
Contexto precedente (Modo de articulação - consonantal)	Ausência (0,87), vogal (0,70), Paca[i]mbu e nasal (m[i]ntindo; m[i]lhorar; m[i]dida),	fricativas (0,53), oclusivas (0,60), semivogais (0,70), vogais (0,91), f[u]rtuna), b[u]cado, ma[y][u]ria), pr[e][u]cupa	Ausência(0,76) <i>istamus, istrada'</i>	Contínuo (0,62) <i>'fuguera, jusé'</i>
Status de tonicidade	Átona permanente (0,62) m[i]nino e s[i]nhora	Átona permanente (0,63) c[u]nversar, c[u]sturava		
Distância da sílaba tônica	Distância 2 (0,59) pr[i]cisava	Distancia 1 (0,57) b[u]cado.	Distância 1 (0,55) <i>'agradicimentu'</i>	Distância2 (0,58) <i>'cumedidu'</i>
Nasalidade (qualidade da vogal tônica)	Nasal (0,59) ac[i]ndia		Nasal (0,76) <i>'agradicendu'</i>	Oral (0,53)
Classe morfológica (item lexical)	Palavras compostas (0,86) <i>'disvalorizados, dismiricia impimentada, sobrinome'</i>	Verbo (0,68) c[u]nserir	Substantivo (0,62) <i>'similhança'</i>	Verbo (0,49) Substantivo (0,50) <i>'aguverná' 'fuguera'</i>
Posição da pretônica		Inicial (0,58) c[u]chilo		
Distância do início da palavra			Distância 2 <i>agradicendu, aparicida</i>	Distância 0(0,48) Distância 1 (0,54) <i>'pasturinha'</i>
Tipo de sílaba			Pesada' <i>'iscreveu, dispidida'</i>	Leve (0,52) Pesada (0,23)

Quadro 7 – Comparativo: dados de Montes Claros.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A partir do Quadro 7, observamos que para a variável Vogal da sílaba seguinte, que denominamos Vogal da sílaba tônica, os dados de Tondineli (2010) apontam as vogais altas [i, u] como maiores favorecedoras de alçamento para /e/ e a vogal alta [i] como favorecedora do alçamento do /o/. Tal variável não foi selecionada em nossa análise.

Conforme resultados do programa estatístico as vogais médias são mais favorecedoras de alçamento do /e/ e a vogal alta para alçamento do /o/.

Quanto à variável Contexto seguinte, para o qual consideramos apenas contextos consonantais, Tondineli (2010) apontou a vogal como principal favorecedora do alçamento de /e/ e a presença de vogal e semivogal como favorecedoras do alçamento do /o/. Nosso estudo, que não considerou para essa variável a presença de vogal e semivogal, indica que o fator consoante contínua como favorecedor do fenômeno, embora essa variável não tenha sido selecionada para nenhuma das duas pretônicas e também, conforme os pesos relativos, não se mostraram importantes para análise.

Já a variável Contexto precedente, para a qual consideramos o modo de articulação da consoante, foi selecionada tanto para a nossa análise quanto para a de Tondineli (2010). Nos dois trabalhos, o fator favorecedor de alçamento do /e/ é a ausência de contexto precedente. Quanto ao /o/, concordamos que o modo fricativo é favorecedor do fenômeno.

A variável Distância da sílaba tônica não foi selecionada em nossa análise, mas aponta a Distância 1, com uma sílaba entre a tônica e pretônica em análise, como favorecera do alçamento tanto de /e/ quanto de /o/. Os resultados de Tondineli (2010) concordam com os nossos para a pretônica /e/, quanto ao alçamento do /o/, o fator mais favorecedor é não haver nenhuma sílaba entre a tônica e a pretônica.

Quanto a Nasalidade, Tondineli (2010) considerou o fator para a própria pretônica, ou seja, se a sílaba pretônica for nasal, ela tende a alçar. Nosso trabalho constatou que a nasalidade da sílaba tônica é favorecedora do alçamento do /e/, mas não foi selecionada para análise do /o/, porém o peso relativo gerado pelo *GoldVarb X* indica a tônica oral como melhor favorecedora.

A variável Item lexical, selecionada em nosso trabalho apenas para análise da pretônica /e/, aponta o substantivo como principal favorecedor do alçamento. Quanto à análise do /o/, essa variável mostra-se neutra. Tondineli (2010) utilizou a nomenclatura Classe morfológica e indicou os fatores diferentemente do nosso trabalho. Para ela, as palavras compostas são as principais favorecedoras do alçamento do /e/ e os verbos do /o/.

Tondineli (2010) ainda apresentou variáveis que não foram coincidentes com o nosso trabalho, como Vogal da sílaba precedente, importante apenas para alçamento do /e/, *Status* de tonicidade, Posição da pretônica, selecionada apenas para análise do /o/.

Em nossa pesquisa, também utilizamos outras variáveis, como Distância do início da palavra, selecionada apenas para análise do /e/ que não se apresentou muito relevante, Tipo de sílaba, selecionada e favorecedora para alçamento do /e/.

Tondineli (2010), assim como nós, constatou que as vogais médias são favorecedoras do alçamento, como também observou que, mesmo com a presença das vogais altas [i, u] como favorecedoras do alçamento das vogais médias /e/ e /o/ pretônicas, condizente com a aplicação da regra de Harmonia Vocálica, há alçamentos em que a regra de harmonização não se manifesta, mesmo havendo contexto para aplicação da regra, como em *'p[o]pulacao, dev[o]lucao, c[o]nsiderada, aut[o]rizarer, v[o]luntaria, pr[o]dutivo, c[o]mplicado, esc[o]tismo, l[o]binhos, P[o]rtugal, assess[o]ria, H[o]rizonte, pr[o]dutos'*.

No estudo de alçamento das vogais médias pretônicas a partir dos Hinos de Folia de Reis em Montes Claros/MG, não controlamos nenhuma variável extralinguística. Por outro lado, Tondineli (2010), controlou variáveis extralinguísticas e, ademais, destacou a “ausência de significância estatística em relação aos fatores extralinguísticos – sexo, faixa etária, grau de escolaridade e classe social” (TONDINELI, 2010, p. 142). Para ela, tal resultado aponta para indícios de difusionismo lexical.

Os resultados de nossa pesquisa corroboram o que ficou preconizado nos estudos de Tondineli (2010). Os dados indicaram, no percurso das análises, que não se tratava de um processo predominantemente neogramático e, ao final, pode-se confirmar o distanciamento de uma explicação baseada no condicionamento fonético para o alçamento das vogais médias /e/ e /o/ na pauta pretônica.

Ao confrontarmos as duas pesquisas, concluímos que a fala, por fornecer grande quantidade de dados, em virtude da espontaneidade do indivíduo, revela também maior alcance para os estudos variacionistas. Já os dados da música, embora reproduzam uma maneira de falar – transferida para a cantoria – diferem da espontaneidade da fala. Hipotetizamos que, em algum momento da transmissão do mestre para o aprendiz dentro da hierarquia do Terno de Folia, esses hinos tiveram como ponto de partida a linguagem escrita, ou formal ou a escrita informal baseado na oralidade.

Assim, os dados da cantoria posicionam-se, naturalmente, a alguma distância daqueles da escrita e da fala, revelando, pois, uma outra modalidade de uso da linguagem. Contudo, também a cantoria no PB demonstrou e justificou o principal objetivo deste trabalho que é o estudo da variação das vogais médias altas no sistema vocálico pretônico da língua.

De fato, fica claro, especialmente nas pesquisas com fala espontânea, que o processo de alçamento da vogal média pretônica se dá ou pelo processo de Harmonia Vocálica, que vai em direção da hipótese neogramática, ou pela Difusão Lexical.

Em nosso trabalho, esperávamos a predominância de atuação da Harmonia Vocálica, no entanto a presença de vogal alta na sílaba tônica não foi o fator de relevância para os alçamentos. Acreditamos que isso se deve por se tratar de linguagem cantada. Portanto, percebemos que há um indício de difusão lexical, como também foi apontado por Tondineli (2010), uma vez que há “uma mudança de som que ocorre por si mesma sem motivação” (BISOL, 2009, p. 88).

Conforme a perspectiva neogramática, a mudança linguística atingiria o léxico de forma regular, pois esse modelo pauta-se no princípio de que as línguas são reguladas por leis da evolução fonética que “agem de maneira absolutamente regular, atribuindo exceções apenas à analogia”, ou seja, “a língua, como atividade humana, é regulada por princípios” (VIANA 2008, p. 20), e, neste trabalho de investigação do processo de alçamento das pretônicas, se concretizaria pela constatação de que o alçamento é realizado predominantemente pela aplicação da regra de Harmonia Vocálica.

Desse modo, ao averiguar que a variável referente à aplicação da Harmonia Vocálica não foi selecionada para análise e a observância de itens alçados que não poderiam ser explicados pela regra, concluímos que os dados de nossa pesquisa contrariam a visão neogramática.

Na verdade, os resultados gerados pelo programa estatístico direcionaram-nos para outro viés: a tese difusionista; pois os *corpus* desta pesquisa e, também, as variáveis selecionadas pelo programa estatístico para a análise dos dados tendem mais para o fenômeno de alçamento sem motivação aparente.

Bisol (2009) explica que esse processo acontece porque não há ambiente fonético que favoreça o alçamento e, mesmo assim, ele ocorre. Para Bisol (2009, p. 86), um processo difusionista privilegia determinadas partes do léxico ou de certas variedades de fala para expandir-se gradativamente, independentemente de uma exclusiva motivação sonora.

Para confirmar a tendência de condicionamento lexical, apontamos os seguintes argumentos

1) inúmeras exceções a determinadas mudanças fonéticas não podem ser explicadas unicamente por analogia e/ou empréstimos; 2) muitos processos fonológicos não são explicados somente por condicionamentos sonoros (...); e 3) nem todos os vocábulos que contêm o som em mudança são afetados simultaneamente e da mesma maneira (VIANA, 2008, p. 22).

Nessa direção, é possível assinalar dados que demonstram evidências de que “Ora as palavras coexistem alteradas ou não, ora apresentam ambientes favorecedores de variação e não variam e, ainda, ora apresentam ambientes desfavorecedores da variação e variam” (VIANA, 2008, p. 94), como

- 1) Coexistência de variação e manutenção: *‘agradecê, agradicendu, pequenu/piquenu, semelhança/similhança, dispidida/despedita, cobria/cubria, dormia/durmia, folião/fulião, folia/fulia, governa/guverná, podê/pudê, pastorinha/pastorinha’;*
- 2) Ambiente favorecedor e sem alçamento: *‘Espíritu, freguesia, pequeninus, especial, fotopogia obriga, reviva, Jesus’;*
- 3) Ambiente desfavorecedor com alçamento: *‘ajuelharam, juelhamus, aguverná, apariceu, culher, cumê, pudê, Jusé’.*

Para nós, esses exemplos revelam realizações indicativas de difusão lexical, porque as flutuações não se mostram regulares, há palavras como *‘Jesus’* e *‘reviva’*, que potencialmente poderiam sofrer a alteração sonora na pretônica e não alçaram, e outras como *‘Jusé, aguverná, cumê’*, que não possuem contexto para o fenômeno e, praticamente, todos os dados registrados foram afetados pelo alçamento.

Cumprimo-nos acrescentar que, conforme os preceitos difusionistas, as mudanças são foneticamente abruptas e gradativamente implementadas no léxico, isto é, as mudanças atingem primeiramente algumas palavras e expande-se para outras que apresentam estrutura semelhante.

Nesse sentido, a visão difusionista desconsidera a regularidade estabelecida na teoria neogramática e pauta-se na existência de irregularidades, ou melhor, para essa

perspectiva mesmo que haja condicionamentos fonéticos, há também a possibilidade de alteração sonora que não tenha necessariamente um motivador fonético.

Mesmo assim, não temos como objetivo investigar a hipótese, se neogramática ou difusionista, que se sustenta. Por certo, a intenção primeira fora delinear o cenário variável do sistema vocálico pretônico atuante em Montes Claros/MG, que se reflete nas melodias de Folia de Reis, com foco nas vogais /e/ e /o/. No entanto, não temos como estabelecer nenhum dos dois paradigmas como verdade absoluta, porque o que há são “dados mais apropriados para serem analisados via difusionismo e dados mais apropriados para serem analisados via linha neogramática” (BISOL, 2009, p. 75).

Concluimos neste estudo que, a partir de qualquer de uma das três modalidades da linguagem: oral, escrita ou cantada, as vogais pretônicas no PB são definitivamente um fenômeno variável e hipotetizamos que permanecerá assim por muito tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco desse estudo foram as variações de /e/→[i] e de /o/→[u], em posição pretônica, cujo *corpus* foi constituído por dados extraídos de 18hinos de Folia de Reis de Montes Claros/MG, ou seja, não se trata nem de dados de fala nem de escrita, mas de cantoria, entendida aqui como uma forma de realização da língua. Foram 496 dados obtidos, mas 354 utilizados na análise, sendo 44 realizações de [i] e 36 de [u] que permitiram confirmar ou refutar as hipóteses propostas no início da pesquisa.

Para o alçamento da vogal /e/, as variáveis selecionadas foram, na sequência de ordem do programa, (i) Tipo de sílaba – *sílaba pesada* foi o fator mais favorecer do processo com peso relativo 0,90; (ii) Distância do início da palavra – *Distância 2*, com peso relativo 0,95; (iii) Qualidade da vogal tônica – *nasal*, com peso relativo 0,76; (iv) Item lexical – *Substantivo*, com peso 0,62; (v) Contexto precedente Modo de articulação – *Ausência de consoante*, com peso relativo de 0,76.

Para o alçamento da vogal /o/, a única variável selecionada foi (i) Contexto seguinte – Modo de articulação *Contínuo*, com peso relativo 0,62.

A variável Contexto precedente Modo de Articulação foi selecionada igualmente para as duas vogais médias, mas com fatores distintos, e a presença de vogal alta na sílaba tônica não foi determinante do alçamento em nenhum dos casos.

Desse modo, em cumprimento aos objetivos específicos definidos para este trabalho, quanto às vogais médias, podemos afirmar, a partir dos resultados obtidos, que o sistema vocálico pretônico de Montes Claros/MG, assim como já foi confirmado em diversos estudos realizados acerca do Português Brasileiro, sofre flutuações que fazem essas vogais serem realizadas como vogais altas. Nesse sentido, as vogais /e/ e /o/ podem passar a [i] e [u] em contexto pretônico.

Em relação às hipóteses apresentadas, concluímos, em comparação aos dados de fala e de escrita de trabalhos já realizados, que nas cantorias dos Ternos de Folia de Reis há a transferência das pronúncias do falante para a música e a variação da vogal pretônica, pelo processo de alçamento, permitiu-nos validar essa proposição. Nessa direção, consecutivamente, as cantorias de Folia representam um reflexo do falar do norte-mineiro.

Mesmo que tenhamos coletado um número mais considerável de ocorrências de /e/ do que de /o/, as ocorrências de alçamentos de /o/ → [u], de 55/89, foram maiores do que de /e/ → [i], de 36/265. Assim, a hipótese de que há maior número de ocorrências de alçamento do /e/ do que do /o/ em posição pretônica não pode ser confirmada.

Também a hipótese de que a regra variável de Harmonia Vocálica se aplica na maior parte das ocorrências de alçamento das vogais médias pretônicas e o gatilho motivador ser uma vogal alta na sílaba tônica imediatamente seguinte foi refutada, pois a variável que revela essa hipótese não foi selecionada para análise de nenhuma das duas vogais pretônicas /e/ e /o/, e o gatilho revelado na análise do programa estatístico *GoldVarb X* foi a presença das vogais médias na sílaba tônica para o /e/ e a predominância de vogal alta na sílaba tônica para o /o/.

Já a hipótese de que os contextos de alçamentos das vogais pretônicas /e/ e /o/ são distintos foi confirmado, pois apenas uma variável – Contexto precedente Modo de articulação – foi selecionada para as duas vogais, com fatores diferentes – *Ausência de consoante inicial* para /e/ e *modo Contínuo* para /o/.

A hipótese de que as pretônicas mais próximas da sílaba tônica e as mais próximas do início da palavra são mais favoráveis ao alçamento foi desaprovada, pois para a vogal /e/, a variável Distância do início da palavra confirmou a *Distância 2* – duas posições silábicas depois do início da palavra, mesmo que esta variável não tenha se mostrado produtiva. Para a vogal /o/, a variável que controla essa hipótese não foi selecionada.

Nesse sentido, a partir do trabalho realizado, podemos expor que investigar fenômenos inerentes à língua em contexto de musicalidade, a partir de indicadores percentuais e probabilísticos, não pode ter a pretensão de se tornar indiscutível, mas os resultados desta dissertação permitem delinear novos caminhos acerca da investigação das flutuações das vogais médias em posição pretônica.

Por fim, acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para a histórica de Montes Claros/MG, assim como esperamos que sirva de informação para ampliação dos estudos do sistema pretônico brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Liana. **A Folia de Reis em Janaúba**: sua prática na cultura de massa. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2006.

ALKIMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda. BENTES, Ana Cristina (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital** – Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, on line. Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em 20 de jan. de 2016.

BATISTI, Elisa. VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico do Português. In: BISOL, Leda (org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BENÇAL, Daye Rosane. **O alçamento de médias altas e o abaixamento de altas na pauta pretônica nos manuscritos castrenses do século XIX**. 2014. Dissertação (Mestrado em da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Mateus 2, 1-2; 9-10; 1). Disponível em: <www.bibliaonline.com.br>. Acesso em 20 de mai. de 2015.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**. 1981. 332f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. A Neutralização das Átonas. **Revista Letras**. Curitiba: UFPR, n.61, especial, 2003, p. 273-283.

_____. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, Leda. COLLISCHONN, Gisela (Org.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BISOL, Leda. COLLISCHONN, Gisela (orgs.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BISOL, Leda; MAGALHÃES, José Sueli de. A redução vocálica no português brasileiro: avaliação via restrições. **Revista da Abralín**, v. III, p. 195-216, 2004.

BISINOTTO, Allyne G. MAGALHÃES, José de S. O alçamento variável das vogais /e/ e /o/ pretônicas no falar urbano de Ituiutaba-MG. In: MAGALHÃES, José de S (org). **Fonologia**. Uberlândia: EDUFU, 2014.

BORGES, Gislei Lúcia. Uma análise sobre as vogais pretônicas do município de Uberaba/MG. **A MARGem Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes**, Uberlândia - MG, Ano 1, n. 2, p. 79-93, jul./dez. 2008.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. ROCHA, Fabiane de Melo V. SANTOS, Elisa Ramalho. Vogais médias pretônicas em início de vocábulo na fala do Rio de Janeiro. In: **Revista LETRAS & LETRAS**, V. 28, N. 1, jan./jun. 2012 - Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 20 de ago. de 2015.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de Regra Variável e o Programa Varbrul 2S. In: BISOL, Leda. BRESCANCINI, Cláudia Regina. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CALLOU, Dinah. LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 5 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1995.

_____.LEITE, Yonne. MORAES, João. O vocalismo do português do Brasil. In: **Letras de Hoje**. v. 31, n. 2. Junho/1996.

_____.LEITE, Yonne. MORAES, João. A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil: processo(s) de variação estável. In: **Letras de Hoje**. v. 37, n. 1. Março/2002.

_____. LEITE, Yonne. COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. In: **Organon**. v. 5, n. 18. Junho/1991.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Para o estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 46. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2014.

CATOLICISMO Revista de Cultura e Atualidades. **Festas de Agosto em Montes Claros**. 1994.

CELIA, Gianni Fontis. **Variação das vogais médias pretônicas no português de Nova Venécia – ES**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas - SP, 2004.

CHAVES, Danisa. **Folia de Reis na cidade de Três Corações**: um estudo sobre cultura popular na Festa de Reis. 2011. (Dissertação- Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde- UNICOR- Três Corações- MG.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (Org) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 101-130.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. **Fonética e Fonologia do português**: Roteiro de estudos e guia de exercícios. 8 ed. São Paulo: Contexto 2005.

_____. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, Izete L. C. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda (Org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 101-130.

CUNHA, Angélica F. da. COSTA, Marcos Antônio. MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARNEIRO, Dayana Rúbia. MAGALHÃES, José S. As vogais pretônicas na cidade de Araguari: uma análise variacionista. In: MAGALHÃES, José S (Org). **Fonologia**. Série Linguística in focus 10. Uberlândia: EDUFU, 2014.

DAZZI, Camila, DUTRA, Adriana da Rocha Silva, SANCHES, Diego Bonan. Três Picos, religiosidade popular e fé por meio da educação patrimonial: uma ação de salvaguarda para a Folia de Reis Estrela da Guia em Nova Friburgo. **EDU.TEC. Revista da FAETEC**. 8. ed., a. V, v. 01, n 01. 2013. Disponível em:<<http://www.facterj-caxias.net/revista/index.php/edutec/article/viewFile/167/174>>. Acesso em 20 jul. de 2015.

DIAS, Melina Rezende. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e Ouro Branco**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Parábola, 2005.

FELICE, Ana Carolina Garcia Lima. **Um estudo variacionista e fonológico sobre o alicamento das vogais médias pretônicas na fala uberlandense**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

FERREIRA, Heridan de Jesus Guterres Pavão. SOUSA, Rayron Lennon Costa. BELO, Aldenora Márcia. Variação dialetal nas cantigas de reisados: usos e desusos no município de São Bernardo – MA. In: **Web-Revista SOCIODIALETO**. v. 4, n. 10, Jul/2013.

FIPMOC. Faculdades Integradas Pitágoras. **PROJETO PEDAGÓGICO CURSO DE PEDAGOGIA**. p. 7-8. Disponível em:<<http://www.fip-moc.edu.br/boletim/Projeto%20Pedagogico/Pedagogia/files/basic-html/page7.html>>. Acesso em 20 de jul. de 2015.

FONTE, Juliana Simões. As vogais do português. In: FONTE, JS. **Rumores da escrita, vestígios do passado: uma interpretação fonológica das vogais do português arcaico por meio da poesia medieval**[on line]. São Paulo: Editora UNESP, Cultura Acadêmica, 2010. <https://doi.org/10.7476/9788579831027>

FREITAG, Raquel Meister Ko.; MITTMANN, Maryualê Malvessi. GoldVarb 2001: Comandos e recursos da ferramenta computacional na análise de regras variáveis. 5ª semana de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

GOMES, Fernanda Silva. **Discursos contemporâneos sobre Montes Claros: (re)estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **Folia e fé: performance e identidade nas festas de Santos Reis em João Pinheiro (MG)**. 2010. Disponível em: <https://enap2010.files.wordpress.com/2010/03/maria_celia_silva_goncalves1.pdf>. Acesso em 10 de fev. de 2015.

GUIMARAES, Rubens Vinicius Martins. **Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões Norte e Sul de Minas Gerais**. 2006. 212 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007. 239 p.

KIMO, Igor Jorge. Estratégias de Manutenção em um Terno de Folia de Reis do Norte de Minas. In: **ANPOM – Décimo Quinto Congresso**. 2005.

KIMO, Igor Jorge. **Música, ritual e devoção no terno de Folia de Reis do mestre Joaquim Poló**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. 2006.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Arlington: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LYONS, John. **Lingua(em) e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MAGALHÃES, José Sueli de. A redução vocálica no Português Brasileiro por diferentes modelos fonológicos. In: DA HORA (Org.). **Vogais no ponto mais oriental das Américas**. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 65-87.

_____. Alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX. **Revista do GELNE, UFRN**, Natal, 2013. p. 31-47. v. 15.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, Edson Ferreira. Atlas linguístico do Estado de Minas Gerais: o princípio da uniformidade da mudança linguística nas características fonéticas do português mineiro. In: **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 4, n. 7, agosto, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MEILLET, Antoine. L'état Actuel des Études de Linguistique Générale. In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1906].

MENDONÇA, Raquel. Folias de Reis em Montes Claros e arredores. **Página Cultura Arte e Fatos**. 2004. Disponível em: <<http://patrimonioculturalmoc.blogspot.com.br/2014/01/folias-de-reis-em-montes-claros-e.html>>. Acesso em 01 de jul. de 2015.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamentos estatísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

OLIVEIRA. Marco Antônio. Aspectos da Difusão Lexical. **Revista Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, n. 1, p. 31-41, jul./dez. 1992.

_____. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: ALBANO, Eleonora; COUDRY, Maria Irma Hadler; POSSENTI, Sírio; ALKIMI, Tânia (Orgs.). **Saudades da Língua**. 1. ed. Campinas, Mercado das Letras, 2003. P. 605-620.

OLIVEIRA, Flávia Freitas de. **O acento variável das vogais médias pretônicas na fala dos goianos de Catalão**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Departamento de Letras, 2013.

PAULA, Hermes Augusto de. **Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes**. Belo Horizonte: Minas Grafica, 1979.

REIS, Filomena Cordeiro. REIS, João Olímpio dos. RUAS, Felipe Ribeiro. O bairro Santos Reis e o Centro de Montes Claros: o exercício de pesquisa como prática educativa. **VI Congresso Norte Mineiro de Pesquisa em Educação - Universidade, História e Memória**. 2014.

REZENDE, Fernanda Alvarenga. **O processo variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo-MG**. 2013. (Dissertação-Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

SÁ JÚNIOR, Lucrecio Araújo. Imaginário e representação na memória coletiva das vozes em latim dos benditos populares. **Gragoatá**, Niterói, n. 27, p. 219-234, 2. sem. 2009.

SANTOS, Aracelly Cristina dos. Tradição oral: nos trovadores e no terno de reisado. **Web Revista Linguagem, Educação e Memória**, ed. 1, Nov. 2011. Disponível em: <<http://www.giacon.pro.br/lem/EDICOES/01/Arquivos/santos.pdf>>. Acesso em 20 de jul. de 2015.

SAUSSURE, Ferdinand. de. **Curso de Linguística Geral**. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda. BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2002.

SILVA, Ailma do Nascimento. **As pretônicas no falar Teresinense**. 2009. (tese-doutorado em letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS.

SILVA, Ângela Maria. et al. **Guia para normatização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses**. 5. ed. Ver. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SILVA, Francisco Borges da. Contribuições Lingüísticas: dos estudos Saussurianos aos estudos Modernos. **Travessias Educação, Cultura, Linguagem e Arte**. v.003. Julho, 2008. Disponível

em:<http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_003/linguagem/CONTRIBUIAOES%20LINGUISTICAS.pdf>. Acesso em 20 de ago. de 2015.

SOARES, Nelson Souza. Pequenos e Grandes Mestres de Folia: Uma Análise do Processo de Ensino-aprendizagem Musical em um Terno de Folia. In: **Anais XVI Congresso Anual da ABEM**. Outubro, 2007. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.org.br/Masters/anais2007/Data/html/pdf/art_p/Peque%20nos%20e%20Grandes%20Mestres%20de%20Folia.pdf>. Acesso em 20 de jul. de 2015.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

TONDINELI, Patricia Goulart. **A variação fonética das vogais médias pré e postônicas na variedade linguística de Montes Claros/MG**. Belo Horizonte, 2010. (Dissertação-Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras.

VIANA, V. F. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008.

VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística**. Belo Horizonte: UFMG, 1987. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact: findings and problems**. The Hague, 1964.

_____. LABOV, Willian. HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.